REVISTA DA SEMANA

FAMÍLIA DAS ARÁBIAS

•

A VIRGEM DE FÁTIMA EM CRUZ ALTA



CARNAVAL NA BÔLSA

Um Livro para cada Gôsto!



219 — 500 Testes de Português 15,00
230 — Como se Fizeram as Grandes Fortunas .. 15,00
233 — Fotografia para Principiantes 15,00
234 — Manual do Fotógrafo Amador 15,00
235 — Fotografia em Perguntas e Respostas 15,00
237 — Guia de Redação Oficial 15,00
244 — Técnica de Injeções e Curativos 15,00
246 — Aprenda a Fotografar 15,00
253 — As Leis Trabalhistas Simplificadas 15,00
260 — Guia do Crack 15,00
263 — Manual do Escoteiro 15,00
65 — O Banho (E. Zola), O Beijo, (Tchekov) e outros contos 15,00
178 — Grandes Cortesãs — Henry de Kock — I volume 15,00
217 — Grandes Cortesãs — Henry de Kock — II volume 15,00
223 — O Conde de Monte Cristo — Alexandre Dumas 10,00
228 — O Moço Loiro — J. Manuel de Macedo 10,00
240 — A Escrava Isaura — Bernardo Guimarães 10,00
243 — Amôres de um Médico — J. Manuel de Macedo 10,00
245 — O Jogador — Dostoiewski 10,00
248 — Romance de Um Moço Pobre — Octavio Feuillet 10,00
249 — O Grande industrial — George Ohnet .. 10,00
252 — A Ilha do Tesouro — Robert Louis Stevenson 10,00
254 — Paulo e Virgínia — B. de Saint-Pierre .. 10,00
255 — Jane Eyre — Charlotte Brontë 10,00
265 — Orgulho e Preconceito — Jane Austen 10,00
269 — Tereza Raquim — Emile Zola 10,00
274 — A Namoradeira — Joaquim Manuel de Macedo 10,00
13 — Como Ler os Pensamentos 15,00
85 — A Arte de Fazer Doces 15,00

93 — A Arte e Técnica do Beijo 15,00
123 — Regras e Táticas de Xadrez 15,00
129 — Jiu-Jitsu sem Mestre 15,00
135 — Natação sem Mestre 15,00
143 — Modelos de Cartas Comerciais 15,00
146 — Rádio para Principiantes 15,00
147 — Métodos para Hipnotizar 15,00
149 — Regras de Etiquêta Social 15,00
152 — Os Sonhos, o Riso e as Mulheres 10,00
154 — Trovas e Modinhas Populares 15,00
158 — Aprenda a Fazer Mágicas 15,00
159 — Aprenda a Viver .. 15,00
162 — Formulário de Correspondência Social 15,00
163 — Modelos de Cartas Sentimentais 15,00
165 — Declarações de Amor 15,00
167 — Filosofia da Vida e do Prazer 15,00
171 — Aprenda a Fazer Versos 15,00
172 — Teoria e Prática do Existencialismo 15,00
173 — Regras e Táticas do Futebol de Mesa .. 15,00
182 — Regras para Vencer na Vida 15,00
185 — Contos do Vigário, Pulo dos Nove, etc. 15,00
186 — Você sabe Conversar? 15,00
187 — Guia de Massagens 15,00
206 — As Amantes do Imperador 10,00
207 — Crime e Castigo — Dostoiewski 10,00
208 — A Taberna — Emile Zola 10,00
210 — O Homem que Ri — Victor Hugo 10,00
213 — O Casamento e suas Formalidades 15,00
215 — A Bêsta Humana — Emile Zola 10,00
216 — Mademoiselle de Maupin — Theophile Gautier 10,00

218 — Ana Karenina — Leon Tolstoi 10,00
222 — Iracema — José de Alencar 10,00
224 — Ubirajara — José de Alencar 10,00
225 — Diva — José de Alencar 10,00
226 — A Viuvinha e Cinco Minutos — José de Alencar 10,00
227 — A Moreninha — Joaquim Manuel de Macedo 10,00
145 — Vença a Timidez Sexual 20,00
148 — Os Encantos da Mulher Nua (Poesias) . 15,00
150 — Curiosidades e Extravagâncias 15,00
151 — Fatos Curiosos e Inacreditáveis 15,00
153 — Fórmulas para Ganhar Dinheiro 15,00
155 — Os Três Mosqueteiros (Em Quadrinhos) — A. Dumas 15,00
156 — Assim se Emagrece Comendo 15,00
160 — Enfermidades Sexuais 20,00
161 — Conquiste Amizades 15,00
164 — Testes de Masculinidade e Feminilidade 15,00
166 — A Educação Sexual dos Filhos 20,00
168 — A Ortografia Correta 15,00
169 — Anedotas 15,00
174 — Manual da Vida Sexual 20,00
175 — As Primaveras — Casimiro de Abreu 10,00
176 — Canções do Exílio — Casimiro de Abreu 10,00
177 — Sucessos Musicais (Sambas e Valsas) 15,00
179 — Quo Vadis — Sienkiewincz 15,00
180 — Naná — Emile Zola 10,00
181 — O Retrato de Dorian Gray — Oscar Wilde 15,00
192 — 1001 Informações Uteis — 1º vol. 15,00
195 — Madame Bovary — Gustave Flaubert .. 10,00
80 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 1º vol. .. 15,00
144 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 2º vol. .. 15,00
189 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 3º vol. .. 15,00
196 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 4º vol. .. 15,00
193 — Dicionário de Nomes Próprios 15,00
197 — Horóscopos para todos 15,00
198 — As Chaves de Salomão 15,00
188 — Guia do Mecânico de Automóvel 15,00
190 — Regras Oficiais do Futebol 15,00
191 — A Cura da Impotência Sexual 20,00
194 — O Verdadeiro Livro de São Cipriano ... 15,00
199 — Homeopatia pata todos 15,00
200 — Galeria de Brasileiros Ilustres 15,00
209 — É Fácil Ganhar Dinheiro 15,00
211 — Regras e Comentários do Basquetebol 15,00
212 — Levantamento de Pêso 15,00
214 — Tenha Sangue Frio 15,00



PELO MESMO PREÇO: (10,00)

157 - Cock-tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 1
279 - Cock-tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 2
258 - RACHA-COCOS OU QUEBRA-CABEÇAS
259 - TRUQUES e Quebra-Cabeças c/ Números









LIVRO GRÁTIS!

NOS PEDIDOS ACIMA DE 10 LIVROS. VS PODE PEDIR MAIS UM GRÁTIS ATÉ CR$ 15,00









Editôra GERTUM CARNEIRO

AV. RIO BRANCO, 25 — DEP. 9-A — RIO

(Não temos catálogo)

Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

....

....

....

....

....

....

....

....

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado)

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10%

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....









A VIRGEM DE FÁTIMA em Cruz Alta

O MONUMENTO, OBRA DE ARTE E DE FÉ ★ AS ROMARIAS ★ GENTE DE PAÍSES VIZINHOS ★ CURAS MILAGROSAS

Reportagem de PRUDÊNCIO ROCHA

OS habitantes de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, que poderiam apontar nesta bela cidade, inúmeros motivos de orgulho, preferiram demonstrar — através de uma realização admirável — que os profundos sentimentos religiosos do nosso povo resistem ainda — e continuarão resistindo, sempre — à onda de corrupção e ateísmo que envolve o mundo dos nossos dias, e fazer dessa realização o seu motivo de orgulho. Numa pequena elevação de terreno, dentro dos limites da cidade, ergueram o maior e mais belo monumento à Santa Virgem de Fátima de que se tem notícia em todo o país.

De que consta êsse monumento? De uma imagem da Virgem medindo 6 metros de altura e pesando dez mil quilos, colocada sôbre um obelisco de mais de 20 metros de altura. Frente a êsse imponente monumento religioso, está colocada uma capela tôda envidraçada. Ao lado, um porta-velas para 200 velas — e, próximo, o maior orquidário da Serra e das Missões.

Não é, porém, apenas na imponência do monumento ou na beleza da imagem que reside o mérito dessa grande obra religiosa. O monumento de Fátima, em Cruz Alta, desde os tempos de sua construção, quando a primitiva imagem foi colocada na Igreja Matriz, tornou-se famoso em

Visão maravilhosa do Monumento a Fátima, na cidade de Cruz Alta. Ao fundo, o obelisco, encimado pela deslumbrante imagem, com seis metros de altura. Vemos à frente, a capela envidraçada. Ao centro, a fonte de água benta.

FÁTIMA EM CRUZ ALTA



A grandiosa procissão, cobrindo um percurso de quilômetro e meio, marcou o início da Grande Festa Anual de Fátima, em Cruz Alta. Milhares de fiéis nela tomaram parte. Na foto, à direita, vêem-se as três crianças que representaram os três pequenos videntes da santa.

todo o país (e também no Uruguai e na Argentina) pelos milagres que se têm verificado, incluindo curas espantosas, que movimentam as almas piedosas em redor dêle.

De longe — e até do estrangeiro — chegam continuamente peregrinações. Na inauguração, a 12 de outubro de 1952, estiveram presentes 40.000 peregrinos. No último dia 11 de outubro, na grande festa de N.S. de Fátima, 30.000 devotos compareceram. E tais cifras, em se tratando



As crianças de Cruz Alta e das cidades vizinhas, prestaram na Grande Festa de Fátima, o tributo de fé à Virgem, tomando parte na procissão vestidos de anjinhos.

de uma cidade do interior, dão bem idéia da devoção que os fiéis consagram à Imagem de Fátima de Cruz Alta.

Desenhado pelo militar João Cândido Goulart, o monumento a N. S. de Fátima em Cruz Alta, teve a sua construção iniciada em abril de 1950, no terreno doado pela família de Henrique Scarpellini. O engenheiro da construção da obra foi Arno Glitz; o construtor, Assunção Severo. A imagem, que encima o obelisco, é uma escultura de Alfredo Staege e foi doada pelo P.T.B.. O altar e o piso da capela envidraçada, são de mármore, havendo, no alto, uma inscrição, em que se lê: «Por Fátima, a Cristo». A frente da capela é formada por um cálice e uma hóstia.

A estátua pequena da capela foi doada pelo Govêrno Português; esculpida em madeira e ornada de diamantes, é considerada por todos uma verdadeira obra de arte religiosa. Foi tocada na imagem da Capela das Aparições, em Fátima, e benta pelo Patriarca de Lisboa.

Detalhe de maravilhosa beleza dêsse monumento, é a fonte construída entre o monumento e a capela. Trata-se de uma perfeita miniatura, reproduzindo a Basílica Nacional de Fátima. De sua bica, escorre água para uso do povo a qual, antes de sair, toca num tubo de vidro, contendo água miraculosa de Fátima.

★

O movimento religioso junto ao Monumento é extraordinário. Cêrca de trezentas pessoas da cidade visitam-no diàriamente e mais ou menos cinqüenta peregrinos diários, de fora. O Livro dos Peregrinos já registra os nomes de dezessete mil romeiros. Chega gente até da Argentina e de outras repúblicas vizinhas. Foi estabelecida a reza do Têrço Perpétuo, cada meia hora. Muitos dos romeiros chegam a pé, dos mais longínquos lugares.

No dia da Festa Anual do Monumento de Fátima, em Cruz Alta, a afluência de peregrinos foi excepcional. De todos os pontos do Rio Gran-



Por todo o longo trajeto da procissão, o povo caminhou contrito, orando à milagrosa Virgem de Fátima e implorando graças e favores. Muitas compareceram para agradecer graças recebidas — inclusive curas milagrosas operadas depois de orações no Monumento.

de do Sul, Santa Catarina, Paraná e outros Estados, afluiu gente. Às 8 horas da manhã, teve início a grandiosa procissão, que cobria um percurso de quilômetro e meio. Era a gente simples do campo e a gente das cidades. Era a romaria da piedade, da penitência e da fé. Ali estavam romeiros vindos a pé de Ijuí e de Boa Vista, numa caminhada penitencial de 40 quilômetros.

A imagem de N.S. de Fátima estava colocada num carro-andor, verdadeiro jardim de lírios e sêda, cercado de anjinhos brancos. Acompanhavam-no também três pastorinhos, muito bem caracterizados à portuguêsa, representando os três videntes de Fátima.

Quando a imagem, saída da Igreja Matriz do Espírito Santo, onde fôra realizada a novena, chegou à frente da capelinha do monumento, a vibração popular foi imensa. Salva de palmas a saudaram e milhares de lenços brancos eram agitados no ar. Fátima Paz, de quatro anos, estava na procissão com seu vestidinho branco e de pé no chão, agradecendo a cura da paralisia infantil, graça maravilhosa que obtivera de N. S. de Fátima. Numa demonstração de sacrifícios de fé, jejuou — e fêz questão de fazê-lo — durante todo o dia.

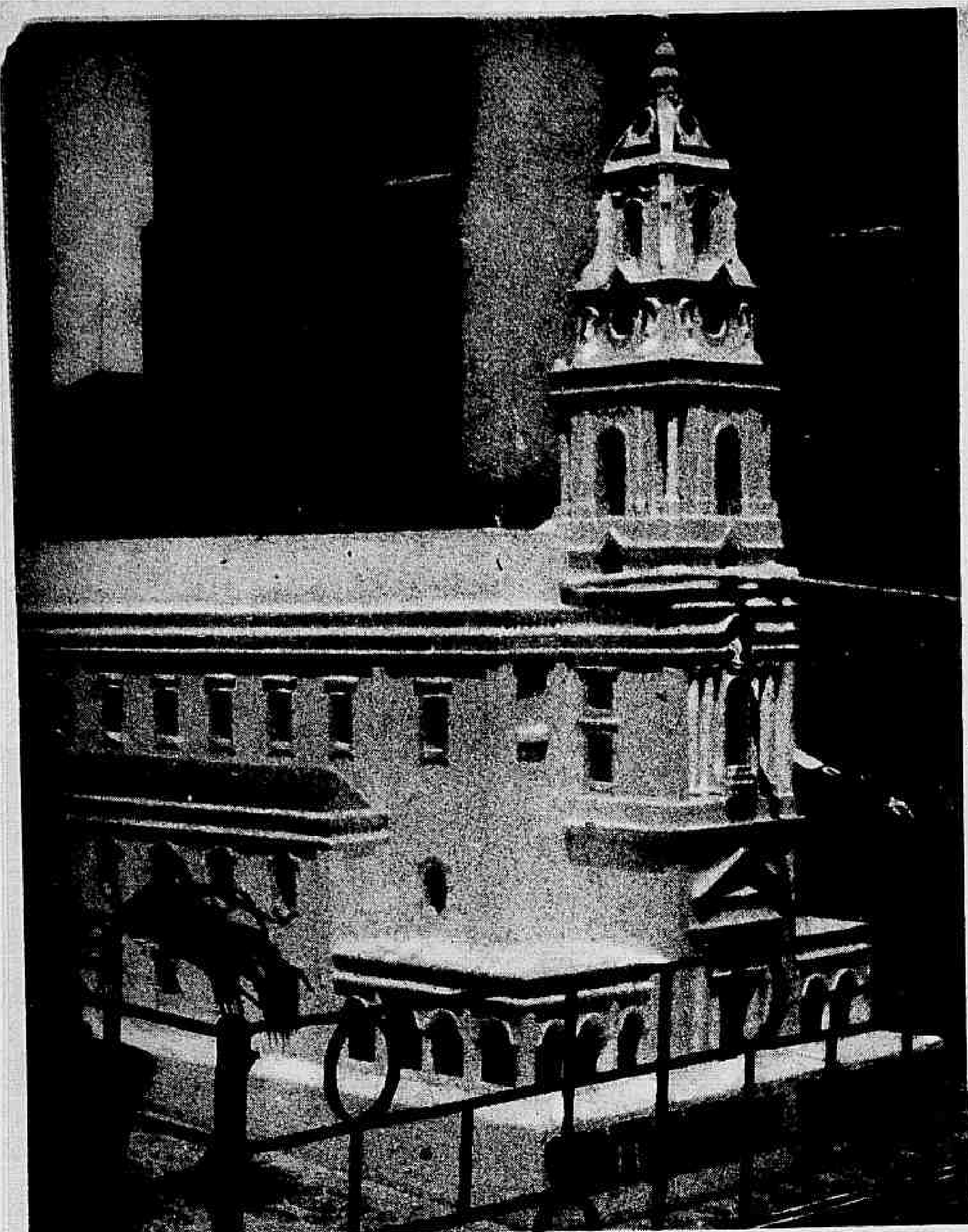
Outros fiéis, testemunhos vivos do poder de bondade e de proteção da milagrosa imagem, também desfilaram. Orestes Geremia, trabalhando no andamento disciplinado da procissão. Orestes estava à beira da morte, com úlcera, já pràticamente desenganado. Prometeu seis meses de trabalho ao monumento, longe da família, se Fátima lhe concedesse a cura. Foi atendido e ali estava cumprindo o prometido. A menina Florência Gonçalves, também curada de paralisia infantil, estava presente. Cenira Pinheiro, curada de câncer, veio renovar sua devoção à Virgem que lhe devolvera a saúde. Olmiro Dias e muitos outros, ali estavam, também; ao vê-los, o povo vibrava e chorava, comovido e emocionado.

Chegada a procissão junto ao monumento. O Largo de Fátima era um mar de cabeças humanas. Durante a missa e as cerimônias religiosas, o Hospital de Emergência socorria e atendia a todos. Eram doentes que, tendo vindo em peregrinação, necessitavam de assistência; eram pessoas idosas, vencidas pelo cansaço; eram, finalmente, fiéis, tomados de emoção, que precisavam de quem os confortasse e acalmasse.

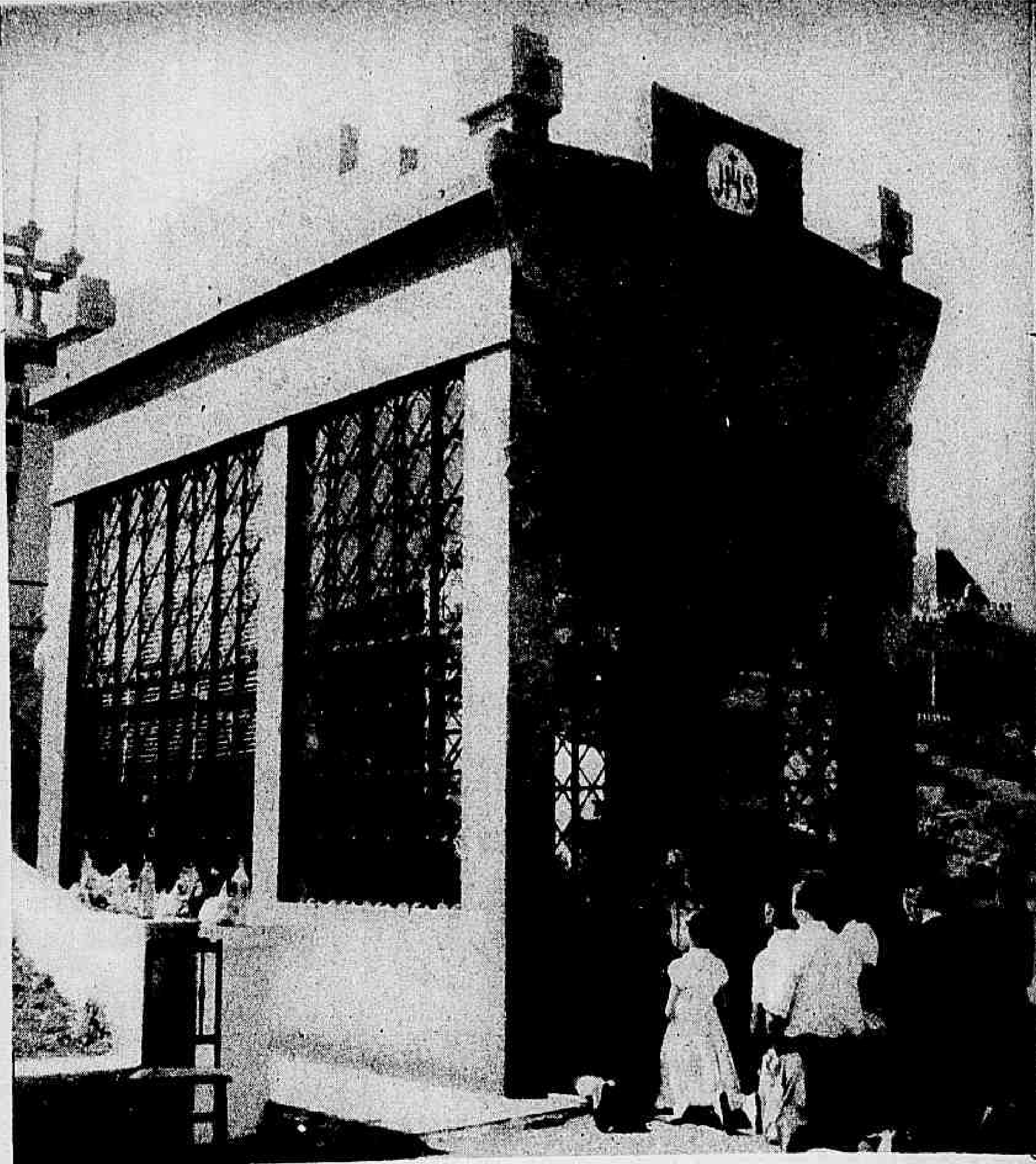
Após a missa, seguiu-se a bênção dos doentes. Foi formada ala em frente da capela, sendo postos doentes dos dois lados. O sacerdote passou no meio dêles com o Santíssimo Sacramento. Abençoava a cada um, em particular. Os doentes choravam e oravam, apelando para a proteção generosa da Virgem de Fátima. Os familiares, comovidos e esperançosos,



Na Grande Festa, a Imigem de N. S. de Fátima foi colocada num carro-andor, verdadeiro jardim de lírios e de sêda, que era seguido pelos fiéis, em contrita oração.



Um dos mais belos detalhes do Monumento a Fátima, em Cruz Alta, é esta Fonte de Água Benta, miniatura que reproduz, com perfeição, a Basílica Nacional de Fátima (Portugal).



Esta é a capela envidraçada, cuja fachada é formada por um cálice e uma hóstia. No seu interior, está a imagem da Virgem de Fátima, oferecida pelo Govêrno Português.

FÁTIMA EM CRUZ ALTA

oravam e confiavam. Havia doentes até de Joaçaba, interior de Santa Catarina.

No porta-velas, em redor da capela, ardiam sempre duzentas velas. A capela era a ante-câmara do céu: branca de lírios, colorida de flores, entre os castiçais artísticos e gigantescos.

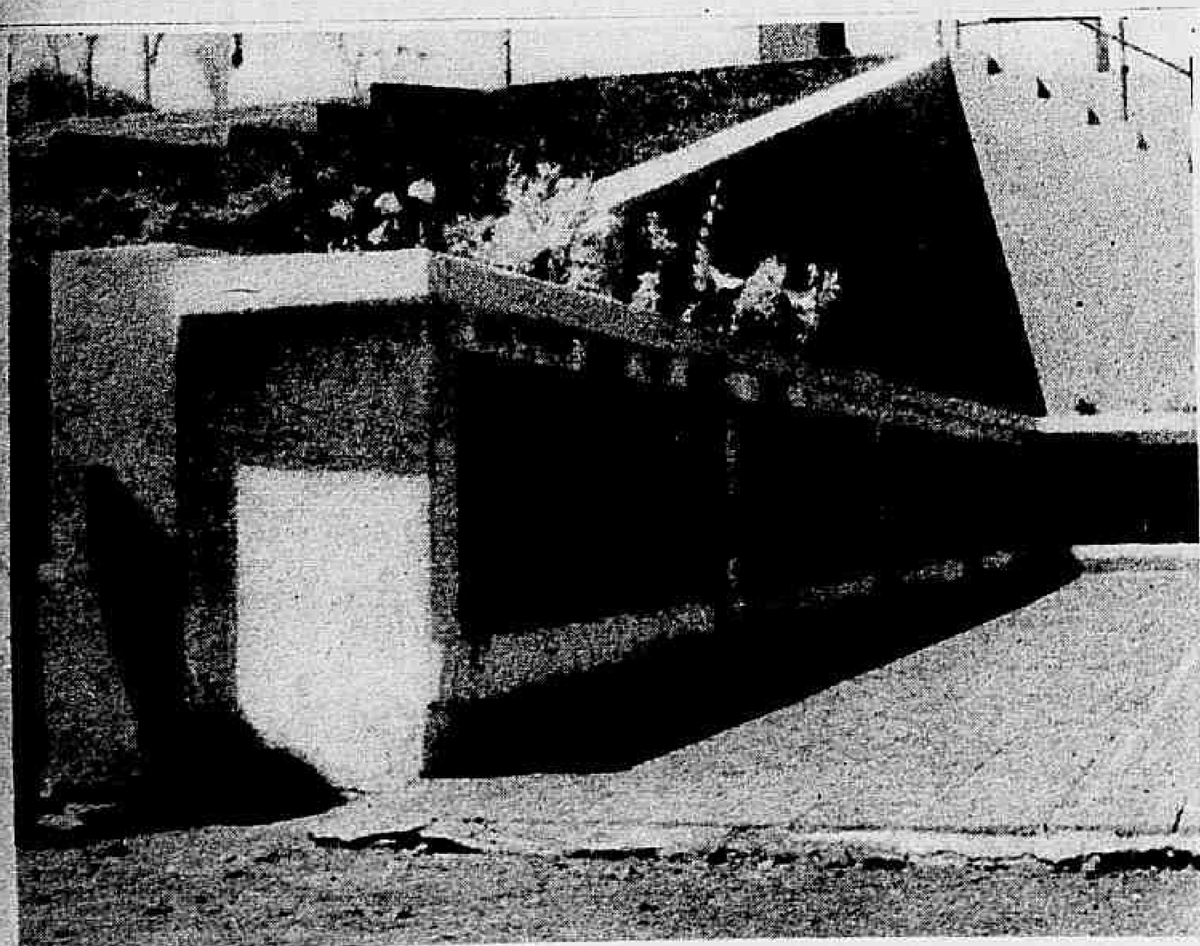
Durante todo o dia, o povo orou em tôrno do monumento. Os fiéis se revezavam nesse preito, e ali se misturavam pobre e ricos, no mesmo elevado sentimento de fé e confiança no Poder Supremo da bondade de N. S. de Fátima. Três rapazes de Posadas e uma família de Alba Posse, na Argentina, acompanhando um doente, estiveram também em longas orações, no monumento, implorando graças à Virgem de Fátima.

Foi, realmente, uma imponente demonstração de fé. Multidões sentiram os frêmitos das grandes jornadas penitenciais. A festa sacudiu a alma católica do Rio Grande, reafirmando a fé nos corações devotos — e fazendo renascer o sentimento religioso naqueles que sentiam a aproximação da descrença e do pecado.

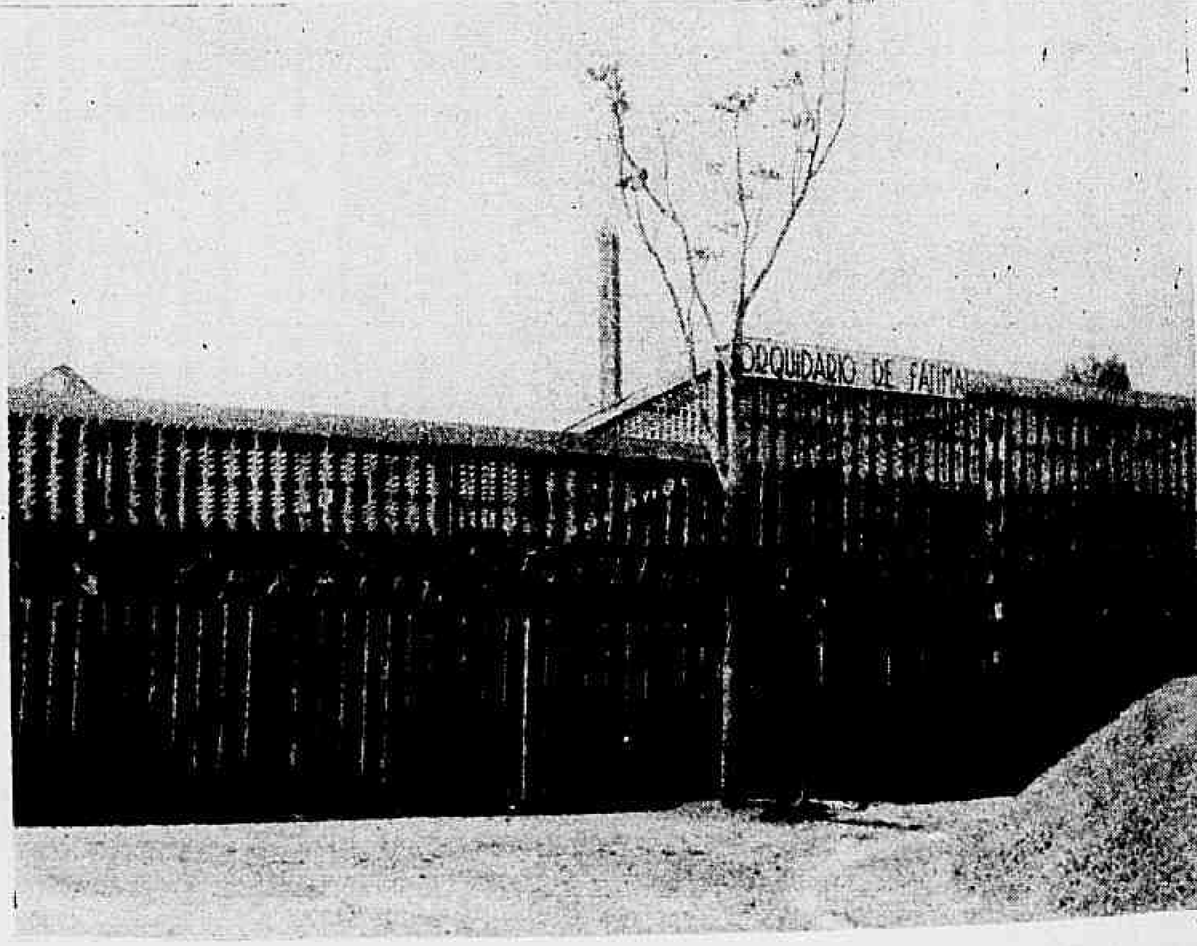
★

Disse o orador oficial da festa: «Imagens de Fátima existem em tôda parte, mas escolhe a Virgem lugares especiais para conceder graças especiais.»

O Monumento a Fátima, em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, local de tantas curas milagrosas, de tantas graças generosas, parece confirmar inteiramente essas palavras.



A capela envidraçada é rodeada por êsse suntuoso portavelas. Tem capacidade para 200 velas e, permanentemente, muitas dezenas estão acesas, em agradecimento à Virgem.



Próximo ao Monumento, fica situado o Orquidário de Fátima, o maior de que se tem notícia, em Serra e Missões. Maravilhosos espécimes são exibidos no Orquidário de Fátima.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 44 ★ 31-10-53

SUMÁRIO

A Virgem de Fátima em Cruz Alta ... 3/ 6
O Menu dos deuses de Bali 9/11
Carnaval na Bôlsa 12/15
Os astros e o sr. Ademar de Barros 16/17
Uma família das arábias 28/32
Os segredos de Clark Gable (4) .. 33
Brasileiros: cheguei! 44/45
Peron invade o Brasil 51/54
O'Brien: «Não sou o que dizem» .. 55/57

Chuva e chuvisco 7
Circo de coelhinhos (conto) 19
Nove pequenas para um rapaz ... 22/23
A marechala Junot 34/35
Semana literária 47

A semana em revista 8
A revista há 50 anos 14
Semana astrológica 15
Conta-me teus sonhos 18
O Riso dos Outros 20
Teatro 21
Janelas sôbre o mundo 24/25
Rádio 27
Cinema 36
Simplicidade 38/39
Como tratar a sogra 40
Para combater o calor 41
Sugestão para o lar 41
Week-end na cozinha 42
Arabelle 44

CAPA:
OSCARITO e sua filha MIRIAM

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

**Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.**

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569

Chuva e Chuvisco...



A esperança é antiga, como velhos são os processos. Já os Druidas apelavam para recursos extraordinários e considerados infalíveis — sem o que não os repetiriam sob os olhares agoniados dos que tinham a língua sêca.

Contam os velhos cronistas que um poderoso soberano da China, não sei se Fu ou Fen, deu certa vez o prazo de três dias aos seus sábios, intimando-os a que fizessem cair dos céus a água generosa, que os campos pediam. E, segundo parece, os sábios conservaram a própria cabeça sôbre os ombros. Também os gregos apelaram para os augúrios, como hoje recorremos aos meteorologistas, para saber se vinha ou não a chuva tão desejada. E seguiam-se sacrifícios aos deuses, enquanto os crentes, na falta de água das nuvens, regavam o solo com suas lágrimas.

Aqui mesmo, nestas Américas, Incas, Astecas, Navajos, Peles Vermelhas e Botucudos usaram e ainda usam êsses gestos largos e caprichosos, próprios dos sábios, êsses recursos secretíssimos e milenários para provocar a chuva. Porque a chuva não apenas tem provocado os males indescritíveis das sêcas e das enchentes, por não existir umregulamento patenteado que a governe. Batalhas foram perdidas, mudando inteiramente o destino dos povos, pela sua ausência teimosa ou a sua insistência devastadora.

Para minorar o mal, os homens tentaram tudo. Desde a mágica ou a encantação, até os recursos violentos do canhoneio das nuvens, como se, rebelados, declarassem guerra ao céu. Também usaram a tática dos rogos, das súplicas a uma fôrça superior e tôda eficiência.

Na Idade Média, ganharam terreno os processos trabalhosos da «mágica», acompanhada pela fumarada detestável dos mais estranhos ingredientes, queimados em imensos caldeirões e conscienciosamente salpicados com palavras indecifráveis e fortes.



MAIS tarde, com a Renascença, o misticismo dominou por completo e o homem, todo voltado para Deus, orou dia e noite em procissões intermináveis, que se locomoviam de uma para outra cidade, carregando as imagens e pedindo chuva.

Êste é, ainda hoje, o recurso mais generalizado, apesar de que o Senhor nem sempre pode ouvir o frágil grito saído dos lábios secos dos sedentos, entre o vozerio mais potente da fuzilaria e das granadas, com as quais os humanos procuram resolver outros problemas que consideram mais urgentes.

Talvez por isso foi que o nosso sertanejo, depois de muito pedir, não escondeu a sua mágoa, cantando pela voz bonita de Sílvio Caldas, num desânimo de fazer doer o coração:

... andou chuviscando, andou peneirando,
mas, chover, não choveu!

Assim chorou, chora e ainda vai chorar por muito tempo o nordestino, cheio de razões — e de sêde — e que, por isso mesmo as vêzes, não pode conter a sua revolta. Conhecida é a história de um pobre lavrador, castigado pela sêca e que espreitava, o dia todo, alguma nuvenzinha preguiçosa, que se estirava pelo céu de fogo. E rogava, num fervor que se traduzia em palavras de extremada meiguice. «Minha nuvenzinha! Olha para esta terra ardente. Meu gado todo morreu, meus filhos bebem água salgada... Desce em água farta e salvadora, minha nuvenzinha bonita!» **Mas a nuvem nada ouvia. A água não descia... Então, tremendo de furor e revolta, o sertanejo atirava para a inalterável serenidade da nuvem palavrões e ameaças:** «Vai, cachorra! Um raio te desmanche, maldita!» **Sem essa indiferença, sem essa alegria maldosa do Carioca, que nada teme, mas gosta de assustar os menos carnavalescos do que êle, gritando para quem queira — ou não queira — ouvir:** «Tomara que chova, três dias sem parar!»



PORQUE, no meio dessa luta entre o chover e o não chover, se há o drama, real e pesado, também há o jocoso e o ridículo, como êsses, quase diários, das discussões caseiras, do «Leva o guarda-chuva! Olha que vai chover!» e o ar zangado com que o cidadão regressa ao lar, com o guarda-chuva enrolado e sêco ou, invertendo os papéis, sem o guarda-chuva e com a roupa para torcer e jogar fora. Nem só «de médico e louco todos temos um pouco». De meteorologista também!

Essa «guerra» risonha começa cedo, aliás. Começa com as nossas primeiras calças curtas. Quantas vêzes, copiando um pouco o feiticeiro Durida, o mágico Pele Vermelha ou o alquimista medieval, agachados e com uma ponta de vara, laboriosamente e cheios de fé, desenhamos um «sol» imenso e risonho na areia do jardim? E, se, por acaso, o Sol verdadeiro despontava no céu cinzento e feio, logo, ruidosamente entrávamos a cantar, em roda, o

Salve o Sol, o Sol da Minha Terra...

Agora, a luta é entre engenheiros. O dr. Janot Pacheco e o seu colega, prof. Francisco de Souza, diretor do Observatório Meteorológico. O primeiro jura, patético: **A chuva é minha!** O outro, com pose superior, responde: **A chuva já vinha caindo por si só!** A cidade ouve, a cidade lê, a cidade fica dividida. O caso está tomando os aspectos de um Fla-Flu. E, como no futebol, todos opinam de cadeira — ou melhor de guarda-chuva sob o braço. Principalmente os que pertencem ao tipo que chamarei de «meteorologista-sofredor», os que vivem anunciando: **«Vai chover. Meu reumatismo piorou»**, ou **«Meus calos anunciam chuva. Como doem!»**

Mas, nessas coisas da Natureza, a Igreja não poderia ficar de fora. Alto lá! E como prova contarei o que ocorreu, recentemente, na França.

Depois de ler um telegrama sôbre o êxito com experiências para provocar a chuva, um ateu, triunfante, perguntou a um padre católico, seu amigo:

— E agora? Depois desta notícia, o senhor ainda quer que eu acredite na existência de Deus?

E o sacerdote, mansamente e sorrindo, respondeu:

— Você tem alguma razão, meu filho. Mas... Quem faz a nuvem?

MÁRIO RENATO DE CASTRO

A PERSONAGEM DA SEMANA



POR mais que se queira (e, em tese, seria interessante que se conseguisse) não será possível às correntes políticas entrar o novo ano sem a abertura do problema da sucessão presidencial. A situação interna do país, no tocante à sua conjuntura econômica, gerando um mal-estar geral, e, também, as agitações de classe que tanto mal têm feito à Nação, como que levam o pensamento geral para um pleito do qual ainda não estamos às vésperas. Estas circunstâncias, aliadas ao gôsto do brasileiro pelo assunto «política», ou melhor, «eleição», vêm arrombando as comportas da conveniência. E, dentro de pouco tempo, o problema estará, pelo menos, nas ruas. As declarações do sr. Afonso Arinos, sempre tão discreto que até nem parece um líder de partido independente, são a prova do que afirmamos. Êle admitiu que o problema saiu do terreno das intimidades e que, aberto pela imprensa, existe de fato. Aliás, o líder udenista é autor de um bom projeto, o qual, na verdade, se transformado em lei, virá facilitar a concentração partidária, ou seja, a unificação de fôrças dispersas. Vai, por outros caminhos, ao encontro do pensamento do sr. Etelvino Lins, êste mesmo teórico, quando defende, não a reforma do sistema eleitoral, mas a escolha de um candidato que represente uma solução alta para o caso da sucessão presidencial, nesta fase difícil da vida brasileira. O sr. Afonso Arinos, em sua entrevista, sensatamente não, sugeriu nomes. Abordado a respeito do sr. Eduardo Gomes, como não podia deixar de acontecer, foi amável e cortês em face do ilustre militar. Mas não foi além da cortesia, até porque não estava autorizado a mais do que isto.





A SEMANA EM REVISTA

MAIS uma vez a Polícia entrou em ação, para decidir questões que o Ministério do Trabalhto não pôde ou não soube resolver. Desiludidos de que o Ministério cumprisse os ítens do acôrdo com que foi obtida a cessação da última greve (16 de junho dêste ano), os marítimos, liderados pelo Comandante Emílio Demaria Bonfante, articularam novo movimento paredista — que seria deflagrado em último recurso. No dia 8 de outubro, na Assembléia dos Oficiais de Náutica, a presença do sr. Gilberto Cockrat de Sá, diretor do Departamento Nacional do Trabalho, nada pôde resolver: num duelo verbal com o Comandante Bonfante, viu tenazmente combatidos todos os seus argumentos. E os Oficiais de Náutica aderiram à greve.

A coisa foi tomando caráter sério — e o Ministro interino do Trabalho, sr. Hugo de Faria, vendo que a greve seria mesmo deflagrada, tentou um apêlo aos Marítimos, pelo rádio, através da palavra de presidentes de Sindicatos da classe. Nada obteve, mas, à meia-noite do dia 16, o sr. Gilberto Cockrat de Sá anunciou que fôra expedida ordem de prisão contra o Comando de Greve. Minutos depois, quando o Comandante Emílio Bonfante falava a seus companheiros, na sede do Sindicato dos Marinheiros, na Praça da Harmonia, a Polícia invadiu o recinto, abrindo caminho à fôrça, na intenção de prender o líder da classe. Houve reação, cadeiradas, correrias, gente ferida. Bonfante, protegido por seus companheiros, conseguiu escapar — mas ninguém sabe dizer onde êle se encontra. A inquietação perdura, pois não houve greve, mas também não houve solução para o caso dos marítimos.







Dois animais estranhos, vestidos com suas roupas mágicas, e protegidos por guarda-sóis vermelhos e amarelos, depois do ritual do banho de mar. Em baixo dêles, à sombra, estão os aldeões para comerem seus lanches, enquanto o padre faz oferendas para purificar a ilha no novo ano.

O MENU DOS DEUSES DE BALI

Reportagem de HORACE BRISTOL

Fotos CAMARA PRESS

SÃO GASTRÔNOMOS E EXIGENTES ★ A CABRA PRETA ★ O GANSO BRANCO ★ O CACHORRO VERMELHO ★ O BEZERRO AMARELO ★ COMO OS DEMÔNIOS BEBEM.

OS habitantes de Bali vivem em grande intimidade com seus deuses, aceitando-os como parte da família e procurando agradá-los com os mesmos prazeres simples a que estão acostumados os sêres humanos. Os alimentos mais finos e escolhidos são separados para lhes serem ofertados nas ocasiões de grande cerimônia. Depois que os deuses já extraíram a «essência» dêsses alimentos, o «resto» é então comido pelos homens com grande reverência e espírito de agradecimento pelo que lhes foi deixado. Para olhos céticos, nenhuma mudança pode ser observada nesses alimentos; para êles, no entanto, o arranjo é inteiramente satisfatório. Outros oferecimentos de comida são feitos ainda aos mais variados espíritos que habitam as regiões ímpias e chegam mesmo a invadir os templos. Os oferecimentos dêsse tipo são colocados no chão para serem devorados pelos cães sarnentos que constituem uma verdadeira praga na ilha tôda. Êles são considerados espíritos maus ou demônios

O MENU DOS DEUSES DE BALI

disfarçados, que devem ser aplacados por oferecimentos dessa natureza nas ocasiões em que se tornam indispensáveis. Alguns chegam mesmo a colocar arroz e outros alimentos numa fôlha de palmeira, e deixam-nos perto de seu portão tôdas as noites, para acalmar os espíritos ambulantes. Tôdas as solenidades mais importantes, como casamentos, aniversários dos templos, puberdade das meninas ou limação de dentes são comemoradas com sacrifícios de animais vivos. Êstes são cuidadosamente escolhidos de acôrdo com a idade e côr, e dispostos conforme o desenho pré-estabelecido pelo sacerdote. Os quatro pontos cardiais são representados por uma cabra preta no norte, um ganso branco a leste, um cachorro vermelho no sul e um bezerro amarelo a oeste. Tudo isso é cercado por uma grande quantidade de utensílios domésticos, arados, ancinhos, vassouras, etc., tudo em miniatura, e coberto por quantidades imensas de comida e bebida e uma fileira de côcos perfurados e providos de canudinhos para que os demônios possam beber.

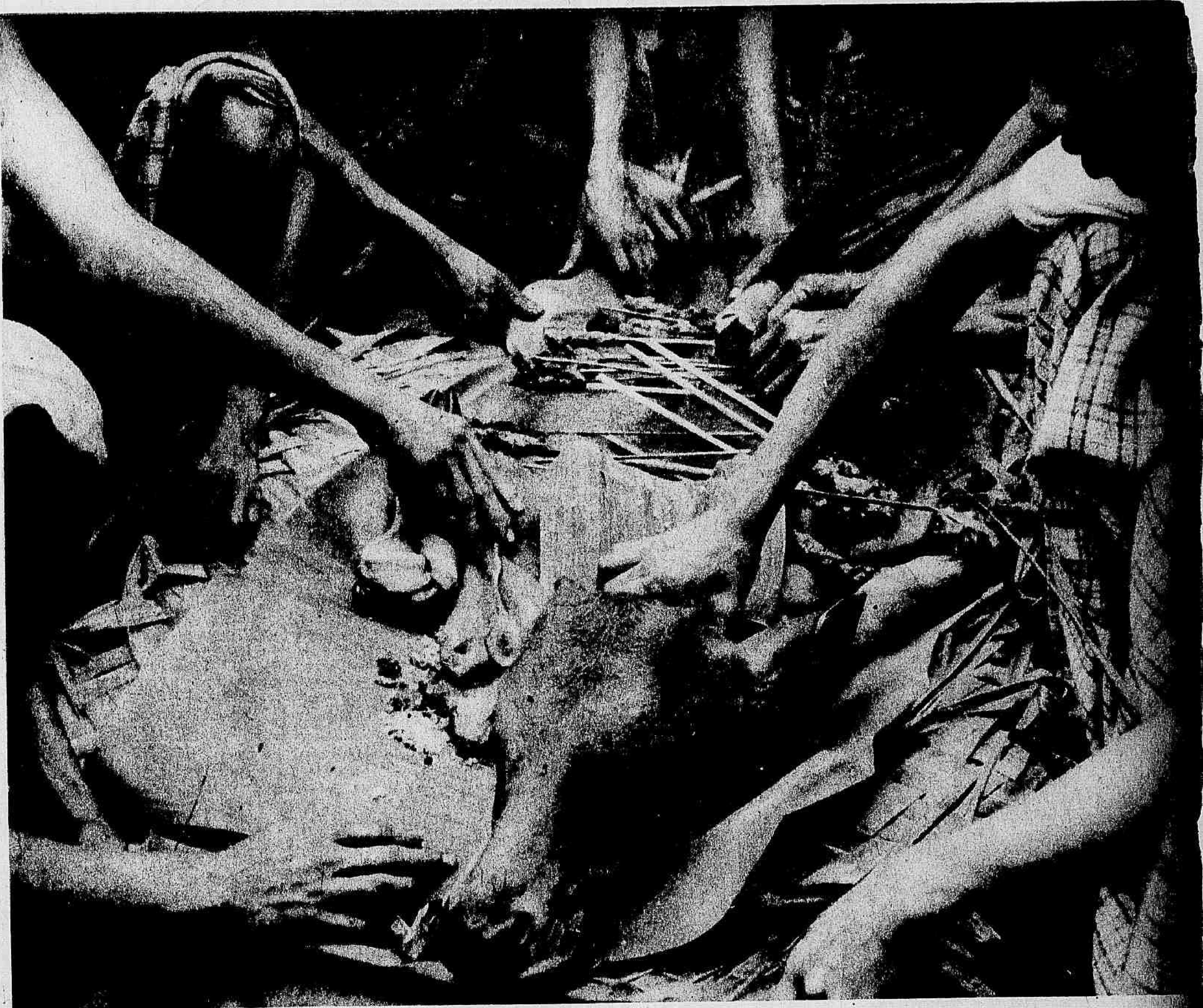
A utilidade dessas oferendas é agradar os espíritos maus, e ao mesmo tempo, reuni-los todos num lugar só, para que possam mais fàcilmente

(Cont. na pág. 46)

Flâmulas e guarda-sóis protegem o deus do calor e constituem um sinal de nobreza. Enquanto os deuses gozam o ar do mar, os habitantes de Bali trazem-lhe comida, cerimônia que assinala o início do ano novo.

Uma vez por ano, êles levam os deuses para tomar ar e se banharem nas praias, ocasião em que todos se vestem o melhor possível. Os deuses são convidados a entrar nos ecrínios especiais onde são levados para o mar.

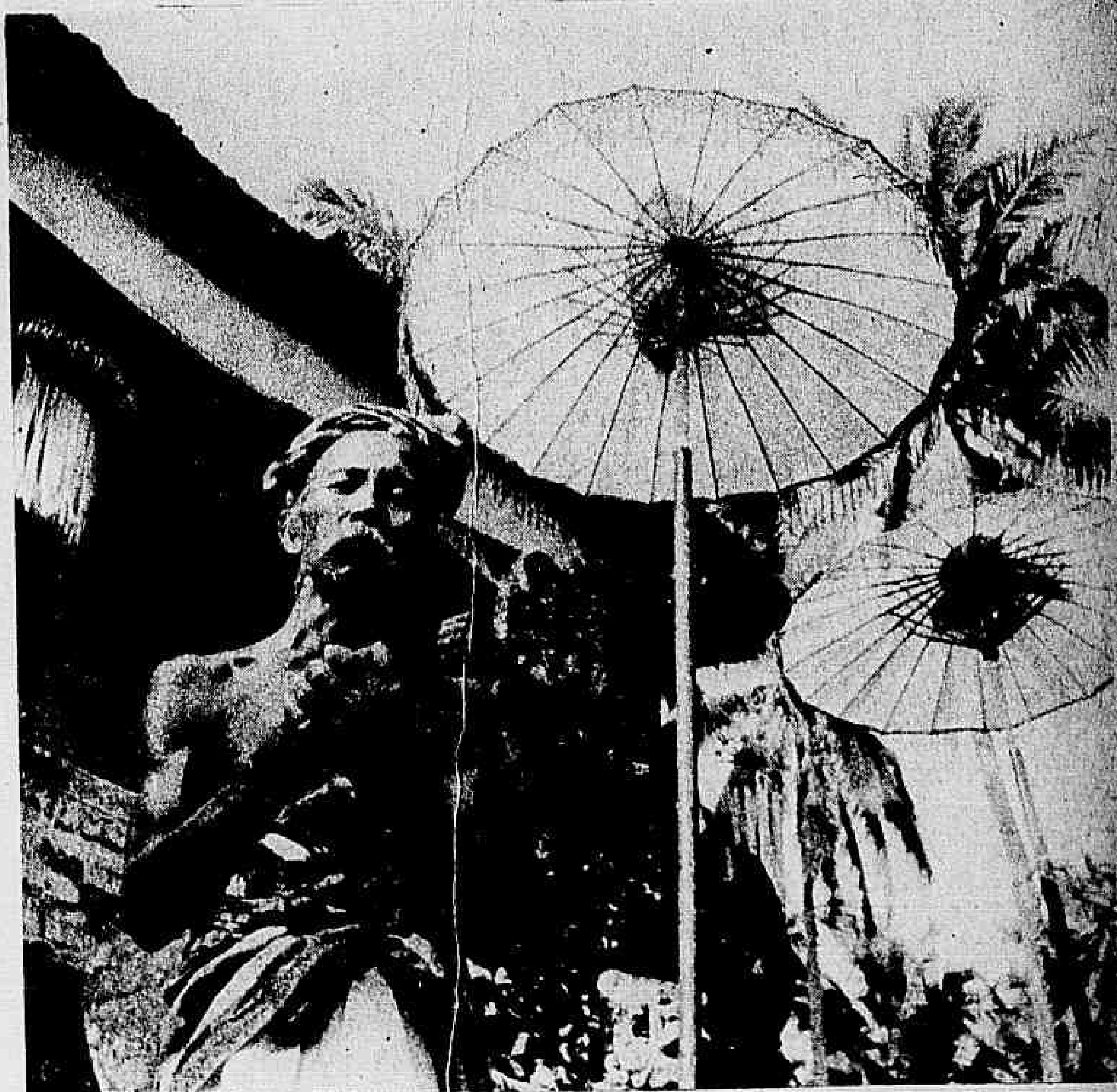




Existem oferendas para cada ocasião, desde a cestinha de palmeira com um pouquinho de arroz colocado no portão, para acalmar os maus espíritos durante a noite, até os sacrifícios rituais para purificação dos templos, em que uma vaca é morta para a oferenda e alimentação.



Existem vários tipos de padres em Bali. Uns, são adivinhos, embora o povo considere aquêles que se comunicam com os deuses meio sagrados. Para prever o futuro, é preciso fazer oferecimentos para entrar em transe.



Os pemangkus, a casta inferior dos padres, são simpáticos, servem inclusive como guardadores dos templos. Chamam os deuses, em preces evocativas e intermináveis, pedindo-lhes que permaneçam no templo.

FESTIVO "ENTÊRRO" DA CEXIM

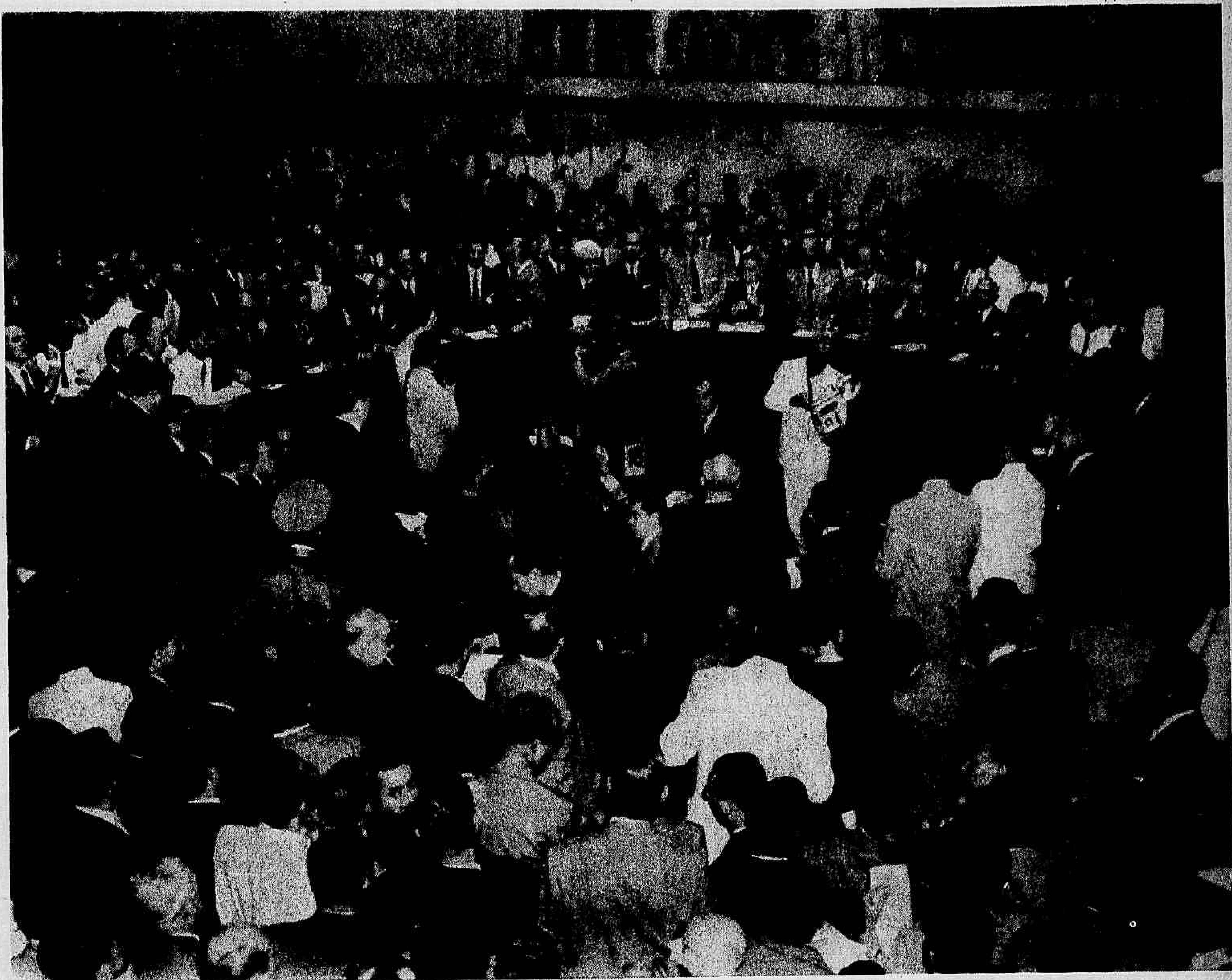




CARNAVAL NA BÔLSA

DO LENÇOL CURTO AO PAU-DE-SEBO ★ GRAVOSO: QUE NOME FEIO! ★ A POSIÇÃO DOS REMÉDIOS ★ A SITUAÇÃO DOS CARROS DE LUXO ★ A VEZ DO LAVRADOR

[illegible]-presidente da Bôlsa de Va-[illegible] sr. Luis Cabral de Menezes. [illegible] um dos mais ativos comprado-[illegible] de dólares. Seus lances foram [illegible]mpre ousados e oportunos.



Na primeira meia-hora do leilão, o recinto da Câmara Sindical se manteve pràticamente intransitável. Compradores, corretores, repórteres e fotógrafos, misturavam-se a simples curiosos que desejavam saber o que seria «leilão de divisas».

AFINAL, acabou-se a CEXIM, depois de uma longa existência, vida atribulada de sofrimentos para todo o mundo e também para os que nela trabalhavam. Pelo menos os de boa fé. Poucas vêzes se viu, neste país em que tôda gente é crítico abalisado de tôdas as coisas, uma tão insistente, tão constante e ferrenha «malhação», como a que sofreu a CEXIM, desde Simões Lopes, até Coriolano de Góis. Dizia-se «cobras e lagartos» da CEXIM, não se poupava ninguém — apontava-se a famosa Carteira do Banco do Brasil como fonte principal de nossa desventura econômico-financeira...

Eram justas, essas críticas? Eram injustas? Ninguém pode fazer uma afirmação de modo absoluto. A própria natureza dos serviços da CEXIM, dava motivos a suspeitas e queixas. Os que se aproveitavam de pretensos ou reais favores, os que obtinham ou diziam obter concessões «a pêso de ouro», eram os primeiros a se jactar disso. Enquanto isso, o Brasil crescia — ou melhor, «inchava», por fôrça dessa doença danosa que se chama inflação... A CEXIM representava, no caso, o papel de enfermeira — uma enfermeira que era obrigada a cobrir o agitado doente com... um lençol curto. Quando cobria a cabeça, lá vinham os pés para fora; quando cobria os pés, lá ficava a cabeça a descoberto...

Durante muito tempo, o Govêrno se debateu, sem encontrar uma solução para o problema do câmbio curto — que, no final, terminava sempre negro... Até que o ministro Oswaldo Aranha, numa política de estreita colaboração com o presidente do Banco do Brasil, sr. Marcos de Souza Dantas, disse «eureka!» — e, tendo achado a solução, apresentou-a ao país na forma da Resolução nº 70 da Superintendência da Moeda e do Crédito.

O mecanismo do novo sistema é, em síntese, o seguinte: todos os dólares e outras moedas estrangeiras provenientes das exportações, serão obrigatòriamente vendidos ao Banco do Brasil. Êste, reservando 30% do montante para liqüidação dos atrasados comerciais e de outros compromissos, entregará o restante às bôlsas, de fundos públicos do país, para venda em leilão, através dos corretores oficiais, às firmas industriais e comerciais que estejam registradas como importadoras. Nada de favores, nada de filhotismo, nada de subôrno. Os dólares, libras, francos, etc., serão de quem der mais.

Havia, porém, um problema: se os dólares fôssem oferecidos livremente — os importadores de produtos que oferecem alta margem de lucro (Cadillacs, whisky, geladeiras, etc.) arrematariam tôdas as disponibilidades, à fôrça de pagar um ágio elevado, com o qual não poderiam concorrer os importadores de produtos essenciais, cujos lucros são mais reduzidos. E a solução foi dividir os produtos importáveis em 5 categorias, de acôrdo com a sua essencialidade, atribuindo a essas 5 categorias, em ordem decrescente, parte das disponibilidades cambiais.

A preocupação do ministro Oswaldo Aranha, entretanto, não foi apenas a de restringir as importações de produtos de luxo, permitindo que as nossas divisas fôssem aplicadas na compra de produtos realmente úteis. Ao contrário, o plano visa atingir vários objetivos, dentre êles: estimular a produção, por meio de bonificações aos exportadores e, assim, promover a criação de novas divisas; deflacionar, concentrando em poder do Banco do Brasil quantias vultosas,

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 1 de Novembro de 1903

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE APPARELHOS A ALCOOL

● **A REVISTA DA SEMANA** seguindo o seu programma fornece hoje a apreciação dos seus leitores as vistas geraes da grande e esplendida exposição de apparelhos a alcool.

Instalada no edificio vasto do antigo frontão Velocipedio Fluminense, completamente modificado e adaptado aos fins d'este certamen indus-trial, a exposição é uma prova do quanto vale o trabalho e o esforço humanos conscienciosamente aproveitados. O que se encontra e o que se apprecia n'aquelle certamen industrial é para orgulhar um povo, para fazer reviver entre nós o sentimento tão menosprezado da grandeza da nossa patria. A exposição contem tudo quanto se possa desejar com relação ás differentes e multiplas applicações do alcool industrial.

Em um arranjo esthetico se vêm ali motores, fogões, alambiques, automoveis, lampadas em profusão, de diversos tamanhos e formatos, e mil outros apparelhos em que o alcool é empregado vantajosa-mente. Tudo isto está arranjado e collocado de maneira que cada producto, cada specimen sobresahe por si mesmo sem offuscar nem empanar o brilho e a belleza do outro. Além d'isto, contem mais uma exposição parcial de flores que dão ao conjuncto geral um aspecto feerico e bellissimo, fazendo com que o visitante tenha a impressão de que se acha em um formoso e grande jardim, onde predomina a idéa do trabalho amistosamente casada com o aspecto encantador na natureza que enleva pelos seus primores. E como ainda se não bastassem todas estas attracções que por si mesmas se impõem á admiração geral, possue mais a exposição um escolhido ponto de diversões, onde todas as noites se faz boa musica, cantam-se alegres conçonetas que divertem o espirito fatigado da lucta continua e incessante pela vida.

Um magnifico restaurante ali está aberto todo o dia, de maneira que o visitante não precisa incommodar-se para satisfazer as necessidades do estomago. Enfim a exposição de apparelhos a alcool preencheu entre nós uma lacuna que de ha muito não deveria existir, mostrando ao publico os progressos que o nosso paiz póde alcançar, tendo que se preoccupe com o desenvolvimento da nossa riqueza natural. Os organisadores, pois, d'este certamen industrial devem estar satisfeitos pelo exito completo que tiveram o seu esforço e o seu trabalho.

INTERINAMENTE

— *O que diz você da Camara?*

— *Acho uma camara escura que só dá pro*vas negativas.

— *Em que a memoria se retrata*...

— *Não fallando no consumo de* chapas.

— Reveladoras *de viragem de miolo.*

— *E o Senado?*

— *Uma* ampliação.

COMO SE JANTA EM PARIS

Os clientes dos restaurantes

● Além do provinciano de passagem em Paris, cada estabelecimento tinha o seu numero de clientes certos, que se juntavam n'elle para gozar as delicias d'um jantar magnificamente cozinhado. Era por estes conhecedores emeritos da boa cozinha que o mestre cozinheiro era apreciado. O proprietario do restaurante perguntava a estes juizes infalliveis as suas opiniões sobre um **tournedos** á Rossini, ou sobre uma canja á Chambord; e as felicitações merecidas eram transmittidas, de seguida, ao autor de taes maravilhas. O artista sentia-se em permanente contacto com o seu publico e fazia milagres. Uma duzia d'amadores de reconhecida e incontestavel competencia, fazia a reputação d'um prato novo, do mesmo modo que os frequentadores d'um theatro decidem da sorte de uma peça.

Mas os tempos mudaram. Nas sociedades humanas os vicios e as virtudes soffrem os caprichos da moda. Ninguem tem hoje a coragem de se gabar de ser um gastronomo ou um requintado guloso. Os artificios de linguagem não estão em voga, e a guloseima passou a ser um effeito que se dissimula com cuidado em vez de constituir um titulo de gloria. A França tornou-se um povo de athletas, que busca observar as mais cabaes regras de hygiene. O desenvolvimento physico da raça tornou-se o primeiro cuidado da nação ameaçada de degenerescencia, e uma arte que torne a existencia humana mais agradavel, chegou ao seu termo e é apontada a dedo como um perigo publico.

CARNAVAL NA BÔLSA

que eram normalmente embolsadas pelos especuladores, quantias essas que, agora, serão aplicadas reprodutivamente no desenvolvimento agrícola do país; assegurar o pagamento pontual das importações, evitando novos atrasados comerciais — visto como as licenças de importação só serão concedidas quando o importador já dispuser das divisas necessárias ao pagamento; e outros, consubstanciados na larga exposição do ministro Aranha, amplamente divulgada pela imprensa.

É claro que um plano dessa envergadura, não poderia contentar a tôda gente. E, tendo seus «prós», não poderia deixar, igualmente, de ter os seus «contras». O próprio ministro admite que, no início, haverá uma elevação no custo de vida, a qual, entretanto, logo tenderá a desaparecer. A importação de artigos de luxo, classificados na 5ª categoria (que, em cada total de disponibilidades cambiais, terá sempre o menor quinhão, quase sempre inferior a 10%) se tornará dificílima, o que é fácil explicar:



Houve apregoadores ousados e tímidos, obtendo cotações altas e baixas. Os dólares vendidos por êste cavalheiro, não tiveram ágio superior a Cr$ 16,00 — e alguns chegaram a ser vendidos com o ágio mínimo: Cr$ 10,00.

com o dólar a Cr$ 123,00 («quantum» registrado no primeiro leilão), um Cadillac, por exemplo, importado nessas condições não poderá custar menos de um milhão de cruzeiros... Em compensação, os artigos de maior utilidade (classificados nas primeiras categorias, que disporão, sempre, de maiores quantidades de cambiais) serão mais fàcilmente importáveis, o que determinará, com o correr do tempo, a baixa dos preços.





A nota pitoresca do leilão foi dada por êste cavalheiro de chapéu de palha, no velho estilo. Trata-se do sr. Figueiredo, figura conhecida na Bôlsa, como ajunto que é do corretor João Godoy Júnior, que também aparece na foto.



Com energia e dinamismo, o sr. José Willemsens Jr., presidente da Câmara Sindical da Bôlsa de Valores do Rio, conduziu os trabalhos do primeiro leilão de moedas estrangeiras. Seu maior problema foi o tumúlto da enorme assistência.

A distribuição dos produtos pelas cinco categorias é importante, por isso que essa distribuição é que determinará o maior ou menor ágio do dólar, assim sejam maiores ou menores as disponibilidades de moedas e as possibilidades de lucro do artigo a importar. Os agricultores tiveram, desta feita, seus interêsses atendidos: tudo quanto diz respeito à agricultura e seus misteres, está na primeira categoria, desde a semente à máquina, chegando à cirurgia veterinária; na segunda categoria, encontram-se matérias-primas para a indústria (celulose, goma arábica, chumbo, corantes, etc.), entre a preciosa gasolina e o não menos precioso bacalhau. A segunda classe cuidou, também, das peças e acessórios para estradas de ferro, o que é promissor... Na terceira categoria, temos couros, linhos, barras e vergalhões de ferro e aço e chassis para ônibus e caminhões. Há também azeite de oliva, que não pôde fazer companhia ao bacalhau... A quarta categoria inclui frutas, madrepérolas, esponjas, máquinas e aparelhos — e artigos de Natal. Papai Noel sempre desce pela chaminé diretamente para a sala, mas d e s t a vez ficou no quarto... lugar. Finalmente, na quinta categoria, estão todos os artigos não especìficamente incluídos nas categorias anteriores. Quer dizer: nesta, vale tudo...

A medida já está em vigor. Só no primeiro leilão, foram vendidos quase 3 milhões de dólares — variando os ágios de Cr$ 25,00 (na primeira categoria), até Cr$ 105,00 (na quinta categoria). O ministro, o presidente do Banco do Brasil e o presidente da Associação Comercial estão otimistas — crêem no sucesso da iniciativa a despeito de quaisquer críticas e dos tropeços iniciais. E se, realmente, a CEXIM fazia tanto mal ao Brasil — façamos votos para que a sua extinção leve o país a um clima de tranqüila e promissora prosperidade.

No salão, nos corredores, nas galerias, por tôda parte a verdadeira multidão que compareceu à Bôlsa de Valores, não quis perder um só detalhe do leilão de dólares.

A semana astrológica

Indicações do seu horóscopo entre 31 de outubro e 6 de novembro de 1953 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9— 20/10) — O novo período dará continuidade à posição favorável desfrutada no momento, pelo leitor. Nova série de favoráveis aspectos porá em destaque o planêta que lhe governa o destino.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Vai haver uma atenuação nos bons influxos, no seu caso. A nova fase não será desfavorável, é certo, mas não terá a mesma intensidade, em eflúvios hárnicos, em relação à fase anterior.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os dias 3 e 6 de novembro serão particularmente favoráveis às relações sociais, aos negócios profissionais e ao tratamento médico. Não se aconselham viagens aéreas, na vigência da semana entrante.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os atos, as atitudes, as relações e os negócios, no caso do leitor, serão simplesmente superficiais, no período que se vai abrir. Atente bem no aviso que lhe damos para evitar um possível engano ruinoso.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Não haverá possibilidades para bons negócios. Não se afaste das ocupações ordinárias. Qualquer empreendimento estranho à profissão, redundará em grande fracasso.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Fale muito, tanto quanto puder, das suas possibilidades, dos seus conhecimentos e dos seus projetos, pois é muito possível o aparecimento de pessoa capaz de lhe dar a mão e de levá-lo à realização dos seus objetivos.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Seu magnetismo pessoal será nulo nos dias 2, 4 e 5 de novembro. Não se insinue nem faça solicitações quaisquer, livrando-se, assim, de desilusões que, em alguns casos, poderão ser mesmo humilhantes.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — A semana entrante não possibilitará a formação de firma comercial ou industrial, de sociedade privada, a realização de negócios em conta de participação, etc. Os casos sentimentais, igualmente, estarão mal influenciados.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Os astros lhe reservaram uma semana insignificante, no que diz respeito aos acontecimentos. Nada de anormal ou de relativa importância, mesmo, acontecerá, em sua vida, nos próximos sete dias.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana lhe oferecerá favorabilidades gerais, um pouco mais acentuada no final do período. O ambiente não se prestará para negócios de vulto. Limite suas iniciativas às pequenas transações.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Ofertas inesperadas, mas interessantes, serão feitas ao leitor, sendo possível, mesmo, a aceitação de uma implicando em mudança do seu atual domicílio. No seu interêsse, será bom não recusar a oferta.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Suas atividades vão ser extraordinàriamente desenvolvidas e postas a prova, suas possibilidades de realização. O próximo período terá a feição de um verdadeiro teste impôsto pelo destino para a seleção dos seus objetivos, no futuro.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro	31	—	Márcio	—	Marina
Novembro	1	—	Adronildo	—	Eulina
"	2	—	Arnaldo	—	Ester
"	3	—	Florindo	—	Emília
"	4	—	Gildo	—	Noraida
"	5	—	Geraldo	—	Gervásia
"	6	—	Antero	—	Geisa

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Outubro	31	—	7º	46'	21"	(Signo do Escorpião)
Novembro	1	—	8º	46'	24"	(" " ")
"	2	—	9º	46'	29"	(" " ")
"	3	—	10º	46'	36"	(" " ")
"	4	—	11º	46'	44"	(" " ")
"	5	—	12º	46'	55"	(" " ")
"	6	—	13º	47'	8"	(" " ")

O duelo Garcez x Ademar - IV

Ademar de Barros, colete fechado, mãos nos bolsos, tendo ao lado o sr. Lino Matos, elemento de sua confiança. Ent-e os dois, em segundo plano, vê-se Miguelão, tido como figura do corpo de segurança do chefe do P. S. P.

OS ASTROS E O SR. ADEMAR DE BARROS

A POSIÇÃO ASTROLÓGICA DO SR. ADEMAR DE BARROS EM FACE DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS EM 1955 ★ EM PLENO DOMÍNIO DE MARTE ★ UM CLIMA LUNÁTICO ★ CAMPANHA ADEMAGÓGICA ★ O "ARRIERE" DE SATURNO, MOTIVO DO FRACASSO ★ O AZAR DO PÁREO ★ QUE HAVERÁ...

De **BATISTA DE OLIVEIRA** para a **REVISTA DA SEMANA**

CHEGO ao fim da tarefa a que me propus, oferecendo aos leitores da «Revista da Semana», a interpretação do tema de natividade e do trânsito evolutivo do sr. Ademar de Barros para a vigência dos seus cinqüenta e quatro anos de idade. Êsse ano idade do ilustre político, coincidirá com as eleições gerais para a escolha do sucessor do Presidente Getúlio Vargas.

Ficou demonstrado, no segundo dos estudos agora concluídos, a perfeita qualificação do sr. Ademar de Barros como candidato potencial à Presidência da República. Sua habilitação astral, como poderia dizer, para chegar ao mais alto pôsto da representação política, no nosso país, era completa, seu passaporte astrológico estava conforme. O homem poderia passar...

Focalizei, no estudo anterior, a posição e a **performance** atual do ex-governador paulista, no páreo já ensaiado para o Catete e demonstrei, com detalhes, os recursos postos à sua disposição, sua vontade estuante e a deliberação que o anima para vencer.

Resta-me, agora, a palavra final, o exame do trânsito evolutivo dos cinqüenta e quatro anos, para dizer, de modo claro, positivo, categórico, sem sofismas e sem meias figuras, sem os costumeiros mais ou menos dos **profetas**, se o discutido homem público brasileiro vai ou não, ser eleito Presidente da República, em 1955.

★

Os elementos técnicos do trânsito evolutivo em questão, são os seguintes:

Posição nativa do factum	103,0
Rotação aos 54 anos	92,2
Posição evolutiva aos 54 anos	10,8

O destino colocará o sr. Ademar de Barros, ao iniciar-se o seu quinquagésimo quarto ano de idade, no décimo primeiro grau do signo do Carneiro, dispondo-o assim, sob o domínio de Marte. O ascendente do trânsito, representando a personalidade, estará no signo do Câncer, sob o comando da Lua.

Fustigado por Marte que se encontrará à disposição de Uranus, o «Excêntrico», a partir de abril de 1955, o sr. Ademar de Barros pensará em atingir a reta e, em disparada, passar à frente, no luzídio páreo da sucessão e cruzar o disco marcador com a diferença de um corpo, pelo menos. Não será isto uma ilusão? No signo superficial do Câncer, a personalidade do sr. Ademar de Barros estará desfrutando um clima lunar. Lunar ou lunático, o que é a mesma coisa.

Perderá o chefe paulista, por fôrça dessa circunstância, o senso da realidade e incidirá na prática de verdadeiros desatinos políticos. A situação terá feição mais grave ainda, pois

Uranus estará atuando, por oposição, sôbre seu plexus nativo na casa um, plexus responsável pela natureza excêntrica que lhe apontei no estudo da personalidade. Acrescente-se que Uranus, às ordens de Saturno, estará em conjunção com Júpiter, circunstância que lhe aumentará consideràvelmente o nefasto poder.

O sr. Ademar de Barros não disporá da serenidade precisa ao exame da situação, nem poderá, conseqüentemente, estudar e estimar os elementos de que possa dispor e, muito menos, ajuizar do volume e da posição das fôrças contrárias, mobilizadas para a luta.

★

Os leitores vão-me perdoar o neologismo, mas não encontrei, no vernáculo, um têrmo que me possibilite a expressão real do meu pensamento, a respeito da obra social e política do ex-ocupante dos «Campos Elíseos» aos 54 anos de idade.

Os seus destemperos e suas atitudes desabusadas irão além do que a demagogia comum pode comportar. A expressão-campanha demagógica não corresponderia ao fato o ser expresso, não o exprimiria com a precisão necessária.

O que vamos ter, em 1955, é uma campanha demagógica a Ademar. Logo, uma campanha ademagógica. Esta é que é a boa expressão.

Em que dados astrológicos, em que elementos me apoio para adiantar tais coisas? Nas indicações de Netuno.

O astro transuraniano, na carta planetária natal do impetuoso político brasileiro, ocupa a casa três, a casa dos irmãos ou dos companheiros ou, ainda, dos compatriotas, no sentido político da expressão.

Disposto em tal ângulo do sensitivo natal, Netuno jogou sua oposição na casa nove, no Dinamismo Social, e como essa oposição é do tipo das oposições desfavoráveis, sua indicação é a de uma obra puramente demagógica a ser empreendida pelo chefe dos progressistas, com o apoio nas massas.

No trânsito dos 54 anos, o sr. Ademar de Barros terá Netuno no seor do destino escrito, na sede do factum. Será êle o único elemento presente, de corpo, à casa das posições e que poderia indicar a subida do dirigente progressista, ao Catete.

★

Mas, no dia 22 de abril de 1955, em retrogradação, material, portanto, revestindo-se, em tal caso, das qualidades de Saturno, Netuno estará no signo do Carneiro e previtalisará o seu próprio quincôncio impresso no meio do céu. Será uma previtalização direta.

Êsse plesus, lançado no clima maciço de Júpiter, significa uma carreira funesta nos quadros da administração pública.

O sr. Ademar de Barros não poderá estar, em 1955, a serviço de um idealismo sadio, convicto da boa procedência das suas próprias idéias e realmente desejoso de promover o bem geral e a felicidade do povo.

Não, o ex-governador dos paulistas estará a serviço dos seus próprios ideais políticos. Visará o mando, a posição, a realização das suas ambições pessoais no terreno partidário, fazendo-se Presidente da República. Mas... não será dessa vez!

No ano das eleições não lhe será oferecido um ambiente favorável à realização dos seus propósitos e dos seus desejos. O «arriere» de Saturno e de Netuno, será a sua perdição.

A candidatura do sr. Ademar de Barros será vigorosamente combatido e... que digo eu? Proibida até. Vão embargar-lhe os passos e lhe vetar o nome!

Júpiter e Uranus, conjuntos na casa sete, mandarão uma ruinosa quadratura à casa dez, provocando o insucesso retumbante a que estarão votadas as alianças políticas do sr. Ademar de Barros com outros partidos, visando a Presidência da República.

E' curioso verificar-se que essa dupla e ruinosa quadratura dos dois astros conjuntos, no setor das alianças e dos tratados, dos conchavos políticos e dos «arreglos», atingirá em cheio, no meio do céu, o plexus direto de Saturno, plexus que é o germem da possível chegada do sr. Ademar de Barros, um dia, à cubiçada cadeira onde se senta, no momento, o sr. Getúlio Vargas.

Mas, se tôdas essas considerações não fôssem bastantes como índice do insucesso dessa aventura política em que o chefe progressista já está empenhado com uma verdadeira obstinação, a ação do Sol, na casa do destino, completaria o arrolamento das causas provocadoras do efeito previsto, satisfazendo completamente, a tôdas as exigências, no caso.

Lançado a 109 de domitude, em conjunção com Mercúrio, o Sol que é o regente da orquestra planetária, previtalisará, por oposição, na casa dez, no dia da abertura do trânsito dos 54 anos do sr. Ademar de Barros, sua própria quadratura impressa a 290 de domitude.

Essa quadratura do astro-rei, em natividade, imprimiu-se no clima de Júpiter e significa, segundo D. Néroman, entraves na carreira, concorrência invencível, uma pedra do caminho do sucesso, na notoriedade e da glória, relacionado tudo isto, à vida pública funcional, aos póstos da alta administração e do govêrno. Seria preciso mais?

★

Nas eleições presidenciais passadas, o sr. Ademar de Barros não pôde apresentar-se candidato à sucessão do Presidente Dutra. O fantasma representado pela possível atuação contrária do vice-governador do Estado de S. Paulo, sr. Novelli Júnior, o assombrou e embargou-lhe os passos, já a uma boa distância do seu caminho.

Nas próximas eleições não lhe será possível apresentar-se candidato, outra vez. Apenas o fantasma será diferente. Se a justiça eleitoral não lhe vetar o nome, fôrças políticas poderosas se levantarão e um candidato destinado a batê-lo formalmente, será apresentado. No páreo «Presidência da República», então, sua montaria será apontada como o azar. Não atingirá a meta.

QUE HAVERÁ?

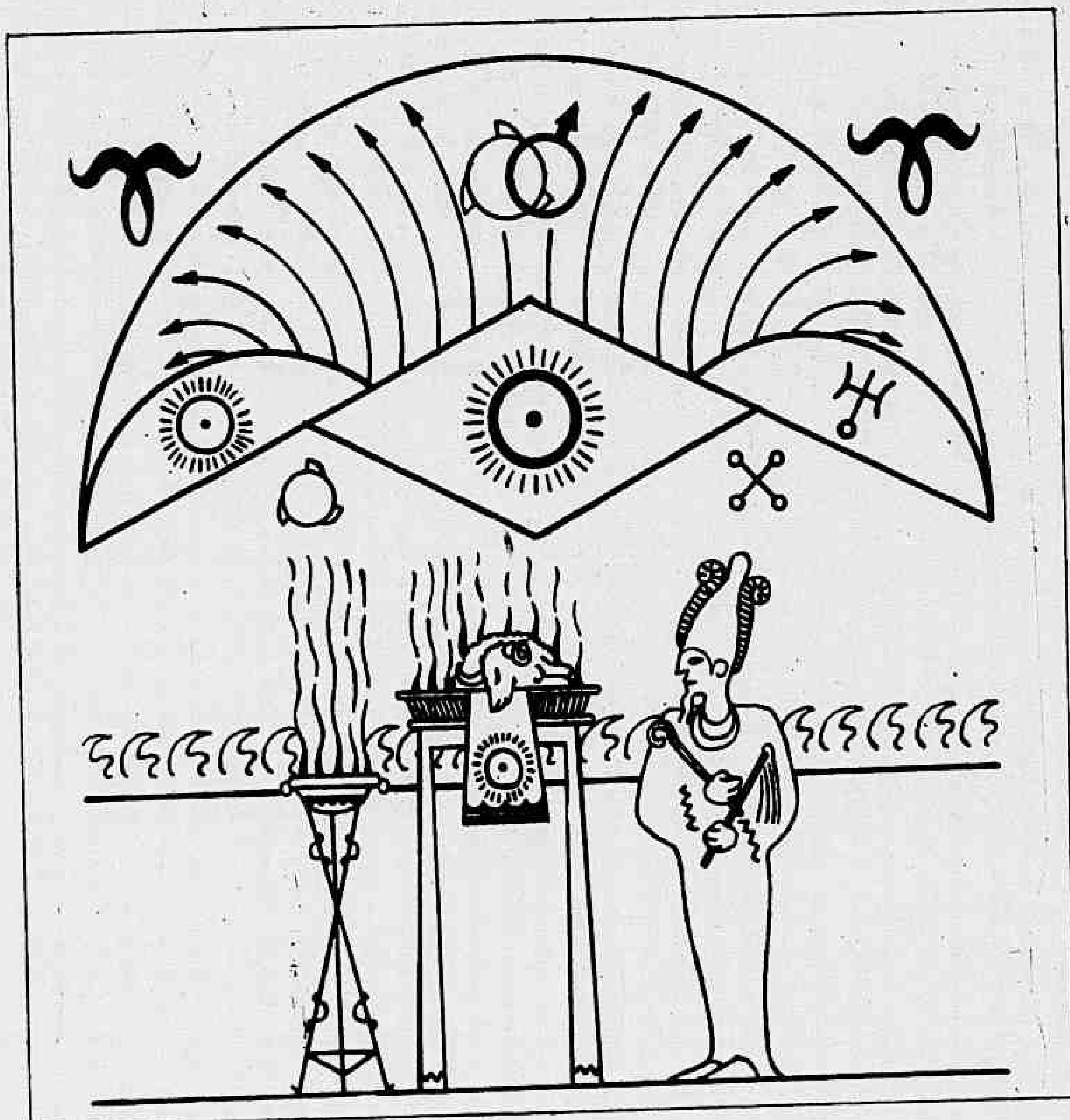
Se me fôsse possível estudar o trânsito evolutivo do sr. Ademar de Barros, num cotejo com o do regime político reinante no país, talvez fôssem mais carregadas as côres com que acabo de pintar o quadro da sua candidatura à Presidência da República, em 1955.

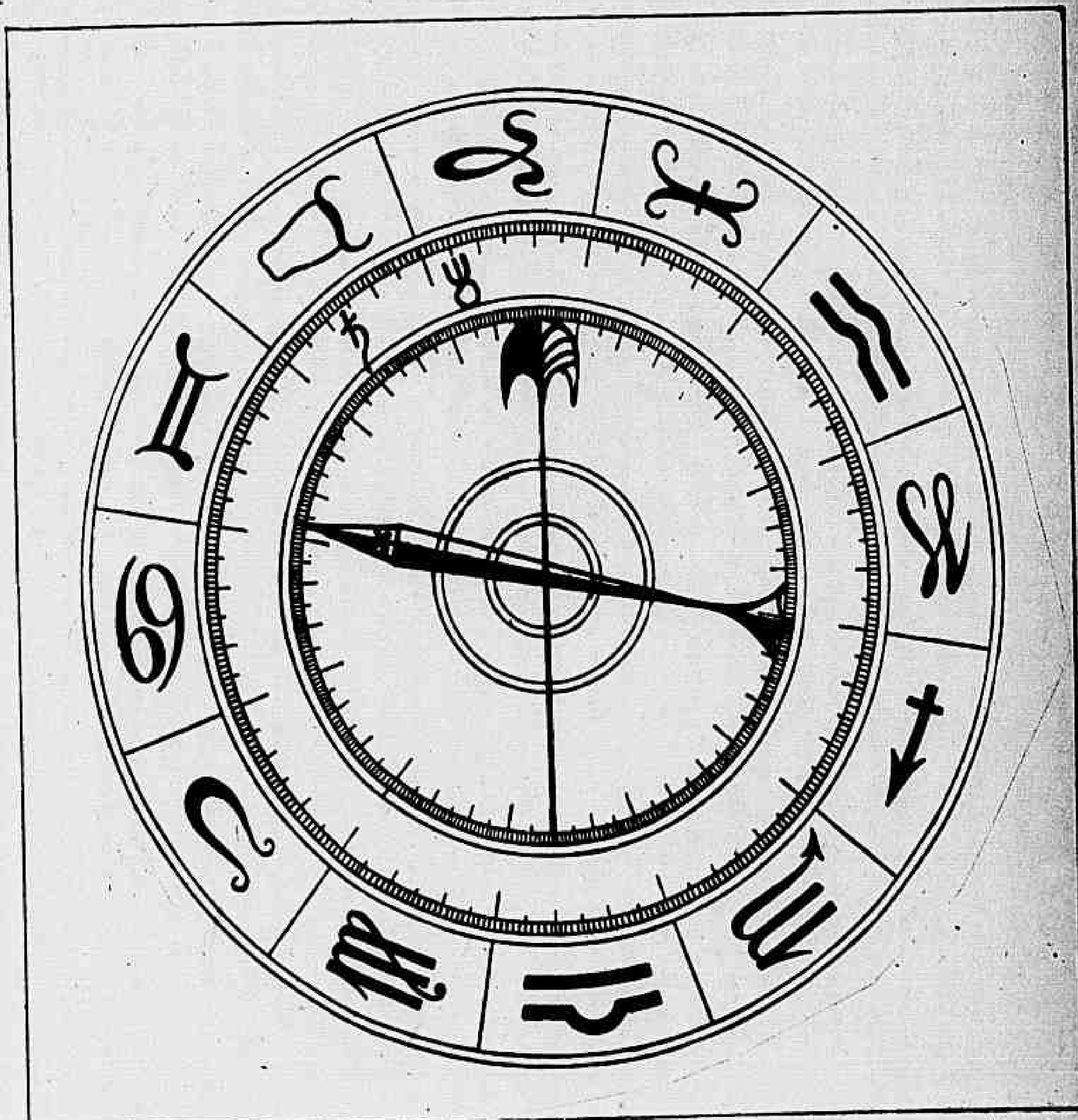
Na verdade, como se pode conceber o veto do seu nome, pela Justiça Eleitoral, estando S. Excia., devidamente enquadrado nas exigências constitucionais para tanto e em pleno gôso dos seus direitos políticos?

Do mesmo modo, como admitir-se a proibição pura e simples, da sua candidatura, em plena normalidade do regime?

Convenhamos, porém, as perspectivas nacionais para os dias futuros, não são nada animadoras. Em tais condições, todos os prognósticos pessimistas se justificam, mormente quando se apoiam nas configurações dos astros. O que se passa na Terra, escreve-se, antes, no Céu.

(Continua no próximo número)





À esquerda: — Alegoria do planêta Marte no signo do Carneiro, seu domicílio celeste. À direita: — Detalhe do trânsito evolutivo dos 54 anos do sr. Ademar de Barros. Note-se o afastamento de Saturno, do setor do destino. E' o adeus do «Grande Maléfico» ao seu protegido.



A jovem Kate acompanhada de seu pai, dr. Domício Ribeiro dos Santos, caminha para o altar da Igreja da Candelária.

Enlace

● Acontecimento da maior expressão em nossa vida social, foi o enlace matrimonial da srta. Kate Ribeiro dos Santos, filha do sr. Domício Ribeiro dos Santos e Dona Elza Ribeiro dos Santos com o sr. Renato Vieira de Alencar, filho do dr. Francisco Vieira de Alencar e Dona Amélia Peres Vieira de Alencar. A cerimônia religiosa, realizada às dezessete horas do dia 3 p. passado na Igreja de N. S. da Candelária, e da qual focalizamos estas fotos, compareceu um grande número de parentes e amigos das tradicionais famílias, que foram levar ao jovem par os votos de perene felicidade.



O jovem casal quando cortava o artístico bôlo de noiva, ladeado pelos seus pais, os casais Francisco Vieira de Alencar e exma. senhora e Domício dos Santos e exma. senhora.

CONTA-ME Teus Sonhos

MARIA PAULA

● **ARDOLIN — (Campinas)**

SONHO — ... E, assim por várias vêzes sucessivas. Nervoso abandonei a casa, dizendo para mim mesmo que iria procurar outra mulher. Dirigi-me para uma casa que pensei ser «casa de mulheres», e notei ser um prédio muito bonito, com amplas janelas, tôdas envidraçadas com vidros muito claros, bonitos, mas que, apesar disso, não se via o seu interior. Cheguei até à porta, também de vidro e apertei a campainha. Surprêso, reconheci ser uma Igreja, pois fui atendido por um senhor que vestia um traje igual aos dos Irmãos do Santíssimo. Decepcionado resolvi entrar; verifiquei estar a Igreja completamente cheia, e todos vestiam o mesmo traje, e, de joelhos, oravam e cantavam hinos sacros. Ajoelhei-me, também, ante o altar e fiz a saudação com tal reverência e tal curvatura que chegava quase a tocar o solo com o rosto, à moda árabe, isto por várias vêzes. Notei que se preparavam para sair em procissão, com o Senhor Morto. Vi a imagem de Jesus Morto; vi-lhe perfeitamente as feições. Seguia o caixão, um grupo de mulheres que choravam desesperadamente. Então pensei: não sei por que estas mulheres choram dessa maneira, se o Morto nem sequer é seu parente! Mas logo refleti: são seus parentes, como não? Pois não somos todos filhos de Deus? Logo, é meu parente, também! Tratei de fazer «cara triste» e ia seguir o entêrro, quando acordei...

INTERPRETAÇÃO — Assim como os símbolos são o produto de sugestões, o sonho é o reflexo da vida cotidiana, com tôdas as experiências vividas. E, mesmo, em sonho a lei de associação de idéias se faz sentir e o subconsciente encaminha os fatos para que êles apareçam juntos, uns dos outros. Por êsse motivo é que o princípio de seu sonho (... havia chegado de viagem...) foi idêntico ao que, em realidade se dá na vida comum. É natural que, ao chegarmos de viagem, tenhamos saudades de nossos entes queridos e os tratemos com maiores efusões de afeto — justamente o que se processou no seu sonho. As experiências particulares e íntimas de nossa vida material são, às vêzes, tangentes às idéias de moral superior e religiosas que nos obrigam a esquadrinhar a vida espiritual mais acuradamente e, como conseqüência sentimos serem demais, certos e determinados atos (interrupção de que foram vítimas).

As casas representam a personalidade, como já tenho escrito tantas vêzes, porém esta representação vai um pouco mais além e também diz muito do nosso Eu interior; assim sendo, é natural que você, que se interessa pelo espiritualismo, como me mandou dizer, substitua, por transferência, seu **Eu inferior** (casa de mulheres) pelo **Eu Superior** (surprêso, notei ser uma Igreja). Sendo o Brasil um país onde o catolicismo tem sua base como, quase religião oficial, todos nós brasileiros nascemos dentro dêsses princípios e somos conhecedores, por freqüentar as Igrejas, de seus rituais (Irmão do Santíssimo, com seus trajes característicos). Não é de estranhar, portanto, que você venha a sonhar com estas cenas tão comuns em qualquer cerimonial católico). Diz-me você que se interessa pelo ocultismo, orientalismo, por isso em seu sonho, há mistura dos ritos ocidentais com os orientais (fiz a saudação à moda árabe). Novamente, encontro outro detalhe que me dá mostras de seu espírito investigador (...são seus parentes, como não?) e que procura tirar deduções exatas do que lê e do que lhe tem sido ensinado até hoje. Entretanto, como me demonstra sua grafia, você é capaz de se adaptar às circunstâncias — subindo ou descendo de acôrdo com o ambiente (tratei de fazer, também, cara triste). Quanto à sua letra nada posso dizer, pois que esta Secção, para tanto não me dá direito. Quando fôr inaugurada a Secção de Grafologia o atenderei, com todo prazer.

● **MLLE. H. L. — (Rio)**

SONHO — Sonhei que me dirigia para um aniversário, em companhia de duas amigas, uma acompanhada pelo noivo. O automóvel era o meu, mas no sonho fôra-me emprestado. A amiga mais idosa fêz-me saltar, indicando-me o caminho, o qual era tão confuso que foi preciso dar várias voltas até encontrar a casa, para onde nos encaminhávamos. Em lá chegando vi a aniversariante, uma criança que completava o seu 1º aniversário, em frente ao bôlo enfeitado, tendo uma velinha no centro. A seguir a minha amiga deu a mãe da criança um presentinho. Como eu não tinha intimidade com a dona da casa, ofereci-lhe uma cédula de 50,00 cruzeiros, que ela reuniu aos demais presentes que já se encontravam na caminha.

INTERPRETAÇÃO — Sendo o nosso corpo físico representado nas diversas simbologias pelos carros e edificações quaisquer, é natural que todo aquêle que ainda não possua um verdadeiro conhecimento de si próprio ou que não tenha contrôle sôbre seus atos, venha a sonhar que viaja em **carros** alheios e emprestados (o automóvel era o meu, porém foi-me emprestado). E tudo em seu sonho indica que, em verdade, você está tateando, sem uma diretriz, e que talvez se valha de estranhos para orientá-la (fêz-me saltar, indicando-me o caminho); e, mesmo com a orientação de amigos ou de algum conselheiro, você ainda não sabe o caminho certo que deverá seguir (... tão confuso que fôra preciso dar voltas...).

Conto de MARQUES REBELO
Ilustração de ORVAL



Circo de Coelhinhos

ISABEL, Beatriz dos olhos côr de mel, e Loló e Silvino, na farândula infantil dos meus amôres, dançaram com Dodô e dois coelhos.

Sim, dois coelhos. Chegaram numa cêsta de tampa em certo domingo morno de novembro, quando na casa de tia Bizuca, onde eu morava e que era no Andaraí, apontavam os ramos do pomar os primeiros sapitis inchados.

— São de raça, disse seu Manuel, chacareiro, valorizando o presente que me trazia. Angorás legítimos — mostrava, suspendendo-os pelas orelhas, que ao meu protesto por tamanha barbaridade foi explicado ser o processo usual e correto de se pegar coelhos.

Angorás, ou não, jamais houve coelhos tão queridos, lindos que eu os achava, brancos, peludos, olhos vermelhos, orelhas róseas — dois amôres!

Minha vida até aí era um suceder de brinquedos e mais brinquedos, pique, cabra-cega, traquinadas na chácara que subia até o morro, barulhentas correrias nas salas vazias do porão habitável, nem eu podia acreditar que outra fôsse a finalidade das crianças. Foram êles, aquêles alvíssimos pompons, que me fizeram ver, além do mundo despreocupado dos folguedos, um outro mundo maior, que o colégio desvendava aos outros meninos — o das obrigações. É que a escola para mim fôra suave. Longas as férias, poucas as aulas no pavilhão aberto dos menores, que assistia quando bem queria. Nas mãos inteligentes de d. Judite, maternal, paciente, os métodos modernos dulcificavam asperezas. E havia, sobretudo, a ordem expressa de titia, que «não puxassem» por mim. Foram êles, repita-se, que me trouxeram a noção das primeiras obrigações, mas, longe de me rebelar contra elas, com que amor e alegria a elas me entreguei! «Está na hora de botar água para os coelhos» — e cataclisma nenhum teria a fôrça de me impedir. Penteava-os, catava-os, levava-os a passear no jardim, roseiras, só roseiras, que no reino das flores eram a paixão de titia; recusava ao Taninho passeios dominicais no automóvel de seu pai, uma Benz, que ficava com êles, móveis fontes dos meus meticulosos cuidados. Um escravo, um escravo, confesso, fiquei das suas necessidades, pequeninos tiranos inocentes.

Não só de tirano, também de sábios aventurei chamá-los aqui (adivinha-se lá sob tanta brancura quantos segredos traziam), tanto assim que não deixaram parar no mundo as obrigações a série de revelações que a mim, naturalmente, se propuseram, e trouxeram-me o amor.

Amei-os com a ternura dum namorado. Enfartava-os de carícias. Aos meus sôfregos abraços desabava a chuva de protestos de titia: «Você um dia, acaba matando êstes bichos de tanto os espremer». Cobria-os de beijos, deixava-me nos cantos solitários da casa, ignorante das horas, em intermináveis conversas com êles, respondendo-lhes coisas como se mas perguntassem. Perdi a realidade, deixei de distingui-los, fundia-os num único coelho, um coelho maior que todos os coelhos jamais vistos, quase do meu tamanho, vivendo como gente, falando e rindo como gente, vestindo-se à marinheira como eu.

Veio com o amor o séquito das suas dores. Que de torturadas horas da minha meninice vocês, adorados bicharocos, foram a causa! Amava-os demais para não sofrer com o meu amor. O ciúme fêz a sua estréia no meu coração e, fero, me consumia. Também não era para menos: tinha um rival, e de que fôrça, anjos do céu — um rival terrível, Silvino, molequinho dois anos mais velho do que eu, que tia Bizuca tomara para criar, com três dias apenas, por morte da mãe, preta que, fielmente lhe servindo, gastara sem usura a mocidade.

Se na casa eu tinha o prestígio do sangue, êle mantinha o do tempo, de que se servia com sucesso, principalmente entre a criadagem. «Isso se deu antes do sr. ter vindo prá cá, diziam-me quando se falava de acontecimentos passados. O Silvino é que sabe tudo direitinho». Realmente sabia e, olhando-me de lado, um sorriso zombateiro que mal se percebia, contava tim-tim por tim-tim, detalhado, supérfluo, pois não ignorava que assim fazendo me humilhava. Era o antigo, era, não se podia negar — aproveitava-se disso. Defendia-se do intruso, afinal, o intruso que era eu, finório e humaníssimo Silvino.

Terrível rival, astuto como possam sê-lo os mais, rival das oportunidades esquivas como me lembro dêle, agora, os olhos bisbilhoteiros, a cara redonda de mico, a carapinha muito rente, a esperteza dos trejeitos gaiatos, a dentadura soberba de fortaleza e alvura.

Doeu-lhe o presente do chacareiro. Por que não ganhara também? Que fizera eu para merecê-lo? Êle, sim, teria direito. Ajudava o Manuel na chácara, carregando estrume no carrinho de mão, varrendo a estufa das begônias, levando-lhes comida, regando-lhes as plantas, auxiliando-o na podação sistemática dos ficus benjamin, tapume verde e compacto que defendia o terreno dos olhos devastadores da vizinhança. Era justo. E fôra eu quem recebera o presente, eu, grande patife o Manuel, miserável chaleira, «quando tinha raiva de português não era à-toa». Só porque eu era sobrinho, só. Ah! não ganhara? Que importa?! Saberia disputar a mim o afeto dos bichos. Saberia e soube. Se, por exemplo, eu lhes dava alface, êle a substituía logo pela que corria a buscar, pois que sòmente êle conhecia, na horta que não lhe guardava segredos, o canteiro em que vicejavam as fôlhas mais frescas, os grelos mais tenros.

Na luta aberta, tomava o meu partido: eram meus, não eram? Pois então, tome, baçurau beiçola, e trazia-os ao colo, dia e noite, não consentindo que êle lhes tocasse com um dedo. «Visse com os olhos!» Afagava-os na sua frente para lhe fazer pirraça: «Meus anjinhos». Que êle sofria, sofria, mas não se dava por achado e sorria-me: «Dia virá», pensava. A paciência foi premiada e o dia veio, negro dia em que tive de ir para o colégio, um colégio diferente, sério, rigoroso, com horários a que não podia fugir, pois como dizia tia Bizuca, já estava um marmanjão, era preciso entrar feio e forte no estudo para ser gente na vida.

Como padeci, Deus o sabe. Intermináveis aulas de seu Silva, que ensinava tudo, menos ginástica, explicando sempre, aborrecidamente, numa lição o que iria tomar na outra. Gramática, geografia, que me importava saber verbos e substantivos, se o mundo era redondo ou quadrado, que me importava, se o meu mundo era os meus coelhos! Se Silva falava alto, eu, porém, não o ouvia; meu pensamento mergulhava-se na dúvida cruel: que estará fazendo o Silvino com os meus coelhos? Devorava com os olhos impacientes o implacável relógio do corredor, infinito corredor sonoro, com dez janelas para o recreio, pista de astúcia onde os débeis se exercitavam, surgindo inesperadamente na porta das classes, surpreendendo os desprevenidos alunos faltosos. Que estará fazendo? E os ponteiros não andavam. Perdia-me no labirinto das conjeturas: estará carinhando-os, coçando-os, levando-os para pastar no quintal? . . . Das problemáticas suposições, seu Silva me despertava:

— «De que é que estou tratando, seu Francisco!»

Não sabia. Ganhava castigos.

Em casa, mal chegando, sacola para um lado, um beijo apressado em titia, e corria a vê-los. A brancura dos pelos não guardava a marca das pretas mãos odiadas. Os olhos vermelhos nada denunciavam. Batia-lhes, ciumento, furioso. Amedrontava-os, queriam fugir, orelhas caídas, eu os abraçava, quase chorando, com loucura.

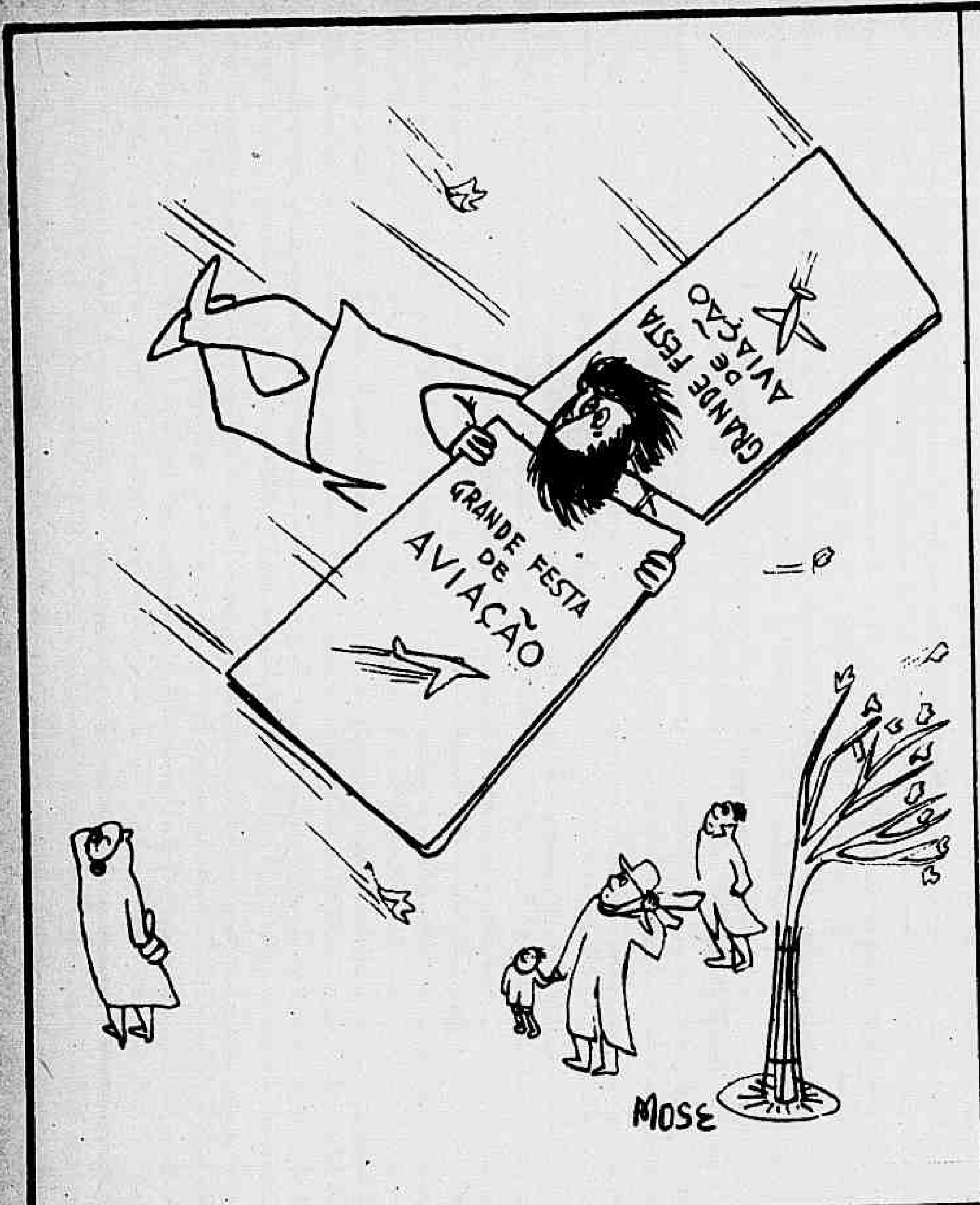
No serão da sala de jantar, titia tricotando, eu prêso aos deveres passados para fazer em casa, era êle, o bandido, que puxava o assunto para me ferir:

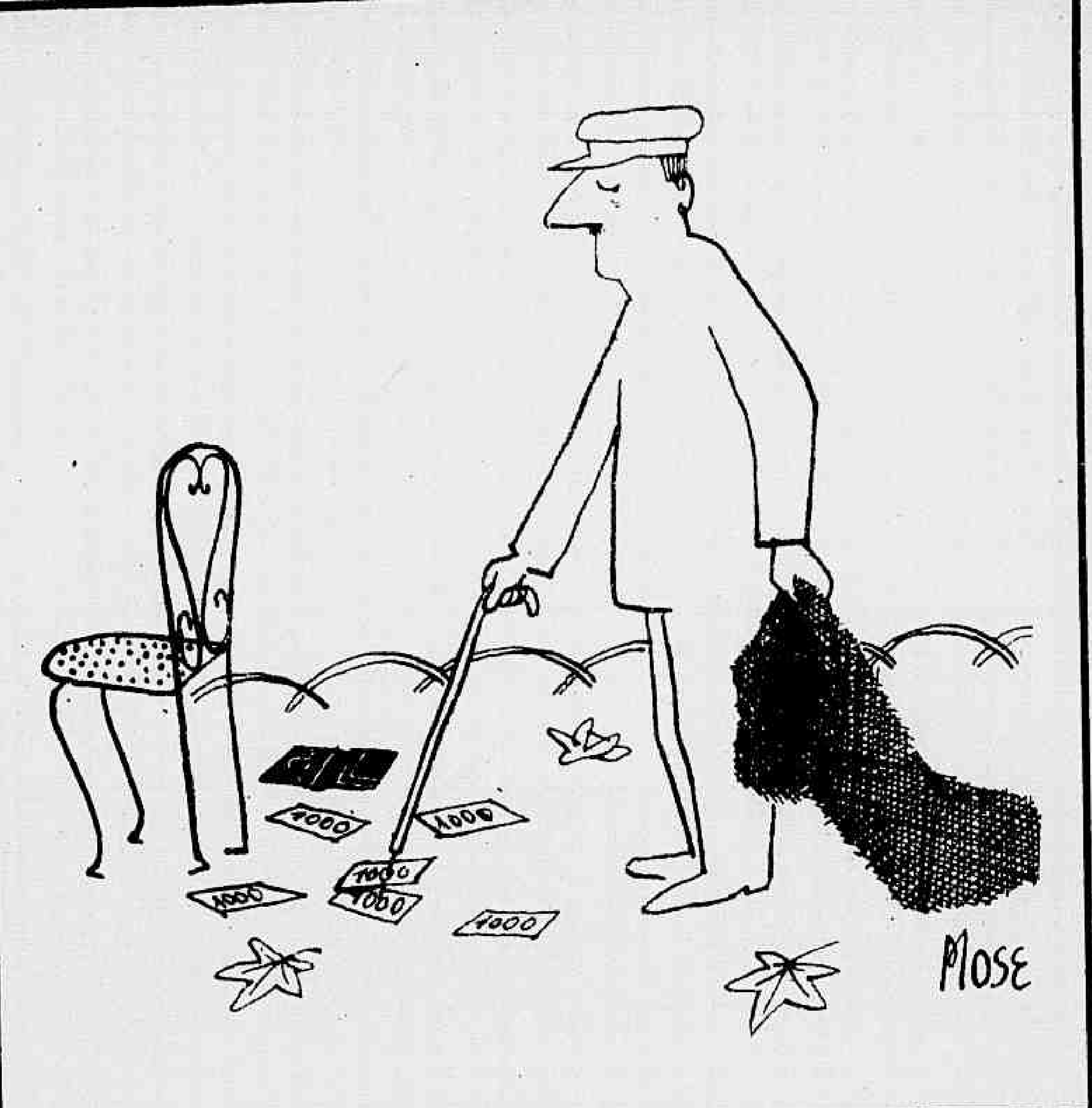
— Eu hoje — sabe, seu Francisco? — fui com os seus coelhos até a padaria.

Eu me mordia:

— É? . . .

(Continua na página 46)

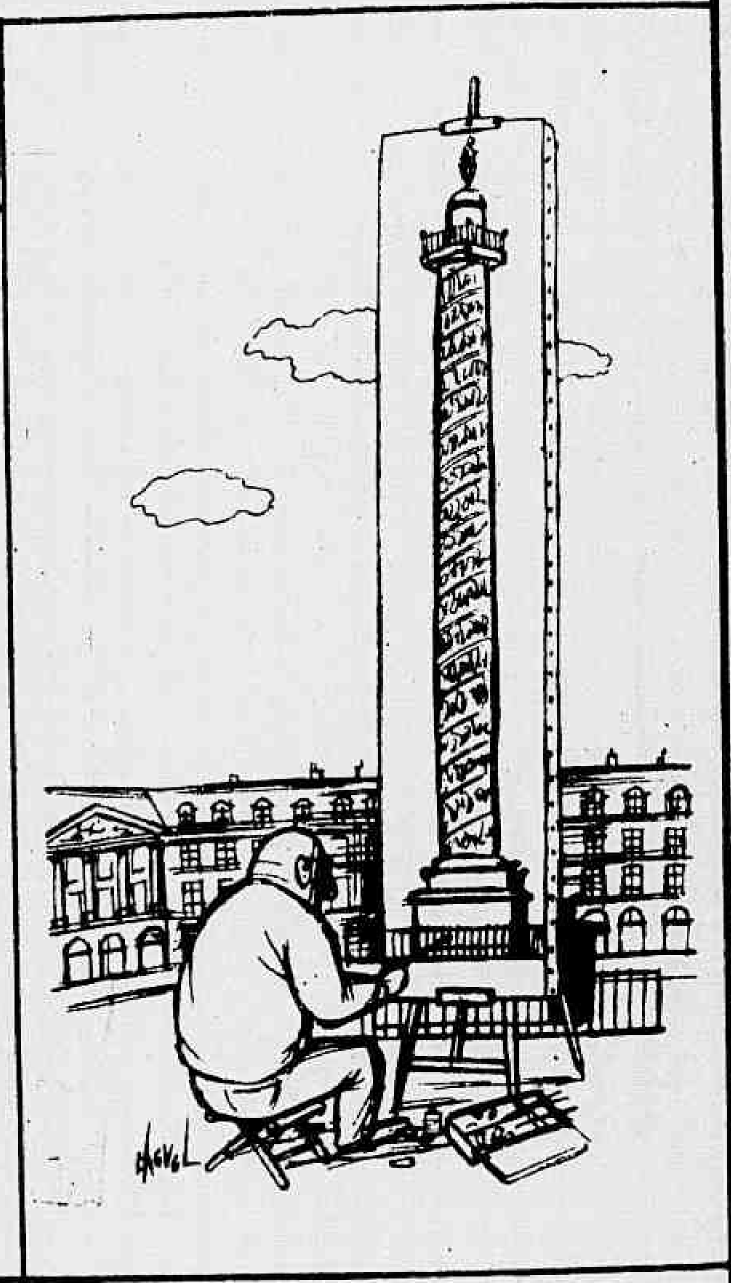


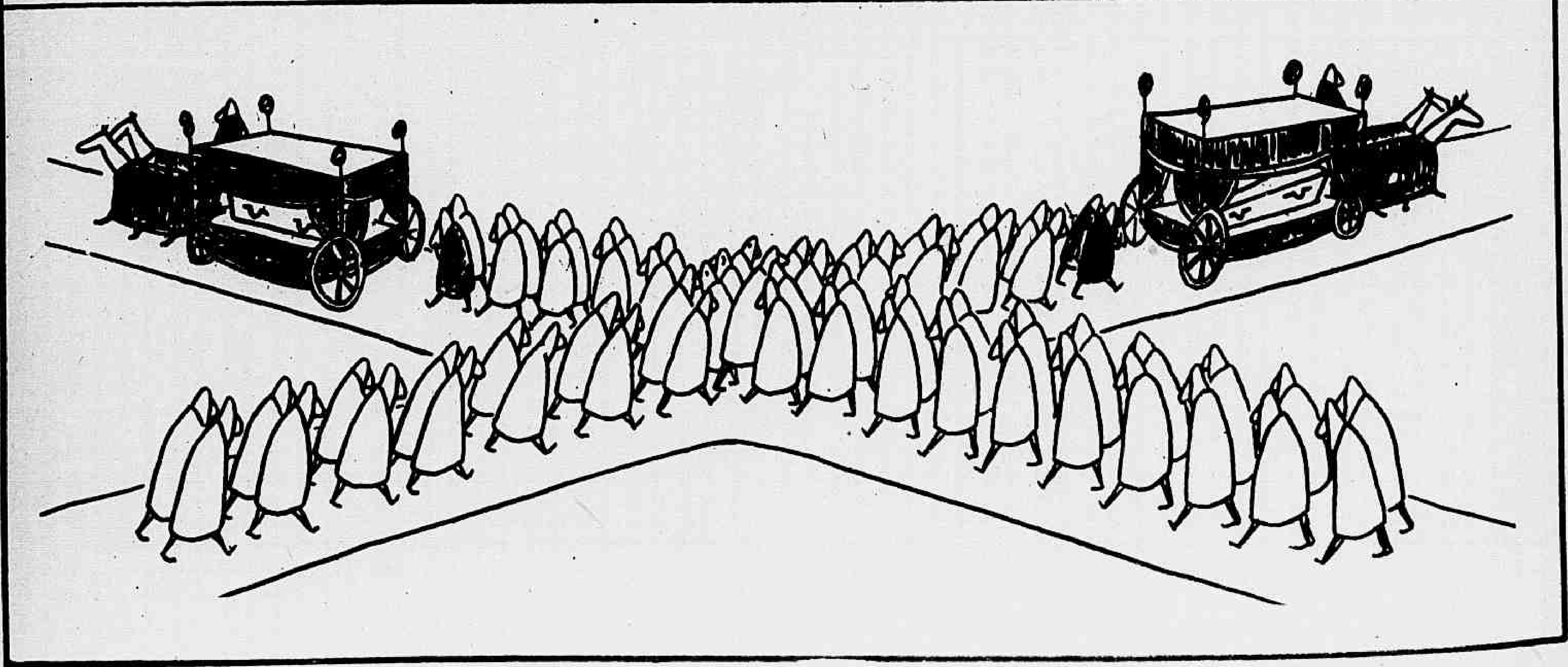




O EXALTADO

O RISO DOS OUTROS





Teatro

SOUTO DE ALMEIDA



Movimento

● Estréia a Companhia Sara Cabral-José César Borba, na Temporada de Comédia do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, encenando a tragi-comédia «As Bruxas já Foram Meninas», de César Borba, tendo no elenco Sara Nobre, Ribeiro Fortes, Narto Lanza, Terezinha Amayo, Samaritina Santos e Antônia Marzulo. Direção de Ester Leão. No mesmo espetáculo, admira-se o famoso monólogo de Eugene O'Neill, «Antes do Café» (Before the Breakfast) no desempenho de Madalena Nicoll, atriz paulista de grandes méritos e que o público do Rio pràticamente desconhece.

● No Teatro de Bôlso um novo grupo vai estrear reunindo gente nova — Maria Matos, Celme Silva, Narto Lanza e João Loredo. Serão apresentadas três peças em um ato: «Mexericos de 1880», de Machado de Assis; «A Escola dos Enganados», de André Roussin (dirigidas por José Maria Monteiro) e «Um Trágico à Fôrça», de Checov (direção de Nina Ranevsky). Os cenários são de Nilson Pena e Lígia Clark.

● Em Lisboa, Alda Garrido estreou com «Dona Xepa», de Pedro Bloch. O espetáculo foi bem recebido pela crítica e pelo público lisboetas. O crítico do jornal «República» disse de Alda: — «É uma admirável comediante, cuidando com exatidão de tôdas as minúcias da figura que admiràvelmente interpretou. O público assim o compreendeu, aplaudindo-a com sentido entusiasmo».

● Notícias de Além Mar nos falam da estréia de outro original brasileiro também representado por uma atriz bastante conhecida do público brasileiro. Estamos nos referindo a Alma Flora, que encenou em Lourenço Marques a peça «Deus lhe Pague», de Joraci Camargo, e em Loanda, Angola, a comédia «Encruzilhada», do mesmo autor.

● O êxito do «Estúdio 53» no Teatro de Bôlso tem sido digno de nota. Iniciando-se com o caráter de teatro experimental, a companhia dirigida por Telcy Perez e Carlos Murtinho passou a dar espetáculos diários numa temporada de quinze dias. Mas, o interêsse do público levou o jovem grupo a estender as representações até o fim do mês. No cartaz estão três peças deliciosas, assinadas por Tristan Bernard, Carlos Drumond e Pereira da Silva.

● Bibi Ferreira está organizando companhia para excursionar por diversos Estados do Norte e do Sul do país. Entre os seus contratados figura o jovem ator Telmo de Avelar, nome popular entre os fãs do rádio-teatro.

● Silveira Sampaio está entusiasmado com o êxito de sua última comédia — «O Diabo em Quatro Corpos» — que marcou o retôrno de Mara Rúbia à comédia. Mas, Sampaio não limita suas atividades ao teatro (autor, ator, diretor e empresário): produziu um «show» para a «Boite Beguin». E, a convite de Joaquim Rolas vai realizar uma temporada de quinze dias com sua companhia no Hotel Quitandinha, a ter início em Janeiro.

O TEATRO NO MUNDO



VICTOR BORGE — um «show» completo na Broadway, N. York.

COM A ENTRADA do outono tem início a «saison» teatral nos grandes centros do mundo que se prolongará até o comêço do verão do próximo ano, isto é, meados de junho.

★ NO TEATRO Montparnasse-Gaston Baty estará presente uma peça de Anouith — «L'Alouette» — com Suzanne Flon (em Joana D'Arc) ao lado de Michel Bouquet, Marcel André e um elenco de vinte. A direção é do próprio Anouilh.

★ ESTREOU também êste mês a peça «Il N'Y Aura pas de Matin», de Thierry Maulnier, com Michel Vitold como principal intérprete. No Teatro Hébertot.

★ EM PARIS se oferecem espetáculos de grande categoria pela autoridade de autores e intérpretes nêles relacionados, destacando-se, em primeiro lugar, o retôrno de Jean-Louis Barrault e Madaleine Renaud ao seu teatro Marigny, encenando «Cristophe Colomb», de Paul Claudel. Para novembro, Barrault anuncia a montagem da última peça de Giraudoux, «Pour Lucrêce».

★ NA BROADWAY, New York, a temporada teatral já se iniciou, ainda que os grandes lançamentos só devam ter lugar para meados de novembro. Entre os espetáculos já apresentados, a crítica acolheu com entusiasmo «Comedy In Music» em que há apenas um só intérprete — o pianista e comediante Victor Borge, que se lança no teatro depois de carreira vitoriosa nos «night-clubs» e na televisão. Como diz o colunista de teatro do «Time», Victor Borge tem um soberbo sentido do espetáculo que pode prender a assistência fazendo tudo — ou nada.

★ DESDE FINS de setembro que o Teatro Saint-Georges está apresentando «Les Invités du Bon Dieu», com a excelente Maria Mauban e Robert Arnoux. O diretor é o magnífico Ives Robert que estêve no Brasil, ràpidamente, há dois anos atrás.

★ FINALMENTE, quando «L'Heure Éblouis-Sante» o permitir, (esta peça vem se mantendo em cartaz vitoriosamente, com Pierre Blanchar) o Teatro Antoine programou a encenação de última peça de Marcel Aymé.



BARRAULT — de volta ao Teatro Marigny.

Registro

OUTUBRO registra o aniversário da companhia «Os Artistas Unidos». Há sete anos que o grupo dirigido por Henriette Morineau — «Melhor Atriz do Ano» (1946) e «Melhor Diretor» (1952) — iniciava suas atividades montando «Frenesi», no Teatro Regina que seria o marco inicial de uma série brilhante de espetáculos que se converteram em expressivos êxitos, projetando a companhia entre as melhores do Brasil. Do repertório de «Os Artistas Unidos» destacam-se elguns espetáculos de alta categoria, como «Frenesi», «O Pecado Original», «Elizabeth da Inglaterra», «Medéia», «Uma Rua Chamada Pecado» e, recentemente, «Jezebel». O incêndio do Teatro Copacabana, sede permanente da companhia, com a destruição total de valiosos cenários e guarda-roupa, não esmoreceu o ânimo dos empresários Carlos Brant e Helélio Rodrigues e dos artistas dirigidos por Morineau. A prova está na temporada brilhante que ora realizam no Teatro República, onde atualmente apresentam «Mulher sem Alma», que proporciona a Laura Suarez excelente papel. Os nossos cumprimentos a «Os Artistas Unidos».

★ Com o falecimento de Pedro Gonçalves — que a crônica circense imortalizou como «Dudu» — perde o circo talvez o seu maior animador. Palhaço famoso, que divertiu gerações, foi Dudu inclusive um inovador pela introdução, na arena do circo, de espetáculos teatrais e seu apelido já era uma tradição na vida artística da cidade.

ESTRÉIA

Obrigada, pelo amor de vocês

De EDGAR NEVILLE, no Teatro Dulcina.



«OBRIGADA, PELO AMOR DE VOCÊS» — uma excelente representação.

O grande mérito dêste espetáculo do Teatro Dulcina é a excelência de sua representação, através da arte de Lourdes Mayer, Rodolfo Mayer e André Villon. São três atores realizando-se admiràvelmente e marcando, com absoluta exatidão, todos os efeitos da marcha do tempo sôbre os seus personagens. Neste particular, Rodolfo Mayer e, especialmente, André Villon são magníficos. O trabalho de composição de tipo de Villon, no terceiro ato, impressiona não apenas pela sinceridade e perfeito ajuste nos gestos e inflexões como também pela discrição, isenta de exageros caricaturais. Impressiona também, e comove, a presença daqueles dois velhos em que Mayer e Villon se transformam. O retôrno de Lourdes Mayer ao palco é recebido com aplausos diante da confirmação de seu grande talento, até agora desperdiçado em audições rádio-teatrais de menor categoria. O espetáculo vale pela interpretação, repetimos, pois a peça do sr. Neville não resiste a uma análise mais severa, pelo pieguismo de sua história açucarada, construida na base de certas situações forçadas, em tom folhetinesco. A direção de Rodolfo Mayer e os cenários de Pernambuco de Oliveira contribuem para o êxito da peça que deverá fazer uma carreira vitoriosa, especialmente pelo alto nível interpretativo atingido por seus atores, numa realização excepcional.

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DOCHEMIM

NÓS fixamos um olhar de respeito àquelas pequeninas pílulas brancas que fàcilmente podiam nos enviar «ad patres» e quando Nicole falou em tomar uma inteira protestamos com tanta veemência e fôrça, em côro, que os passageiros do compartimento vizinho espicharam os pescoços para ver o que se passava.

Quanto a mim, arrebatei o tubo da mão de Nicole, num gesto decidido, a fim de evitar que além das minhas outras atribulações tivesse também uma das viajantes como um fardo adormecido durante os quinze dias de viagem.

— Está bem (falou Nicole) então eu tomo sòmente a metade.

E então cada uma começou a calcular a sua dosagem com a minuciosidade dos neófitos, conscientemente. Tive uma idéia:

— E se pusermos um aviso na porta pedindo que nos acordem às oito horas?

— Você pensa que está num palácio, certamente, meu caro. Com remédio contra insônia ou não, se conseguirmos tirar um cochilo dentro desta casca de noz...

Revelo então minhas intenções secretas: deitar-me no chão sôbre o meu saco de viagem. Chamam-me de doido.

Não será que você ficaria mais confortável deitado sôbre a sua carteira de notas? (gracejou Denise com voz doce).

Mas o riso desaparece das faces daquelas senhoritas quando me vêm desenrolar o meu magnífico saco de viagem americano, enchê-lo com a pequena bomba pneumática e me deitar gostosamente naquele leito preparado com mão de mestre. Deitado entre os bancos, ou não, eu estava belamente ladeado por duas alas de belas pernas femininas, muito agradável sem dúvida. Mas o balanço do trem fazia com que eu fôsse batendo com a cabeça, muito desagradável, sem dúvida. A minha volta tudo treme e se sacode; as pernas se movem como palmeiras ao vento. As pequenas conversam e riem. Mas tudo parece vir de um mundo cada vez mais distante... Quero fazer de conta que respiro o puro ar de um bosque mas a poeira me dá vontade de espirrar. Dormir... dormir... mas chego a ouvir chamarem: Dijon! Sobressalto. Será que Marie Anne perdeu o trem? Imagino ouvir piadas: «sim, apenas um rapaz no grupo e está deitado debaixo do banco»; e ouço risos imaginários de zombaria. Riam minhas meninas, riam, mas apuro o ouvido e ouço sòmente o ruído ensurdecedor das rodas do trem. O que será que Catherine está dizendo a meu respeito para sua grande amiga Marie Anne? Denise a sua grande amiga Nicole e Collette que é grande amiga de Françoise que vai embarcar em Verona? Quanto a mim, meu grande amigo é a caxumba de Hervê. Sinto-me tomando um tubo inteiro de contra-insônia, depois andando pela gare carregando nove malas de uma vez e vejo o acompanhador de Rijeka de calção de banho de «nylon», padrão escocês, rindo de mim. Vou sucumbir. Estou caindo... esgotado, cansado... Então desperto coberto de suor. As montanhas do Jura surgem na madrugada nevoenta. Levanto-me do meu leito amigo, amarrotado e coberto de poeira. Ninguém se espanta, como se fôsse minha obrigação estar coberto de poeira. Olhos penetrantes me observam. Denise é a primeira a falar com um ar de repreensão:

— Tomei três chícaras de café puro e poderia ter dormido muito também...

— Nossa! Meu «tailleur» mais parece um saco de papel (gemeu Helena desconsolada).

Elas tôdas pareciam realmente embrulhadas em papel amarrotado. E tôdas sacudiam a poeira das saias com tapinhas e passavam o espelho de mão em mão e davam gritinhos de desgosto.

Baixei a cabeça como se tivesse culpa de ter dormido e sonhado tanto e também de ter a lembrança de trazer aquêle leito magnífico (???). Ando pelo corredor. Erga a cabeça, que coisa (digo a mim mesmo) e sobretudo nada de complexos de culpabilidade. O saco de viagem americano é meu e vai ficar comigo, fui eu que trouxe e elas ainda zombaram. Eu não culparia ninguém por trazer também um saco de viagem americano. Estou resolvido, ninguém põe a mão no meu confortável saco de viagem, juro. Tanto melhor que me chamem de egoísta. Previdente — isto sim — eu fui previdente. E que não me venham com essa história de tradicional galanteria francesa. Além de tudo nos tempos da galanteria francesa em frança moda os sacos de viagem não tinham sido inventados e também não se via uma coisa destas: seis, sete ou nove moças viajando com um rapaz.

Um choque brusco corta o fio de minhas meditações filosóficas.

Modane. Chove ainda e podemos ouvir o tagarelar dos chefes de linhas italianos.

Conheço então Marie Anne. Ela é muito jovem, muito loura e muito frágil.

— «Ao responsável pela excursão organizada: queira o pombo-correio fazer o favor de vir à gare e dirigir-se ao «guichet» do telégrafo.»

Muito bom êste auto falante, claro, som limpo, agradável... Ei, meu Deus, mas é a mim que êles estão chamando! Salto correndo e entro afobado no telégrafo onde encontro uma figurinha loura adorável.

— Ah!... é você o responsável (me diz amavèl-



mente aquela jovem) eu não sabia o que fazer para descobri-lo e pedi que o chamassem pelo alto falante! Tinha um ar bem decidido aquela mulherzinha adorável. Olho meio apalermado para aquela cabeleira loura, depois tento assumir uma expressão tão decidida como a dela. Devo admitir que com meu paletó de lã sujo de graxa e coberto de poeira eu já não tenho aquela figura tão imponente de antes. Subimos para o trem.

Como sempre, recebo tudo com um amável sorriso. Bem, agora Andréa está entre nós também.

Agora nossa união não seria já tão perfeita; tornava-se necessário dividir o grupo.

O momento era patético. Tôdas se queriam sacrificar. É preciso notar que o sacrifício consistia em ir ocupar os dois lugares de canto de janela que haviam vagado no compartimento vizinho e que estavam guardados, isto é, ocupados provisòriamente pelos casacos que duas das minhas pequenas tiveram o bom senso de trazer.

Ninguém entre nós desejava senão o bem-estar do outro e trocávamos expressões como: «Você ficará muito melhor lá» ou «você é quem mais precisa descansar». Parecia no entanto que todos sem exceção haviam feito voto de abnegação. Sòmente Colette nada dizia. Encolhidinha no banco, olhos fechados segurando os joelhos era a própria encarnação da dor.

— Afinal, que decidimos? Creio que é preciso resolvermos antes da próxima estação (falei sêcamente, precisava me impor e acabar com aquilo).

— E você pensa, Michel, que êste trem vai mesmo partir? (sussurrou a doce Denise).

Incrível, porém verdadeiro; só agora a imobilidade do trem me chamou a atenção. Olhei para o meu relógio: três quartos de hora de atraso apenas. E o trem nem se movia! Mas quando? sim quando chegaríamos então nós a Turim? E a Milão? e... Para fazer passar o tempo tomei diversas tiras de papel de comprimentos desiguais e estendi às meninas:

— Tirem. E aquelas que ficarem com as mais curtas irão para o outro compartimento!

Energia! Assim é que deve ser, assim é que se fala. Eis aí o segrêdo dos grandes chefes. Por azar Catherine e Marie Anne tiraram as mais curtas. E solitários fomos todos acompanhá-las até o local do exílio. Eu era o primeiro do desfile, carregando as malas que, para minha deliciosa surprêsa, me pareceram leves como valises de week-end; Nicole vinha logo a seguir carregando os echarpes; Helena oferecia generosamente uma barra de chocolate; Denise renunciou corajosamente a dois pêcegos em favor das exiladas e Gisèle ofereceu uma lima.

Eu fiz as recomendações de costume e que me chamassem sem hesitação ao menor embaraço; e voltamos todos aos nossos lugares. Sejamos francos: do ponto de vista de confôrto, com a partida de Catherine e Marie Anne as coisas melhoraram muito.

Colette quebrou um pouco a mudez para dizer:

— Êste horrível trem não parte... vamos desencontrar do Simplon... vamos desencontrar de Françoise...

Era a mim que competia certamente acalmar a angústia daquela jovem. No corredor vários passageiros discutiam todos ao mesmo tempo e todos em italiano. Passei ràpidamente em revista o vocabulário que estudara para uma ocasião daquelas: «Pardone, Signor. Quando arrivare le trano à Turino?»

— Non so (foi o que respondeu o «signor» a quem me dirigi, e estirou o lábio inferior com desânimo). E eu fui de um para outro e afinal um viajante que me pareceu mais iluminado deu um grito de triunfo. Agora eu saberia. Sim, e o grito foi seguido de um sacudir de ombros um tanto pessimista e de uma mímica de mãos extremamente vaga. Eu precisava me informar pelo menos sôbre a baldeação dos trens; seria melhor tomar em Turim o trem de Milão, para em Milão pegar o de Simplon Expresso?

Tentei explicar com os dedos, para maior clareza, que devia passar a uma hora por Milão. Agora falavam todos de uma vez e eu não entendia uma sílaba sequer do que diziam a não ser de vez em quando: «troppo tardo, troppo tardo» e me explicavam com tôda paciência e tentavam-me fazer entender que mesmo fazendo tôdas as contas e pesando e repesando ninguém podia me prometer alcançar o Simplon-Expresso. **(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)**

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

Ilustração de RAMON

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

O jovem arquiteto Michel, tentado pelos cartazes de uma agência de turismo, resolve visitar a Iugoslávia A notícia é recebida sob protestos por sua mãe que, não obstante, começa a informar-se sôbre o lugar. Os apuros de Michel começam aí pois os amigos indicam o que convém ou não levar fornecendo dados disparatados e alarmantes e aumentando demais a lista que Michel faz febrilmente. No dia da partida a mala ainda está por arrumar e reina grande confusão ampliada pela mãe de Michel. Em cima da hora o viajante entulha a mala e corre para pegar o trem que iniciará aquela viagem «organizada». Esbaforido, toma o ônibus que o leva à estação onde apenas duas pequenas esperam. Mais tarde vem o organizador, que revela que os outros rapazes desistiram e que Michel terá por companhia umas dez moças e, entregando-lhe os passaportes e tôda a responsabilidade, se despede. O trem parte e Michel já não conta com férias tranqüilas, prevê o que o espera pois ao entrarem no trem começa a disputa de lugares. Confere os passaportes com as presentes e separa os das que embarcarão nas próximas estações. Depois de acomodá-las êle resolve dormir um pouco no saco de lona americano que é seu orgulho e assim chegam a Modane. Aí mais duas pequenas se juntam ao grupo.







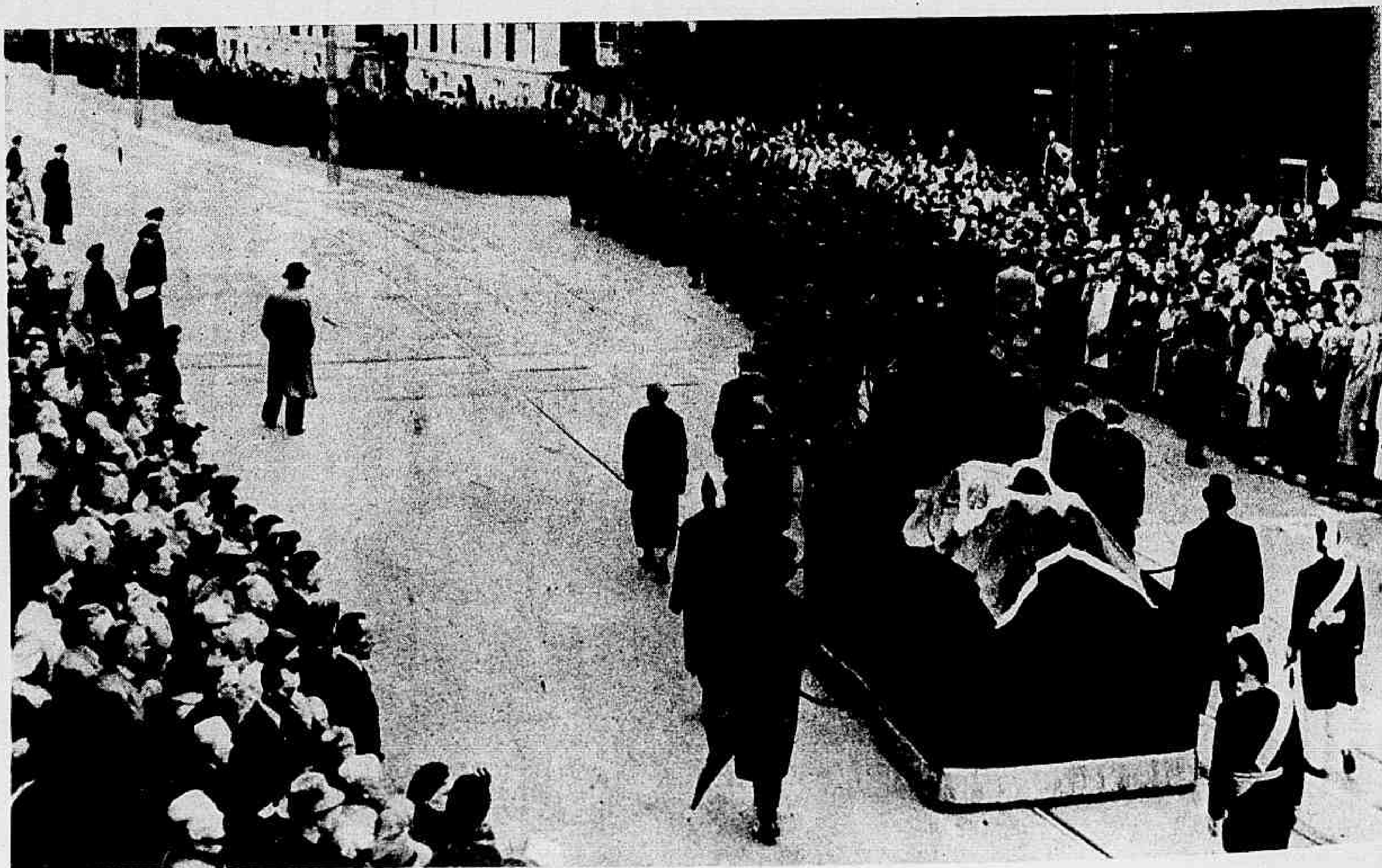
DUELO AQUÁTICO

1) Atravessar o Tâmisa entre Westminster Pier e County Hall, num duelo de natação dos mais animados, foi o que fizeram as jovens Hillary Brooke, norte-americana e a inglêsa Connie Tilton, na tarde de 24 de setembro último. Miss Brooke, que também é artista de cinema, (maiô escuro) aperta a mão da rival, antes da prova. 2) Aqui vão elas. A americana foi-se distanciando da concorrente minutos depois da largada do cais de Westminster; a britânica, não se deixou impressionar e está com o plano de deixá-la cansar-se naquelas braçadas furiosas. 3) Connie ganhou! É interessante informar que Miss Connie fêz cenas de dublagem como sendo Esther Williams no filme «One Piece Swin Suit», e não ia competir nessa prova com Miss Brooke; mas, como a desafiadora da americana, Patricia Laffen, à última hora não pôde comparecer, convidaram a «double» da popularíssima «estrêla» Esther Williams, que foi, viu, venceu e... beijou.



JANELA SÔBRE O MUNDO

O embaixador do Brasil na Holanda, sr. José Roberto de Macedo Soares, faleceu recentemente, oportunidade em que recebeu especiais homenagens do Govêrno e do povo daquele país amigo. Êste flagrante foi tomado nas ruas de Haia, quando os restos mortais do ilustre patrício eram conduzidos para o cemitério local, entre a tropa em desfile e a população em reverência. As tocantes manifestações de aprêço ao nosso representante diplomático constituíram inequívocas provas de estima à pessoa do embaixador e ao Brasil.









MAMÃE TAPIR

Quando a mamãe viu o filhote assim todo cheio de listras brancas, ficou meio confusa. Como podia ser filho dela e do Senhor Tapir, se nem ela, nem êle, têm tais marcas no couro? Isso só devia ser astúcia de papagaio, para colocar mal alguma cotia vizinha das antas. Mas depois mestre macaco explicou: «Nada disso, comadre tapir. Não há nenhuma «tapiação». Seus filhinhos, quando nascem, vêm assim mesmo. Depois, com o passar dos anos, perdem os pêlos brancos...»

PANO PARA AS MANGAS

Londres também dita modas femininas. Vejam as leitoras (e também os leitores, é claro) êsse modêlo de vestido a que deram o nome de «Paraíso de Eva», de lã negra, numa só peça; mas, a originalidade não está no feitio do corpo, e sim das mangas, com uma bela flor muito alva, para contrastar. Para não deixar os tecidos de algodão em plano inferior, apresentamos também outro modêlo, também com «pano para as mangas», romànticamente denominado de «Valsa de Chopin».







QUE MULHERZINHA!

Êle é o brasileiro Antobel Donatz Ribeiro da Silva, casado com June, residentes na Inglaterra. Faz poucos dias, Mrs. da Silva, que já não parecia desejar manter o casório, arremessou-lhe uma peça de ferro no crânio. Levado o caso à polícia, ela não negou o fato, mas declarou com a maior ingenuidade dêste mundo: «Eu atirei-lhe a peça de ferro; mas não era meu intento matá-lo, e sim derrubá-lo, apenas, justamente como vejo nos filmes...» Que bela mulherzinha, de amargar, não?

ÓTIMA EXPERIÊNCIA

Em Farnborough, Inglaterra, levaram a efeito esta prova de que o helicóptero poderá tornar-se num dos melhores e mais seguros meios de transporte aéreo. O «Bristol 173», de dois motores e podendo conduzir treze passageiros, sobrevoou o campo onde se realizava o maior espetáculo aeronáutico do mundo, arrancando exclamações de quantos ali estavam para assistir às exibições aéreas. O transporte aéreo avança em todos os sentidos, tornando o mundo cada vez menor

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

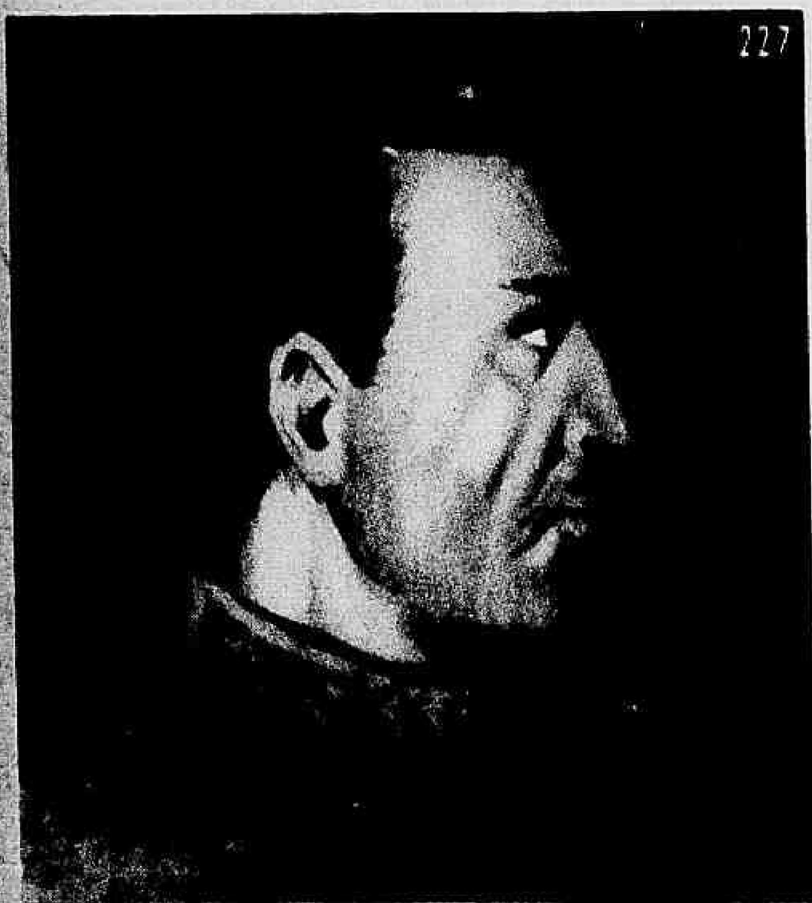


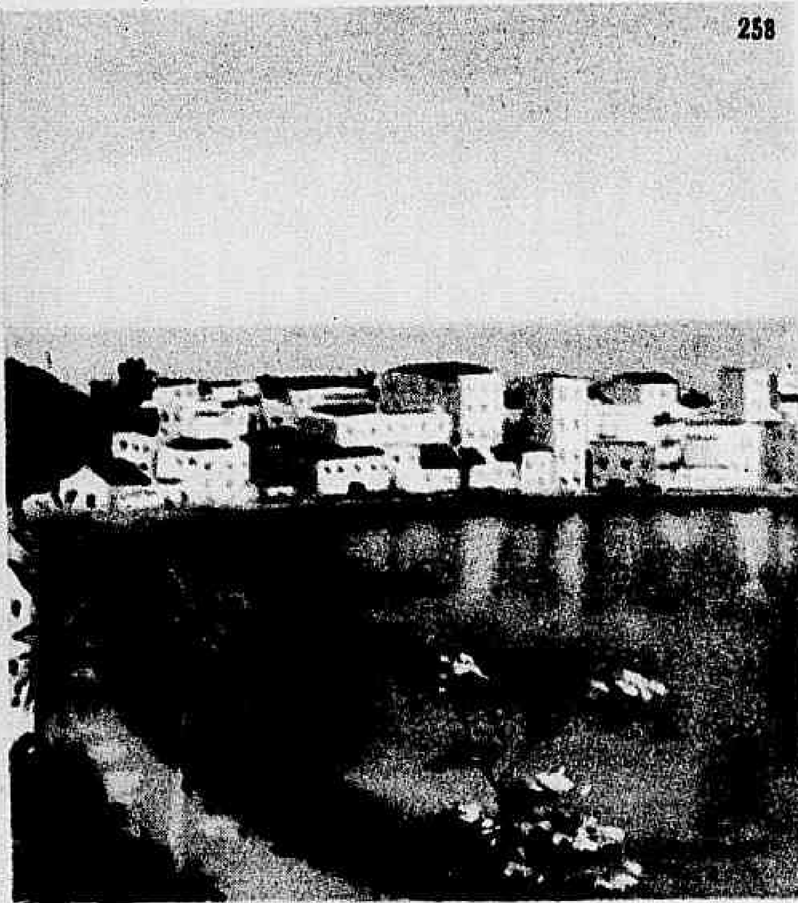
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

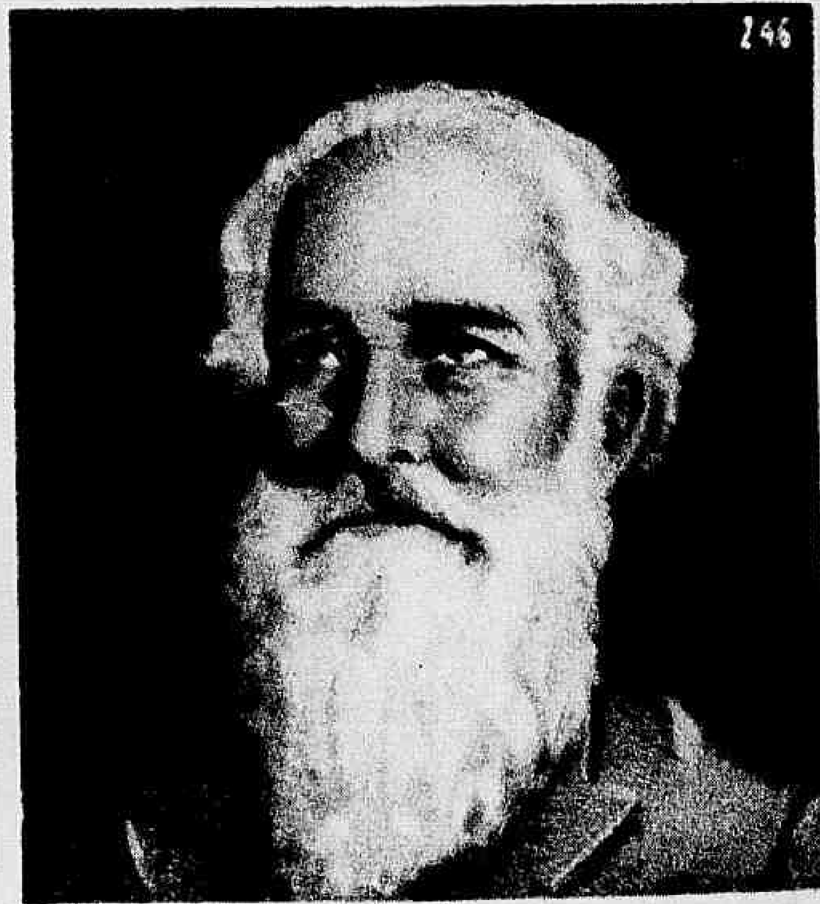
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.

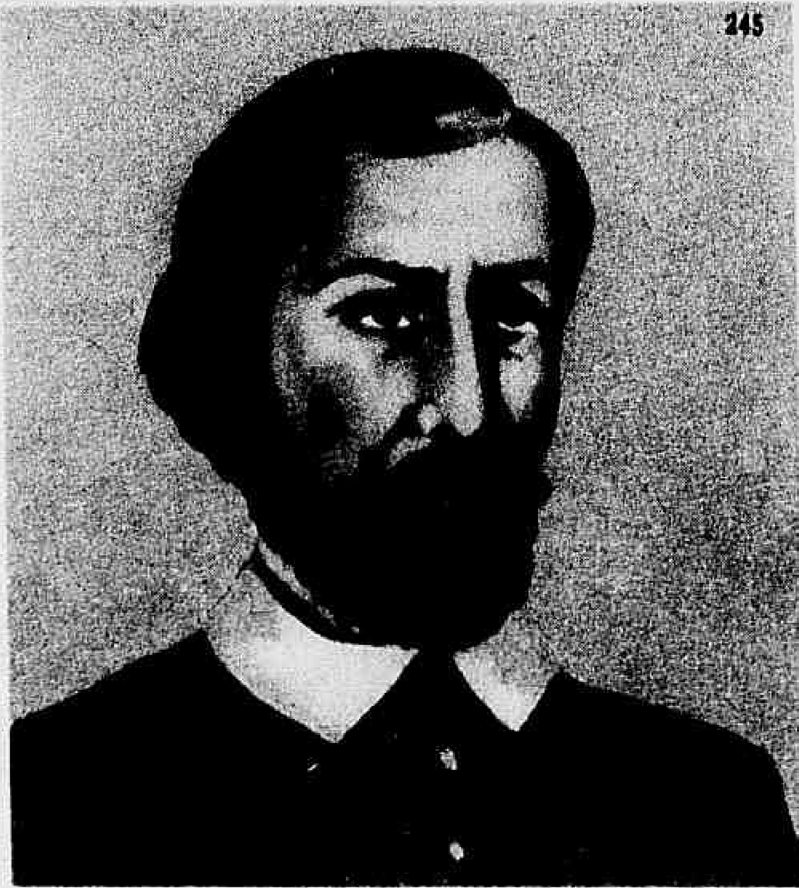
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.


227

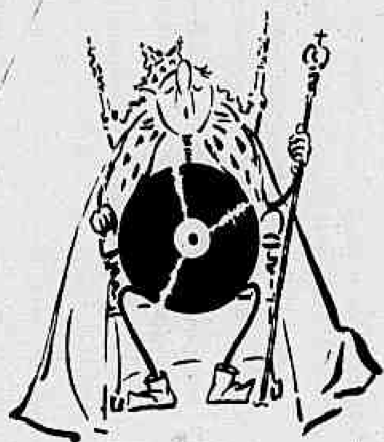

258


246


256


245





Rádio

ROBERTO ROCHA

MICRO-REPORTAGEM

HOJE: ALMIRANTE



O rádio últimamente virou chanchada, irresponsabilidade, inutilidade. Ao invés de se dirigir a um público de bom-gôsto, é feito 90% para gente de pouca instrução e baixo nível mental.



A televisão, absorvendo os ouvintes e anunciantes do rádio, acaba por vencê-lo. Mas não essa televisão de chanchada, que acompanha o rádio no mau gôsto, falta de ética e de utilidade.



Entre os males do rádio, aqui estão dois extremos: o esperto, com Marques Rebêlo, e o burro, como Paulo de Grammont. Ambos apenas prejuízos trazem ao rádio: são igualmente nocivos.



Ainda há chance para o rádio? Claro. Mais senso profissional, melhores direções, um pouco menos de estrelismo, ainda poderão dar ao rádio a feição de um divertimento interessante e útil.

A VOLTA AO DISCO

HOUVE tempo em que, no rádio, as gravações não constituíam senão «recursos», por isso que sòmente os programas «de estúdio» tinham realmente expressão. Foi a fase em que o rádio, atingindo níveis econômicos mais estáveis, passou a criar suas próprias atrações, a utilizar a música em função de uma linha de irradiações pré-determinada — e não mais como atração, em si mesma. O disco, entretanto, que perdera muito de sua expressão com o aparecimento do rádio, readquiriu seu antigo prestígio — quando as estações de rádio se deixaram superlotar de programas montados ou rádio-teatrais, em detrimento de audições puramente musicais. E que se observa agora? Nada menos que a volta ao disco, à música, simplesmente. Como nem tôdas as estações tivessem recursos para apresentar bons programas de estúdio — o que exige a manutenção dispendiosíssima de bons cantores, grandes orquestras, vastos e selecionados elencos de rádio-teatro e produtores inteligentes — algumas delas encontraram na música em gravação, selecionada com bom-gôsto, o meio-certo de conquistar ouvintes numerosos. Música, apenas música. Pouco falatório, nos intervalos, inclusive com a redução do número de textos comerciais. Orquestras, cantores, solistas, conjuntos — tudo dosado, convenientemente.

E tem dado certo? Que respondam a Rádio Eldorado, a Emissora Metropolitana, a Rádio Guanabara, a Rádio Jornal do Brasil. Elas não só sobrevivem, no rádio atual, como consolidam uma posição que será a única a sobreviver, num rádio de futuro próximo, com o desenvolvimento da televisão.

VÁRIAS

★ *Não faz muito tempo, Gagliano Neto lamentava, em conversa com o repórter, que Raul Longras não aceitasse seus repetidos convites para integrar a equipe esportiva da PRD-8. Com a Rádio Clube fechada e sem grandes perspectivas de voltar a funcionar, a tática recusa de Longras só poderia ter uma explicação: o homem do "pimba!" não queria deixar a sua posição de chefe de equipe. Agora, entretanto, a verdadeira razão apareceu: Longras está muito ocupado, fora do rádio, pois é candidato a vereador, pelo Partido Republicano Trabalhista. Boa sorte para êle!*

★ *Gagliano Neto, acusado de ter pedido, ao Chefe de Polícia, o fechamento da Rádio Globo, tem-se defendido pelo seu programa "Problemas e Soluções". Fêz um vasto "dossier" (aprovando que apenas se defendeu dos ataques do sr. Carlos Lacerda) e, submetendo-o ao Presidente da A.B.R., Manoel Barcellos, e ao do Sindicato dos Radialistas, Normando Lopes, pedirá a ambos um pronunciamento absolutório. Se não fôr atendido, usará — segundo declara — do "direito de resposta" assegurado pela Constituição (artigo 141) e exigirá que a Rádio Globo e a Televisão Tupi — entre outras — irradiem seus argumentos.*

★ *Finalmente, o caso da Rádio Clube do Brasil parece aproximar-se de uma solução feliz. Por convocação do próprio Ministro José Américo (Viação), membros da Comissão de Funcionários da extinta PRA-3, com Orlando Forim, João de Freitas, Arnaldo Amaral e Roberto Mendes à frente, acompanhados ainda por Manoel Barcellos e Normando Lopes, compareceram ao Palácio do Catete e foram recebidos, pessoalmente, por S. Excia., o Presidente Vargas. As declarações do Presidente foram positivas: aprovava a constituição da Rádio Mundial, com os funcionários acionistas e aguardaria apenas que o decreto de concessão do canal lhe chegasse às mãos, para assiná-lo. Ao que tudo indica, portanto, antes do início de novembro, estará funcionando a Rádio Mundial — e reempregados os 150 funcionários da Rádio Clube do Brasil.*

O «CONSTA»

● **Quando a gritaria das «torcidas» organizadas começou nos auditórios das estações de rádio, muita gente achou graça. Era, de fato, um espetáculo novo, aquela multidão de jovens entusiasmadas, moças e velhas, balzaquianas e brotinhos, gritando a plenos pulmões: «é a maior!» Depois, entretanto, a coisa assumiu aspecto de «guerra» — e as reclamações se foram sucedendo... O Programa César de Alencar, indiscutivelmente o mais popular e ouvido programa de auditório do nosso rádio, foi acusado repetidamente de ter sido o «foco da infecção», senão a origem, pelo menos o local de origem do fenômeno... E, à medida que a gritaria do «é a maior!» aumentava, o nível artístico e os índices de audiência do programa diminuíam, ameaçando seu prestígio...**



O FATO

● **Do que ninguém pode duvidar, entretanto, é que César de Alencar não é apenas um nome popular. É, principalmente, um profissional consciente, um radialista de responsabilidade e cultura, incapaz de colaborar em práticas menos elegantes — ou mesmo de permiti-las em seus programas. Por várias vêzes, ouvimo-lo queixar-se do tumulto que estava ameaçando dominar as audições dos sábados, e lamentar que se dissesse que êsse tumulto era do seu agrado. Agora, César resolveu tomar providências enérgicas: com o apoio integral da alta direção da PRE-8, decretou a extinção dos gritos no auditório. Que o entusiasmo se traduza em palmas, em aplausos corretos, nunca em gritaria e confusão. A luta não é fácil, exige uma catequese paciente e constante, mas César pouco a pouco está ganhando...**



Seis dos sete elementos que constituem a companhia de Oscarito aparecem na foto: Valéria e Leopoldo trocam olhares ternos. Geni e Geraldo estão esquecidos de tudo e de todos que os cercam e Tristão, o homem do Cupim, procura esganar a Tia Úrsula, que «virou» a cabeça de Valéria.

UMA FAMÍLIA DAS ARÁBIAS



Reportagem de SAMUEL AVERBACH — Fotos de ARNALDO VIEIRA

OSCARITO passa a mão pelos cabelos e começa:

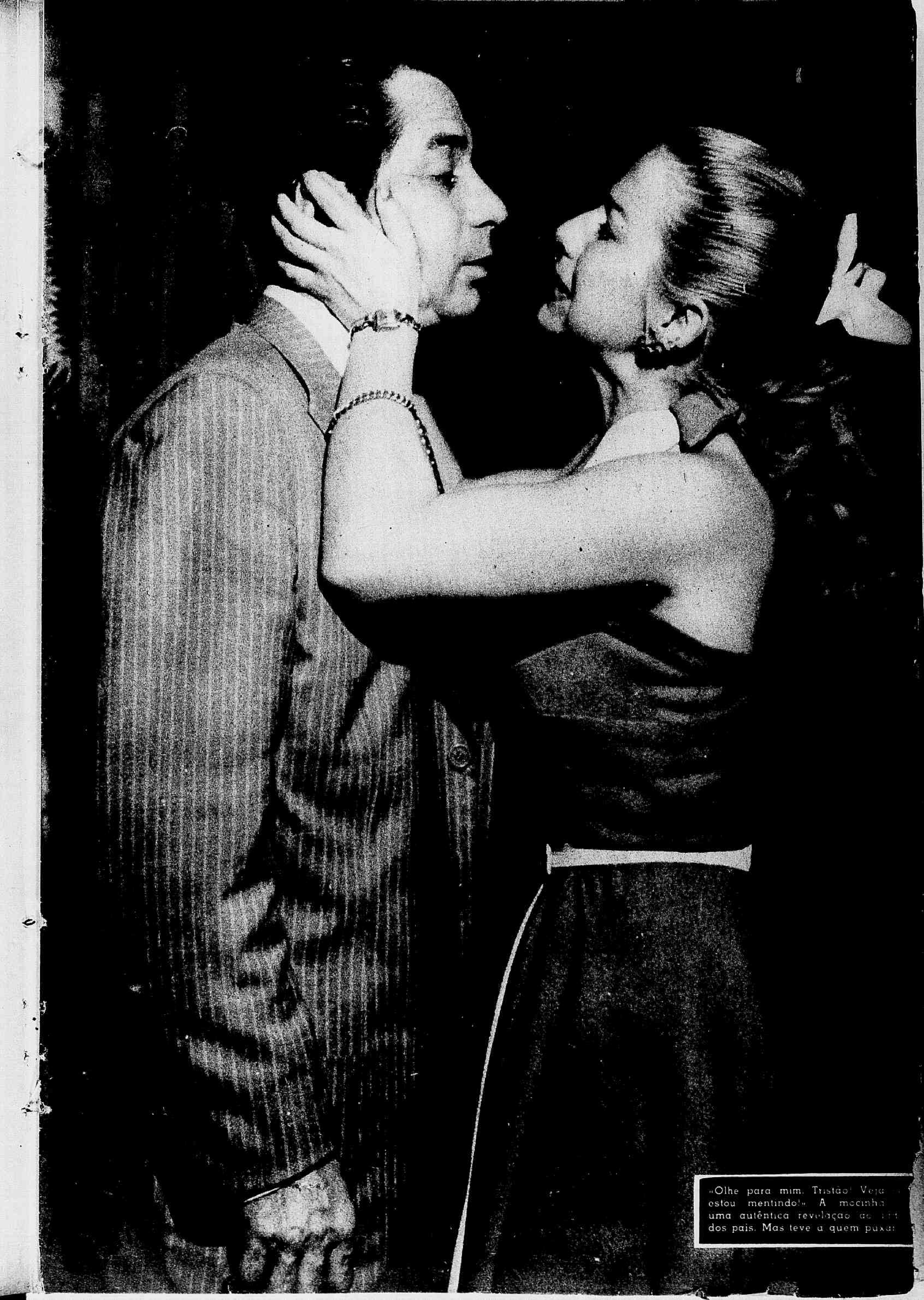
— A idéia de formar minha própria companhia já existia há algum tempo. Álvaro Assunção sugeriu certa feita, que eu e família nos apresentássemos no teatro, pois achava que a aceitação, por parte do público, seria enorme. Depois de muito pensar e de pezar os pros e contras, acabei por formar o elenco de «Cupim». Confesso que nunca desejei ser empresário, por saber das enormes dificuldades que se apresentam numa aventura como essa: aí influem os fatôres monetário e publicitário, a sorte, e outras ainda, de menor relêvo. A minha resolução foi quase momentânea, embora anteriormente tenha refletido bastante a respeito. E, pode crer, algo que muito influiu no caso foi a vontade de Myriam, de trabalhar no teatro. Achei que, ao lado de Margot e de mim, ela se sentiria mais à vontade e teria melhor oportunidade, embora não duvide das suas qualidades de atriz nem por um instante. Myriam seria capaz de vencer em qualquer companhia, pois tem vocação para o palco. Falta-lhe, naturalmente, a experiência, que só o tempo proporciona.

— Depois de tudo calculado, tratei de formar o elenco, chamando Hortência Santos, Sérgio de Oliveira, Adriano Reys e Renato Restier, êste cedido pelo sr. Aldo Calvet, diretor do Serviço Nacional de Teatro. Ensaiamos pouco mais de um mês, e agora, vamos embalados. Por enquanto, ainda não sei se faremos apresentações fora do Rio. Depende da aceitação por parte do público. Além disso, tenho contrato com a Atlântida e devo continuar a filmar por dois anos e meio. Estou satisfeito no cinema e não pretendo abandoná-lo.

— O gênero que prefiro é mesmo a comédia embora possa adaptar-me a qualquer papel. Sou de opinião que um ator não se deve queixar dos personagens que lhe cabe representar. Tanto valor há em fazer uma «ponta», como um papel de grande envergadura. Tudo depende da boa vontade com que se aceita êsses papéis.

Relembre-nos a sua vida, pedimos:

— Descendo de espanhóis. Nasci em Minas Gerais, conto 47 anos de idade. Meu nome ver-



«Olhe para mim, Tristão! Veja [illegible] estou mentindo!» A mocinha [illegible] uma autêntica revelação [illegible] dos pais. Mas teve a quem puxar



Sob os olhares aprovadores e esperançosos dos papais, Myriam Teresa Dias assina a proposta pela qual se candidata a «Miss Objetiva».

Myriam, perdida em pensamentos, olha o «flash», que, de ora em diante iluminará muitos momentos de sua vida, e pergunta: «Serei a escolhida?»





dadeiro é Oscar Teresa Dias. Trabalho há 32 anos no teatro. Aos 23, já era primeira figura das companhias em que atuava. Casei-me aos 28 anos e sou bastante feliz ao lado de Margot Louro. Temos um casal de filhos. Myriam é a mais velha; o caçula está com 12 anos.

— Pensa em deixar o cinema?

— Agrada-me trabalhar no cinema, como já disse.

— E Grande Otelo?

— E' um excelente companheiro e espero que possamos fazer mais alguns filmes juntos. Para mim, tôdas as películas em que atuei foram boas. Se umas alcançaram maior ou menor sucesso, isto se deve a várias circunstâncias, que seria ocioso citar. Basta lembrar o fato de que o cinema nacional sempre lutou com enormes dificuldades; só agora começa a se libertar das cadeias que o prendiam, e nossas produções já conseguem bastante sucesso no estrangeiro.

— Margot Louro — Margarida, na vida real — vem chegando. Enlaça o pescoço do marido e dispõe-se a responder às nossas perguntas.

UMA FAMÍLIA DAS ARÁBIAS



Três estrêlas brilham no firmamento do teatro brasileiro. Uma delas acaba de ser descoberta pelos astrônomos, mas seu brilho é quase o mesmo das outras duas, faltando-lhe apenas maturidade.

Myriam também se aproxima e escuta a conversa, sorrindo de quando em vez, de modo cativante.

Fala Margot:

— Estou no teatro há 22 anos. Estreei aos 14 anos, na comédia, com Oduvaldo Viana. Conheci Oscarito, noivei e casei, passando a trabalhar ao seu lado desde então, sempre nas revistas. Afastei-me do teatro cinco anos atrás, porque precisava cuidar dos filhos. Myriam chegava à idade da transição e o caçula já ia ao colégio, necessitando, como tôda criança, da assistência e do incentivo dos pais.

— Voltou ao teatro por prazer ou pelo dever de acompanhar sua filha?

— Adorei a minha volta ao palco. Sempre preferi a comédia, onde me sinto muito à vontade. Mas o que influiu para o meu retôrno à cena, foi a vontade de Myriam de trabalhar no palco. Como surgisse a idéia da família atuar em uma peça, os acontecimentos se precipitaram e agora cá estamos nós.

Voltamo-nos para Myriam e ela, como que prevendo o que vamos perguntar, resolve antecipar-se:

— Estou com 18 anos e estreei na ribalta com a peça «Cupim». Fiquei um pouco nervosa no dia da primeira apresentação, como é natural. Agora, já estou um pouco mais acostumada e espero aprimorar minhas qualidades nos quatro meses em que deve durar a temporada. Para isto conto com o apoio dos meus pais e dos demais membros da companhia. Criei-me quase no teatro, sempre sonhando enfrentar o público, êsse público simpático e acolhedor. A princípio, meu pai se opôs terminantemente à minha aspiração, mas acabou por ceder, tal o entusiasmo que sempre demonstrei.

— De que maneira gosta do ator Oscarito?

— Gosto de Oscarito em qualquer papel e, principalmente, como pai. Acho que é um grande ator, na comédia ou em outros setores.

— Pretende ser apenas artista?

— Pretendo dedicar-me inteiramente à carreira teatral, desde que o público e a crítica me aceitem como atriz. Sou candidata ao concurso para eleição de «Miss Objetiva»; as concorrentes, como não podia deixar de ser, são muito fortes, mas sempre há a esperança de vencer. Enfim, resta aguardar o resultado...

Nesse momento, um dos funcionários do teatro nos interrompe, informando que vão entrar em cena. Mas antes de darmos por encerrada a entrevista, ficamos sabendo que Myriam fêz o curso ginasial no Colégio Notre Dame e, por insistência dos pais, prestou exame vestibular para o curso normal que fôra oficializado naquele estabelecimento de ensino. No entanto, acabou por convencer seus progenitores de que não tinha queda para professôra e que a sua verdadeira e inata vocação era para teatro. Desta forma, abandonou o curso ainda no primeiro ano, dedicando-se de corpo e alma, a partir de então, à sua carreira no palco, que, sem dúvida alguma, promete ser brilhante.



Carole Lombard, bela e loura, foi o unico e verdadeiro amor de Gable. Sua morte tragica num desastre de avião, quando em pleno apogeu da fama, provocou grande abalo na vida e na carreira do ator.

O SEGRÊDO DE CLARK GABLE — IV

ROMANCE COM CAROLE LOMBARD



Esta fotografia foi tomada quando êle ainda mal pensava em cinema e ganhava a vida como colhedor de lúpulos. Notem as orelhas salientes sob o boné e o seu sorriso confiante.

ELA ABANDONOU A VIDA NOTURNA E TORNOU-SE A ESPÔSA DE UM FAZENDEIRO ★ UM RANCHO DE 20 ACRES, NA CALIFÓRNIA ★ SYLVIA ASHLEY, A 4ª DA SÉRIE ★ OS DEMAIS ROMANCES ★ QUASE FOI VÍTIMA DE EXTORSÃO.

Por OMAR GARRISON — (Exclusivo da REVISTA DA SEMANA)

UM filósofo predisse certa vez (provàvelmente, enquanto sua espôsa se encontrava fora da cidade) que a última criatura a ser civilizada pelo homem seria a mulher.

E se a maioria dos homens fôssem como Clark Gable, êsse maravilhoso dia não tardaria tanto.

Em todos os romances e casamentos do ator, não pairou qualquer dúvida a respeito de quem fôsse «o touro dos bosques», conforme uma expressão utilizada nos campos madeireiros.

Os freqüentadores dos «night-clubs» nunca se recobraram da surprêsa que tiveram quando a adorada Carole Lombard desertou da vida noturna de Hollywood rumando para Encino, na Califórnia, após casar com Clark Gable, tornando-se a espôsa de um fazendeiro.

— Imaginem Carole levantando antes do meio-dia! Ordenhando vacas, excursionando pelas montanhas e passando a noite num saco de dormir! — comentavam os amigos da «estrêla», sem poderem se convencer da realidade.

Quando Clark viu Carole pela primeira vez, num «set» dos estúdios, o incêndio que brotou no coração de ambos podia ser apreciado à distância.

Três anos depois, êles voltaram a encontrar-se — desta vez numa festa em Hollywood. Novamente lavrou o incêndio e, quando a madrugada findou, Clark Gable saíra vitorioso pois, descansando em sua casa, foi acordado por um mensageiro que trazia um caixote com pombos. O remetente não era outro senão Carole Lombard.

O casamento realizou-se em Kingman, Estado de Arizona, em 1939, e o casal comprou um rancho de 20 acres em Encino, onde pretendiam tornar-se fazendeiros de verdade. Êle dirigia o trator e ela tratava das plantas do jardim, das vacas e do feno.



Uma das primeiras atrizes com quem Clark Gable contracenou foi Madge Evans, linda jovem que, mais tarde, afastou-se do cinema e foi também ràpidamente esquecida pelos seus fãs.



Clark Gable em companhia de Sylvia Ashley, sua quarta espôsa, logo após a lua de mel que passaram no Hawai. Quando foi batida a foto o casal se encontrava no rancho de Encino.

SEU TIPO DE MULHER

Não se sabe de um casal do cinema que tenha sido mais feliz. Carole o chamava de «Pappy» e êle, por sua vez, a tratava por «sra. G».

Ela era o seu tipo de mulher e, segundo os amigos mais chegados do casal, a única a quem Clark amou de verdade.

Mas a felicidade durou pouco. Logo em seguida a Pearl Harbor, Carole voava para Hollywood, vindo do seu estado natal, Indiana, onde fôra tomar parte num « show » para a venda de Bônus de Guerra, quando o avião tombou ao solo, próximo à localidade de Boulder Dam. Em sua companhia seguia o agente de publicidade Otto Winkler. Ambos pereceram.

O estúdio fretou um avião para levar Clark Gable até Las Vegas, que ficava próxima ao local em que tombou o aparelho. Na delegacia policial organizava-se uma «posse» para penetrar nos bosques e galgar o monte em que se encontrava a carcassa do avião. Um dos homens indicou um ponto no mapa, dizendo:

— Foi mais ou menos aqui que se deu o desastre.

— Como sabe o lugar exato? — inquiriu Gable, sùbitamente apreensivo.

— Porque ali foram avistadas as chamas do aparelho.

O ator, que até aquêle momento julgava ter o avião feito uma aterrissagem forçada, empalideceu e declarou que seguiria em companhia dos expedicionários, mas os diretores do estúdio, temerosos de que a visão do local do desastre pudesse afetar o sistema nervoso de Gable, fizeram por dissuadi-lo de tal propósito.

Quando a «posse» retornou, na tarde seguinte, Gable encontrava-se à espera, ancioso e com os olhos vermelhos.

Informaram-lhe que todos haviam perecido e, após um momento de silêncio, êle perguntou:

— Como lhes pareceu que se tenha dado o choque?

— Os que se encontravam a bordo não tiveram tempo de saber o que ocorria. A queda do avião se deu de modo súbito e inesperado.

— Bom — tornou o ator. Isso foi bom.

Os amigos que estavam em companhia de Clark Gable naquela noite dizem que êle se portou como um verdadeiro ator, quase não deixando transparecer a dor que lhe ia no íntimo, embora todos soubessem que aquêle fôra o maior golpe que já sofrera em sua vida.

Êle providenciou um jantar para os homens que compuseram a pequena expedição e fêz questão de servir pessoalmente aos que lhe haviam apoiado naquele momento trágico. Entre os componentes da «posse» havia um que não podia comer o seu bife,

(Cont. na pág. 48)

A MARECHALA JUNOT

Por SERGIA FIACCAVENTO

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

JUNOT não imaginava como, naquele momento, sua tragédia contrariava os interêsses de Napoleão, que, com o apoio da condêssa de Metternich, estava em negociações para seu matrimônio com Maria Luísa e para seu divórcio de Josefina.

— Calma, marechal. A França antes de tudo. Um vosso ato impensado contra o conde de Metternich (que não digo assassinato) neste momento, seria um prejuízo para nossa nação e me traria muitas preocupações.

— Majestade, pelas vossas palavras, devo compreender que um marechal de França, que não hesitou em dar a vida e a derramar o sangue pela pátria e pela vossa bandeira, deve suportar em santa paz a desonra e a traição?!

— Não disse isso, marechal Junot. Disse que o momento não é oportuno.

— Depois, agressivo, êle parou diante de Junot e perguntou-lhe sarcástico:

— Estais seguro de não ter sido vós, com vossa conduta escandalosa, com a humilhação de vossas traições, com a indiferença mais desconcertante, a atirar vossa espôsa nos braços de um amante?

Napoleão recomeçou a andar, para lá e para cá, diante do marechal, que estava rígido como uma estátua. Depois, como se tivesse concluído uma conversa interior, parou de chôfre.

— Por hoje chega dêsse negócio doloroso. Acreditais que eu poderia me ocupar da Europa se tivesse que mandar vingar todos os maridos traídos. Considerei-vos sempre como um amigo. Abri-vos meu coração, sempre que a Imperatriz me deu preocupações com sua conduta... Sofri, também, as vossas ânsias. Nunca, porém, me veio à cabeça a idéia de matar, de vingar-me... É preciso acalmar-vos... Estais atravessando um momento de loucura...

O rosto de Junot, de palidíssimo que estava tornou-se de repente carmezim. Olhou como um alucinado para os ombros do Imperador que se afastava e abandonava-o a si mesmo.

★

Laura havia ficado, durante muitas horas daquele dia, afundada numa poltrona, sem derramar uma lágrima. Nem ao menos quisera um prato de sopa, e não permitira ninguém a seu lado. Percebera, certa hora, que ainda estava com o vestido de noite, e, sem chamar a camareira, despiu-se, enfiou um «peignoir», calçou os chinelos e tornou a se reclinar sôbre a poltrona. O cérebro vazio, o coração parado, não conseguia traçar um programa, nem tomar uma decisão. Teria querido avisar Clemente, porém, temia que a carta caísse nas mãos do marido.

Recusou, mais uma vez, a comida que, timidamente, a camareira lhe trouxe por duas vêzes. Nem ao menos percebeu que o dia terminara e se perdia nas primeiras sombras da noite. Ainda algumas horas de desesperada e impotente solidão!

Chamou Josefina para acender as luzes .

CAPITULO IV

— Como estais pálida, duquesa, vou preparar-vos alguma coisa quente. Quereis que vos ajude a ir para a cama? Estais sòmente com o «peignoir», e tremeis de frio.

— Obrigada, Josefina, não adianta nada. Sei que me queres bem.

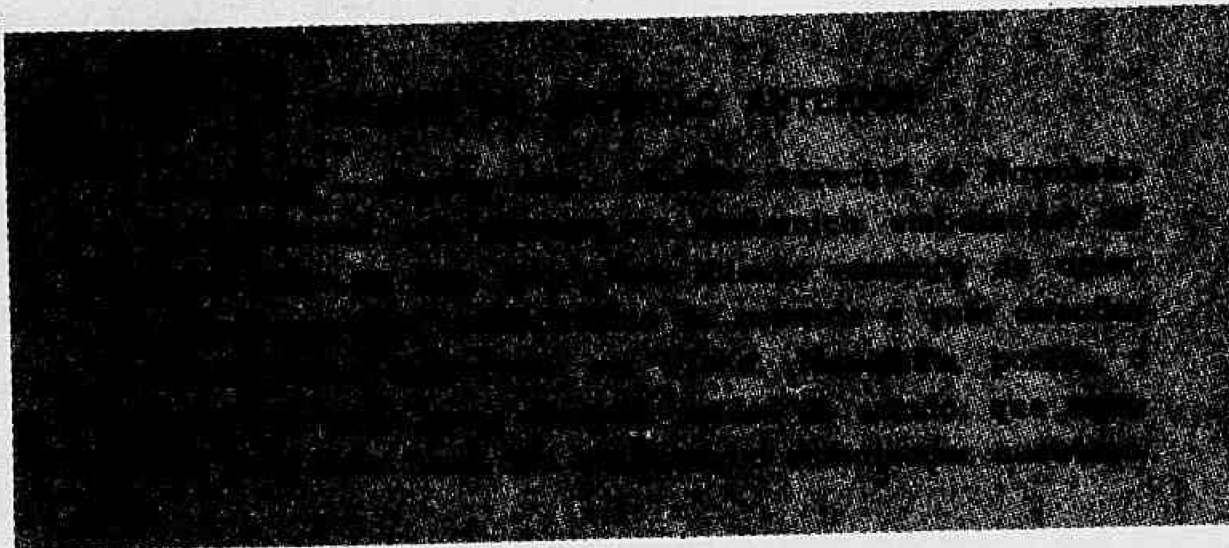
Finalmente, comovida pela afeição humilde e devota da camareira, desatou a chorar.

Josefina, como se um raio a houvesse atingido, caiu aos pés da patroa, e, com lágrimas e lamentos, abraçava-a nos joelhos.

— Se vos quero bem? Eu, que sou a principal culpada de tôda essa tragédia?... Não compreende a senhora que eu vos traí? Mandai-me embora, maldizei-me... eu, eu sòzinha tenho culpa de tudo que aconteceu.

— Tu? Tu?

— Eu vos juro, porém, que não sabia estar fazendo mal. Ela me parecia tão vossa amiga!... Mostrava-se tão comovida e dolorida pelo que vos fazia o Marechal... Depois, me animava a ajudá-la. Dizia-me, que, estando tão só, e tão triste, tinheis o direito, também vós, a felicidade... E eu sentia-me orgulhosa de contar-lhe como a



ajudava a receber o príncipe... e contei-lhe tudo. Os vossos encontros, as noites que passasteis juntos... E sorria de felicidade, a desgraçada. Não estava feliz por vossa causa, porém, e sim porque eu, sem o querer, vos traía. Eu vos traía, a vós, tão boa, tão generosa, tão infeliz! Não sabia:... não imaginava o mal que fazia!... Compreendi-o esta noite... pelo que vos disse vosso marido. Não me afastei dessa porta... Tinha mêdo, por vós...

A pobrezinha, ajoelhada no chão, como um cão batido, chorava e se desesperava, sem ousar levantar o rosto para olhar a patroa.

Entrou um camareiro e avisou que o duque de Abrantes voltaria tarde, porque estava a serviço do Imperador. Laura sentiu-se aliviada. O pensamento de que, finalmente, estava só, aquietou seu desespêro. Sabia, também, que tinha tôda a benevolente simpatia de Napoleão. Ajudada por Josefina, sentou-se diante de um espelho e começou, como uma sonâmbula, a ajeitar os cabelos.

O inesperado golpe, que lhe revelava a fonte onde Carolina Bonaparte havia recebido as informações, despertou Laura do estado de apatia em que caíra. Com os olhos muito abertos, olhava Josefina, que, mais uma vez, jogara-se a seus pés, e arrancava os cabelos, dominada por uma crise de nervos. Com gesto violento, empunhou a pesada escova de cabo de ouro, para golpeá-la... Porém, tal era o desespêro daquele vulto implorante, que os dedos se lhe abriram, deixando cair a arma inútil, e, levemente, pousou a mão sôbre a cabeça da camareira que chorava. Nem uma palavra foi proferida, os olhos apagados de Laura olhavam fixamente no vácuo.

O pranto convulsivo da criada continuava a encher o silêncio do vasto aposento, de paredes recobertas por damascos bordados a ouro. Durante longo tempo as duas mulheres não se moveram, uma sentada e imóvel, para além do presente, a outra de joelhos, chorando a sua involuntária malvadez.

Um barulho imprevisto de patas ferradas foi como um raio precursor de tempestade.

Junot estava de volta.

Como mordida por uma serpente, Laura se levantou:

— Vai-te — ordenou à camareira. Procurou concentrar as energias que lhe restavam, ergueu-se e, de pé, esperou o marido.

— Não posso ir-me. Não posso deixar-vos só. Tenho mêdo, por vós.

— Vai-te, já disse.

O rosto de Laura estava transformado por um misto terror e desespêro, de orgulho e tristeza. Preparou-se para receber o marido.

Junot entrou, como uma verdadeira tempestade. Habitualmente corado, estava, naquele momento, de uma palidez acinzentada. Os olhos, em que brilhava uma luz gelada, encontraram os de Laura. Fechou a porta, deteve-se no meio do quarto, tornando a fixar a mulher, que suportou aquêle silêncio como uma nova tortura.

— Escutai-me — disse, depois de alguns instantes — venho comunicar-vos minhas últimas decisões — estendeu-lhe uma carta.

— Podeis ler.

Laura não conseguiu estender a mão inerte, mas Junot agarrou-a, abriu-lhe os dedos com gesto brusco, separou o anular, e arrancou, com violência, um anel que aí estava. Depois, como se tratasse de um objeto raro, pôs-se a observar com calma o fino trabalho, que figurava dois ramos de hera entrelaçados, e apalpou minuciosamente o relêvo, até que avistou uma gravação com uma data: 8 de julho de 1810. Era o dia em que, na gruta secreta de Folies Saint James, em uma noite de lua, Laura D'Abrantes havia dado ao príncipe de Metternich a suprema prova de sua dedicação.

Foi o último golpe, que tirou a Junot o contrôle que tentava em vão manter, contendo o enlouquecimento que se manifestava em seus primeiros sintomas e que depois deveria acompanhá-lo até a morte.

Agitando o anel entre os dedos convulsos, sob os olhos da mulher, gritou:

— Ousais usar essa prova de vossa vergonha, desgraçada! E estendeis para mim essa mão? Impudente... sem vergonha!... e com esta mão acariciais os nossos filhinhos? Tende a bondade de ler, anda! Eu a ordeno!

Trêmula, Laura abaixou os olhos para a fôlha, e leu:

«Príncipe,

Vós trouxestes o desespêro ao coração de um homem que nunca vos ofendeu. Vós o desonrastes e êle vos pede satisfação. Estarei no dia 15 de fevereiro em Mangonza. Como ofendido, tenho direito a escolher a arma. Porém, deixo-vos a liberdade de escolher entre a espada ou a pistola. Qualquer arma será boa para mim, contanto que possa matar um de nós dois.

Eu vos envio as lembranças que destes àquela que perdestes para sempre. Deveis saber que tomei conhecimento de tudo e que qualquer tentativa de vossa parte, para negar a verdade, seria mais que uma vileza, a demonstração do vosso desejo de evitar um encontro, indispensável para libertar-me do sofrimento que me prosta.

Tenho a honra de ser

Alexandre Junot.»

Depois de ter rasgado a fôlha em pedacinhos muito pequenos, Laura correra até a lareira e jogara-a nas chamas. Surpreendido pelo gesto imprevisto, Junot não se movera. Com a voz sem cólera, perguntou-lhe:

— Por que queimastes aquela carta?

Laura, que se atirara sôbre uma poltrona perto da lareira, voltou-se para o marido, e com voz repleta de profunda tristeza:

— Porque não comprireis a vossa palavra. Nesse mesmo quarto me jurastes querer cobrir com o véu do esquecimento essa desgraçada aventura. Vedes em que estado de intensidade me agonio. Com que direito, vos julgais, de me reprovar? Há anos que havíeis quebrado todo laço de união entre nós, entregue, como estáveis, às mais escandalosas aventuras. Fizeste-me ridícula diante de tôda Paris. As picantes histórias de vossa escandalosa infidelidade eram o tema de divertimento, em tôdas as reuniões mundanas. O vosso cínico

desinterêsse a meu respeito, era desaprovado pelo próprio Imperador. Vós, ùnicamente, com vossas mãos, quebrastes em mim tudo que de mais sagrado pode unir dois esposos. Fizestes-me beber até a última gôta a amargura da humilhação, e, quando cansada de chorar, sem mais esperanças, cedi à necessidade de um confôrto, vindes reprovar-me como uma traição! Não, não foi uma traição, porque vós não me amastes nunca; êste meu amor que condenais, é a conseqüência natural de tudo que me negastes. Sabíeis que eu, vos amei, marechal Junot. Dei-vos as mais belas flores de minha juventude, com todo o ingênuo ardor de meus dezesseis anos. Afastai de vossa mente o pensamento de matar um homem que, como vós, é pai de criaturas inocentes. Além disso, tendes o meu juramento: eu não o verei mais.

Junot ouvira a mulher sem interompê-la. Sua calma, porém, era uma fria cólera. Quando ela se calou, aproximou-se e inclinando-se, segurou-lhe os ombros, e sacudiu-a frenèticamente. Sua voz era convulsiva e rouca:

— Acabastes o sermão inútil? Como ousais comparar minhas infidelidades com as vossas? Leio em vosso coração, perdida que és... estou bem seguro, que não é para voltar a virtude que me pedis para esquecer o vosso adultério, mas para ganhar tempo... para avisar o amante... para voltar livremente a êle. Vós o amais, ainda... Não é verdade?... Vós o amais?

Dobrada sôbre si mesma, os cotovelos sôbre os joelhos, e o rosto entre as mãos, Laura não respondeu.

Junot se pôs a caminhar pelo quarto.

— Tendes outras coisas dêle? — Sua voz sibilava, irônica.

Laura sacudiu a cabeça, negativamente.

— Oh! não é preciso temer, — prosseguiu Junot — eu devolverei tudo... e banhadas de sangue as lembranças serão mais preciosas ainda...

— Meu Deus — gritou Laura — podeis ainda pensar num encontro sanguinolento? Não existem mais vossos filhos? Tendes o coração tão envenenado que não pensais senão em vingança? Alexandre, eu vos suplico, pensai nos que vos são caros, nos vossos deveres de pai...

Pouco a pouco, tendo começado a falar da poltrona, ela ia se deixando cair no tapête e encostava-se, humildemente, aos pés de Junot, como antes havia feito Julieta consigo. Abraçada aos joelhos do marido, com os olhos a implorar, prosseguiu suplicante:

— Alexandre, renunciai aos projetos de vingança! Se algum dia me amastes de verdade, renunciai matá-lo!

Junot repeliu-a brutalmente, derrubando-a no chão.

— Não estais chorando por mim, — gritou entre os dentes — não tremes por mim. Sabeis que êle não conseguirá matar-me. Sabeis que tenho confiança em minha espada. Ninguém impedirá que um palmo de minha lâmina se crave em seu pescoço. Vós ainda o amais! Dizei-o, para que eu possa, ao menos, matá-lo sem remorso.

Fora de si, então, havia agarrado Laura pelos cabelos e sacudia-a com violência, até fazê-la cair sôbre as almofadas do divã.

— Dizei-me que vós o maldizeis! Dizei-me que nunca o amastes... dizei-me que o odiais!

Entre os braços enfurecidos do marido, Laura parecia uma àrvorezinha sacudida pela fúria da tempestade. Os longos cabelos cobriam e descobriam-lhe os seios, que, com gesto de defeza e de pudor, ela ocultava com as duas mãos. O coração, porém, se lhe rebelou.



— Maldizê-lo? Maldizê-lo? Eu? Não, nunca! Prefiro morrer. É como se vós me ordenásseis maldizer meus pais, ou meus filhos!

Então, desencadeou-se a tragédia. De um salto, Junot agarrou um par de tesouras, na penteadeira, e começou a golpear Laura cegamente, com selvagem voluptuosidade. O sangue jorrou copioso das feridas, enquanto a mulher, meio desmaiada, recebia os golpes sem resistência. Sua morte salvaria Clemente. Junot estaria pago, vingando-se nela. Teria salvo o seu Clemente com seu sangue, com seu martírio!

(Cont. na pág. 50)

Cinema

NEWTON COUTO



Os livreiros do Sena... Entre os delgados ramos das árvores vê-se a enorme nave de pedra cinzenta da Igreja de Notre Dame... Tanto fervor e tantas idéias que se contestam através do tempo. E Simone, como sempre fa... se familiariza com Stendhal, Mérimée, Baudelaire, Verlaine...

SIMONE SIGNORET

● Simone Signoret, cujo nome verdadeiro é Simone Kaminker e nasceu em Wiesbaden (Rhenania), na Alemanha, e foi levada aos dois anos de idade para a França, possui o tom insolente de tôdas as moças desembaraçadas de hoje, com uma voz grave, característica das mulheres intelectuais... Seu rosto é de uma beleza patética, aureolado por uma cabeleira rebelde e revolta, um olhar profundo e uma bôca ampla e sensual.

Simone Signoret ficou orfã ainda muito mocinha, e para poder viver dava aulas e fazia traduções de inglês. Certo dia, cansada da monotonia dessa vida, transfere-se para St. Germain-des-Pres, que é o lugar onde, pessoas na situação dela, sem dinheiro, diz-se, morrem de fome com mais graça e mais espiritualidade... Auxiliada por amigos seus e de Prévert, faz seu primeiro filme, isto é, interpreta um pequenino papel no filme de Jean Boyer «Le Prince Chermant» e segue estudando arte dramática com Solange Sicard. Em 1947, Simone ganha o prêmio «Suzanne Blachetti», concedido anualmente para a «melhor revelação feminina do cinema francês».

Desde então vimos Simone Signoret em autênticos êxitos universais: «Hotel Clandestino» (Macadam), o último filme que levou a assinatura de Jacques Feyder; «Escravas do Amor» (Dédé D'Anvers), grande sucesso realizado pelo seu primeiro marido, Yves Allégret; «Conflitos de Amor» (La Ronde), de Max Ophuls. Seu mais recente trabalho a ser exibido entre nós é o famoso filme de Jacques Becker «Amôres de Apache» (Casque d'Or), ao lado de Serge Reggiani e Claude Dauphin. Nestas fotos, vemos Simone Signoret num dos seus costumeiros passeios pelas margens do velho Sena.

DE SICA E MERCADER NO BRASIL

DEPOIS de muita espera no Aeroporto do Galeão, pois a chegada estava marcada para as 7 horas da manhã e só se verificou às 10, eis que surge de dentro do avião o diretor Vittorio De Sica e a atriz espanhola Maria Mercader, e... Silvana Pampanini, nada. Não sabemos quem foi o culpado, mas o certo é que foi uma atitude um tanto deselegante por parte dos responsáveis, anunciando a presença de uma artista que não se achava presente a bordo do avião, explorando com isto, as primeiras páginas dos jornais e as ondas de nossas emissoras... Como sempre os jornalistas foram prejudicados pelos «pilantras» que lá se encontravam, atrapalhando a ação dos jornalistas.



Vittorio de Sica num momento de sua entrevista no Aeroporto do Galeão.

Maria Mercader, nascida em Barcelona, Espanha, possui apenas um rosto muito bonito, destituída porém de qualquer atrativo no que se refere ao seu corpo. Veste-se também muito mal, demonstrando evidente falta de gôsto. Sua cabeleira loura tem alguns atrativos, embora muito mal cuidada. No aeroporto foi ignorada por todos, que preferiram abordar Vittorio de Sica, que, diga-se de passagem, salvou o tempo perdido dos jornalistas. Maria Mercader há muito tempo trabalha no cinema, tendo iniciado a sua carreira artística em sua terra natal, passando-se em seguida para o cinema italiano, onde milita até hoje. Já fêz diversos filmes, mas os que chegaram até nós foram «Natal no Acampamento 119», ao lado de Aldo Fabrizi e de Adolfo Celi, que fazia uma ponta, e que hoje se encontra gastando o dinheiro da companhia brasileira Vera Cruz, onde tem feito os seus «abacaxis», e «O Cavaleiro Misterioso», ao lado de Vittorio Gassman. Vittorio de Sica é que constituiu a nota impressionante daquela manhã no aeroporto, porque, como já se esperava, o diretor de «Ladrão de Bicicletas» confirmou a sua classe, respondendo com muita inteligência a tôdas as perguntas. Em pessoa, é justamente como aparece na tela, sendo de uma delicadeza extraordinária, respondendo tôdas as perguntas com um sorriso nos lábios. É alto, forte e ainda conserva os traços de sua beleza. Logo ao descer do avião, quando lhe perguntaram sôbre Silvana Panpanini, declarou que ela não veio porque se achava filmando. Traja com muita sobriedade, mas assim mesmo dá para se destacar entre todos, pela maneira como lhe cai a roupa. Referindo-se ao Festival Cinematográfico Internacional de São Paulo, afirmou que talvez não possa vir, porque exatamente em fevereiro, quando o mesmo se realizará, estará rodando a sua nova película «Ouro de Nápoles», o que é uma pena, pois êle merecia estar presente ao festival, porque é legítimo representante da sétima arte, sendo um dos maiores diretores do cinema atual. Que se movimentem, portanto, os interessados...

Última felicidade

PARA aquêles que ignoram o passado glorioso do cinema sueco, com a crise que há um ano atravessa e que fêz cerrar as portas de seus estúdios, na esperança de resolver o problema, que lhes opôs o Ministério da Indústria, podia fazê-los crer que o cinema sueco estava no momento crítico da morte.

Sem dúvida, o êxito clamoroso da versão cinematográfica de Arne Mattsson do livro de Per-Olof Ekstrom (prêmio da novela nórdica de 1950), "Última Felicidade" (Hon Dansade En Sommar), que precedeu à "A Senhorita Júlia" de Als Sjoberg, demonstra que o colapso é tìpicamente econômico, pois sob o ponto de vista artístico e espiritual, está fora de qualquer dúvida que o cinema sueco é de uma vitalidade incontestável, ocupando um pôsto destacado no plano mundial.

O otimismo se confirma, quando se sabe que esperam, nos estúdios de Estocolmo, para sua realização, uma série de filmes interpretados por destacados atores e serão dirigidos por nomes já aclamados internacionalmente.

O cinema sueco, que tem suas características pròpriamente nacionais, chegou a impor-se na cinematografia mundial, passando a ser o mestre da interpretação de dramas rurais ou naturalistas e especialmente no domínio da paisagem, onde encontram sempre um aliado maravilhoso, por serem, os campos suecos, dos mais formosos do mundo.

No cinema francês qualquer filme está impregnado de grande dose de fundo psicológico, que nos leva à comédia de costumes ou ao drama familiar. Na Suécia, ao contrário, os filmes estão sempre perto da imagem em seu estado puro.

Entre as duas tendências que nêle se delineiam, está a da influência alemã que alimenta o fantástico e o estranho, dentro do real ou imaginário e a que acusa uma libertação desta técnica alemã, mais realista e pitoresca, na qual a poesia profunda das coisas palpita na tela sem que ingenuidade da cena caia em nenhum momento no lado infantil.

No segundo gênero, está a comédia corrente da aulidade, entre cujos temas destaca-se o da apresentação da juventude atual e dos grandes problemas que o amor lhes apresenta, e a êste respeito, o filme de Arne Mattson "Última Felicidade" é uma verdadeira obra mestra em seu estilo, inspirado nas mais puras fontes do folclore sueco.

"Última Felicidade" valeu a Arne Mattsson (que já dirigiu 16 filmes), a honra de representar o cinema sueco nos Festivais de Punta del Este, de Cannes, e de Berlim. O filme que é admirável por sua fotografia, graças a câmara de Coran Strindberg o é também por seu drama, seus caracteres, seu ambiente e sua música, e principalmente pela influência direta da natureza sôbre uma juventude sem taras, constituindo a mais avançada e audaciosa tentativa do cinema sueco e mundial, em sua perspectiva de pureza carnal.

"Última Felicidade" foi, ademais, a revelação de uma nova e deslumbrante estrêla de 17 anos: Ulla Jacobsson, cujo rosto está cheio de recursos emotivos e plásticos insuspeitos, que farão dela uma grande atriz da tela mundial e da qual o cinema pode estar orgulhoso.

"Última Felicidade" levantou uma tempestade de críticas que, se bem que unânimes em elogiar o filme por si mesmo, por suas qualidades extraordinárias e novas, não o é a respeito da "moralidade" de uma das cenas, já famosa nos anais do cinema; a cena do banho dos dois jovens protagonistas (Ulla Jacobsson e Folke Sundquist), em pleno contato com a natureza, nas águas tranquilas de um lago, que também banha os espectadores, mesmo aos mais "intencionados" em um tal ambiente de pureza e poesia, que é impossível ver o nu impecável com outros olhos que não os de um visitante de um museu, porque entre o amor e a carne está o sorriso fresco, jovem e são de Ulla Jacobsson, que em breve será julgada pelo leitor destas linhas. "Última Felicidade" será distribuido no Brasil pela França Filmes.



Uma cena sugestiva do filme «Última Felicidade», onde aparecem Ulla Jacobsson e Folke Sundquist.

de paris

a expressão máxima para o verão

"Silhouette Agile"

Organdi

PARAMOUNT

Paris se expressa na linguagem sutil das flôres... na leveza dos tecidos... numa silhueta ágil, que passa pelos olhos como dádiva divina. Assim é a moda parisiense para a primavera e o verão. Vaporosa, irradiante de vida e de côres, na composição de uma elegância única, que só um tecido de fina textura, leve, armado, como o Organdi Permanente Paramount pode compôr. Organdi Permanente Paramount em côres e desenhos modernos, mais um motivo de encanto para o verão brasileiro.



ORGANDI PERMANENTE PARAMOUNT

Um produto da **INDÚSTRIA DE TECIDOS PARAMOUNT S. A.**

À venda nas boas Casas do Ramo — Exija na ourela a marca Paramount

SIMPLICIDADE





SIMPLICITY — O modêlo mais apreciado no verão: em tecido de algodão, lavável, e com feitio que se presta a tôdas as ocasiões. O xadrez, em castanho, verde e amarelo.

MARJAE, DE MIAMI — Para êste modêlo foi escolhido um estampado com tonalidades cobre, dourado e verde. O modêlo é sem alças, porém, usado com uma estola de um só lado, embutida na cintura.



***HENRY ROSENFELD** — Uma estamparia **delicada sôbre tecido de algodão acetinado**, foi **escolhida para** êste modêlo. Notem o formato **do decote, originalmente** côncavo.*



DAVID HART — Modêlo em tafetá de algodão, tecido que está muito em moda. A estola pode ser amarrada originalmente na cintura, formando uma espécie de basque.



LANE BRYANT — Modêlo muito prático, em tecido de algodão cinza, usado com bolerinho xadrez, branco e prêto. Enfeita-o quatro séries de três botões negros, nos bolsos da saia.

OS modelinhos simples, são sempre os preferidos nos dias de verão. Proporcionam maior comodidade, permitem estar-se mais à vontade. Os tecidos de algodão dominam, então, inteiramente, pois, além de serem menos quentes, são lavados e passados com facilidade quantas vêzes fôr necessário. Por isso mesmo, quanto mais simples o seu vestidinho de verão, maior possibilidade haverá de que dure mais tempo, e esteja sempre bonito. Feitios muito complicados, pregas que se desfazem, devem ser evitados. Deixemos isso para os modelos de inverno que, usados em época em que não se transpira tanto, não têm tanta necessidade de água e sabão quanto os de verão. Escolhemos, para os leitores da «Revista da Semana», uma coleção de modelos singelos para os dias quentes. Procuramos nas coleções dos figurinistas de Paris e Nova York e, as fotografias apresentadas são as mais interessantes das que encontramos, dentro da simplicidade e singeleza que procurávamos. — F L A M A.

COMO TRATAR A SOGRA

SE ainda não temos uma sogra, ou se ainda não somos uma sogra, mais cedo ou mais tarde nós a teremos, ou seremos. E... é reconhecidamente verdade que as sogras são a mais grave e mais freqüente causa de perturbação da felicidade conjugal. Em segundo lugar vêm as cunhadas, e, finalmente, porém muito, muito afastado, o sogro. Existem sogras boas e compreensivas, é verdade, porém, a maioria é culpada de tôdas elas terem fama de «intrometidas».

Por isso mesmo, achamos interessante dar às leitoras uma idéia de como «manobrar as sogras» — segundo fórmula encontrada por um cientista norte-americano, Morgan Denning. Dizem, os entendidos, que o médico não falha, apesar de ser muito simples.

Ao contrário do que poderia parecer, a mãe do marido é muito pior sogra do que a mãe da espôsa. Parece que esta última se conforma mais depressa em deixar de mandar na filha, ou a filha sabe responder mais abertamente à sua mãe do que o filho.

● TIPOS DE SOGRAS

Vejamos, no entanto, quais os tipos de sogra que são encontrados com maior freqüência:

★ O tipo absorvente — que considera o filho como sua propriedade já que ela o gerou e criou.

★ O tipo susceptível — que vive se queixando de que ninguém a quer, que o filho e a nora a deixam de lado, e a desprezam.

★ O tipo intrometido — que telefona tôda hora para a casa da nora, dá ordem às empregadas desta, e julga-se no direito de passar muitos dias com a mesma, sem ser convidada.

★ O tipo eternamente jovem — que não quer aceitar a companhia de pessoas de sua idade, alegando que se sente muito melhor quando entre as amizades do filho e da nora.

★ O tipo desdenhoso — que encontra sempre defeitos na outra família.

★ O tipo destruidor — que, sem se dar conta, diverte-se em provocar discórdias e desentendimentos.

● A SOLUÇÃO

O primeiro caminho para bem tratar e, eventualmente, dominar a sogra é saber em que tipo ela se classifica. Talvez você sòzinha não consiga classificá-la sem «parti-pris». Apele, pois, para um amigo da família, para pessoas de reconhecida capacidade de observação e sensatez. É preciso ter muita prudência e diplomacia para isso, porém.

Depois, procure a solução, dentre uma ou várias das que damos a seguir:

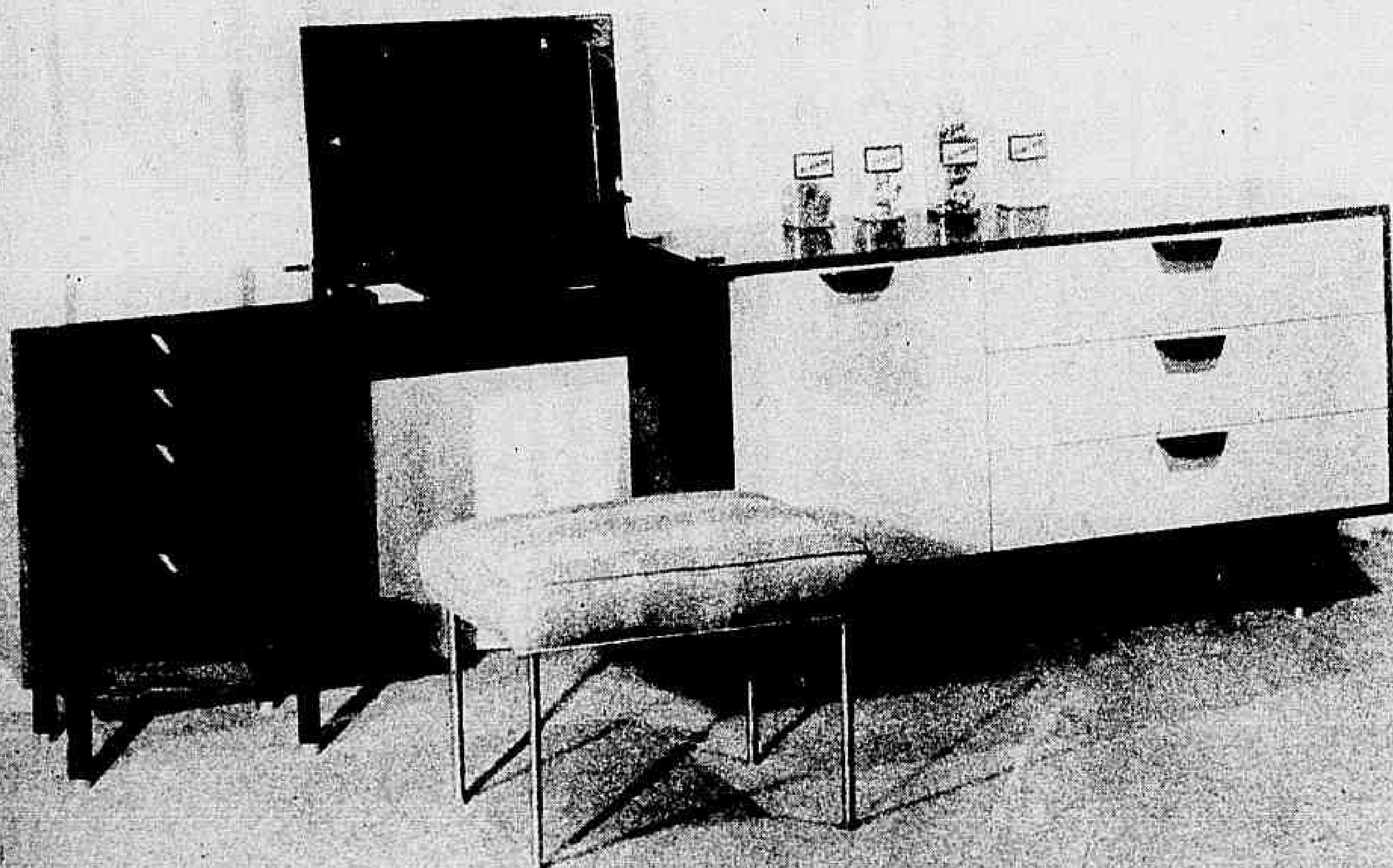
★ Se a sogra mora junto com o casal é preciso dar-lhe alguma coisa para se distrair, alguma ocupação. Quando não tem nada para fazer, os velhos são como as crianças, começam a «implicar».

★ Será conveniente, de vez em quando, fazer reuniões para as quais se convida muitas pessoas da idade da sogra. Assim, ela poderá encontrar amigos de sua geração, e dedicar-se a distrações e divertimentos de acôrdo com sua idade. Isso é muitíssimo importante.

★ Deixem que ela tenha sua própria vida social. Não creiam, nem a deixem crer que ela **tem** que comparecer a tôdas as reuniões organizadas na casa dos filhos.

Tudo isso parece muito fácil, mas não é tanto, a menos que se tenha uma sogra ou um sogro como existem poucos. Ora, já falamos que os sogros dão menos trabalho, mas, generalizemos, para que não nos acusem de parciais... L. J.

★★★★★★★★★★★ Sugestão para o lar ★★★★★★★★★★★



A maior preocupação dos arquitetos decoradores, está se tornando, hoje, em dia, a de criar móveis e arrumações que economizem o espaço — o reduzido espaço de que dispomos nos apartamentos modernos. Como, na realidade, é um tema que interesse a muitos de nossos leitores, talvez à grande maioria que não pode ter uma casa grande, com muitos aposentos, escolhemos para a "sugestão" de hoje êste móvel: cômoda, penteadeira, sapateira, estante... desenhado por Harvey Probber. Nota-se, à primeira vista, que as linhas do móvel são elegantes, e houve uma feliz combinação de madeira clara e escura, para que o conjunto muito longo não resultasse monótono. Na realidade, a "penteadeira" embutida (o espelho pode ser abaixado, como se fôsse o tampo de uma caixa) está suspensa entre duas unidades: a comodazinha negra e a estante-cômoda clara. Notem a disposição das gavetas, em tamanhos irregulares, e com puxadores simples, em madeira, e os péis da madeira roliça, com acabamento em metal. Para completar o conjunto, uma banqueta com pés de metal, e estofamento em lona listrada. — NIKE.

Para combater o calor

EIS uma série de bons conselhos para se combater o calor. Seguindo-os, você se sentirá mais bem disposta nos dias quentes, e, portanto, será mais bonita e mais agradável para os outros.

★ De vez em quando, durante as horas mais quentes, embeba um chumaço de algodão em água de colônia e passe-o junto a linha da raiz dos cabelos, no pescoço e na fronte.

★ Quando estiver encalorada, demais, lave os pulsos em água fria, corrente.

★ Quando se sentir cansada, dissolva uma colherinha de sal em um copo d'água gelada e beba. Descanse cinco minutos. O sal é necessário ao organismo e, nos dias quentes, perde-se muito com o suor.

★ Embeba um chumaço de algodão em loção para o rosto e passe-o no pescoço, nas costas e nos braços. Limpará a pele, dando, ao mesmo tempo, sensação de frescura.

★ De vez em quando passe água de colônia com perfume leve e refrescante (preferìvelmente de flores) nas mãos e nos pulsos. **Júlia de Milo.**

um pouco de beleza



Os seus olhos no verão

OS DIAS ensolarados, com domingos inteirinhos passados nas praias, ao sol forte, exigem que se tenha alguns cuidados especiais para com os olhos. Antes de tudo, se você tem olhos muito sensíveis à claridade, é necessário que os proteja com uns bons óculos para sol. Escolha lentes de qualidade garantida, com grau, se fôr preciso. As lentes inferiores forçam a vista ou deixam passar raios luminosos que prejudicam a visão.

● Os óculos escuros, protegendo seus olhos, evitarão, também, que você os aperte, formando os pés de galinha que tanto envelhecem à fisionomia. Não tenha mêdo da água salgada em seus olhos. Deixe que êles se molhem um pouco, quando mergulhar! Muitos preparados para os olhos contêm, mesmo, uma certa proporção de sal. Depois de um dia passado ao ar livre, tenha cuidado de pingar nos olhos uma loção desinfetante, ou de aplicar sôbre os mesmos uma solução de água boricada, com os copinhos apropriados para isso, ou em compressas de algodão.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

QUANDO O DIA estiver muito quente tenha cuidado em renovar várias vêzes a sua maquilagem. Nada é pior do que um "mak up" engordurado e se desfazendo, em virtude do suor e da poeira.

LAVE OS SEUS pés, diàriamente, ao voltar da rua. Esfregue-os muito bem com água e sabão. Êles se tornarão mais saudáveis e mais bonitos. Depois, principalmente no verão, polvilhe-os com um bom talco antissético.



Week-end na cozinha

VAI-SE aproximando o verão e, dentro em pouco, as crianças estarão em férias. Em vez de mandá-las tomar lanche nas confeitarias, ou dar-lhes guloseimas, que, na maioria das vêzes, prejudicam a saúde, cuide de oferecer-lhes tôdas as tardes um lanche saboroso, preparando-lhes um pão ou um bôlo que apreciem. Eis duas receitas, deliciosas, para isso. — TIA DULCE.

BÔLO "DIVERTIDO"

● INGREDIENTES

1 1/4 de xícara de farinha de trigo peneirada
1 colher, das de chá, de fermento em pó
1/2 colher, das de sopa, de sal
3/4 de xícara de açúcar
1/4 de xícara de manteiga
1/2 xícara de leite
1 colher, das de chá, de essência de baunilha
1 ôvo (sem bater)
3 colheres, das de sopa, de côco ralado, ou nozes moídas.

PARA A MASSA DE TORTA:

1 1/2 xícara de farinha de trigo peneirada
1 colher, das de chá, de sal
1/2 xícara de manteiga ou margarina
2 a 3 colheres, das de sopa, de água.

● MANEIRA DE FAZER

1. Prepare primeiro **a massa de torta**: misture a farinha com o sal, e depois a manteiga. Amasse um pouco, acrescente a água fria e amasse mais, fazendo ligeira pressão com os dedos. Arrume a massa numa bola, e deixe descansar, durante 15 ou 20 minutos. Depois disso, abra-a com o rôlo e forre uma fôrma de torta de, mais ou menos, um palmo de diâmetro. Deixe descansar em lugar frio ou na geladeira, enquanto prepara o restante do bôlo.
2. Bata a manteiga numa tijela. Peneire, aí, os ingredientes secos, e misture, acrescentando, aos poucos, o leite e a essência de baunilha. Bata 2 minutos, no batedor elétrico, ou dê 300 batidas a mão. Junte os ovos e bata mais 150 vêzes a mão.
3. Ponha essa massa dentro da crosta de torta, já pronta. Espalhe por cima côco ralado, ou nozes moídas (ou, se preferir, um dos «molhos» cuja receita damos abaixo) e asse em forno moderado, cêrca de 50 minutos. Sirva morno.

Três variações do bôlo "divertido"

★ *PARA VARIAR a receita do bôlo divertido, prepare um dêsses três molhos e espalhe por cima da massa, antes de a levá-la ao forno:*

★ *MÔLHO DE CHOCOLATE — Derreta 250 gramas de chocolate em ½ xícara dágua, em fogo lento. Junte 2/3 de xícara de açúcar, sem deixar de mexer. Ferva. Tire do fogo, e acrescente 1/4 de xícara de manteiga e 1 colherinha de essência de baunilha. Misture. Derrame sôbre a massa do bôlo.*

★ *MÔLHO DE MANTEIGA — Misture, numa panela, 1/4 de xícara de manteiga ou margarina com 1/2 xícara de açúcar mascavo, e 2 colheres das de sopa de xarope de milho (glucose) bem claro. Deixe cozinhar, mexendo sempre, até ferver. Junte 3 colheres, das de sopa, dágua, e deixe ferver outra vez, mais uns 2 minutos. Tire do fogo. Acrescente 1 colherinha de essência de baunilha e espalhe sôbre a massa do bôlo "divertido", antes de assá-lo.*

★ *MÔLHO DE LARANJA — Misture, numa panela, 3/4 de xícara de suco de laranja com 3/4 de xícara de açúcar. Ponha sôbre fogo brando. Cozinhe, sempre mexendo, até ferver. Deixe ferver por 1 minuto. Quando isso acontecer, acrescente mais 1/4 de xícara de suco de laranja, 2 colheres, das de sopa, de manteiga e 1 colher, das de chá, de casca ralada de laranja. Misture bem. Espalhe sôbre a massa do bôlo "divertido", antes de levá-lo ao forno.*

PÃO DE MEL E LARANJA

● INGREDIENTES

2 colheres, das de sopa, de manteiga
1 xícara de mel
1 ôvo
1 1/2 colher, das de sopa, de casca de laranja ralada
2 1/2 xícaras de farinha peneirada
2 1/2 colheres, das de chá, de fermento em pó
1 pitada de sal
3/4 de xícara de suco de laranja
1 xícara de farinha de trigo, integral.

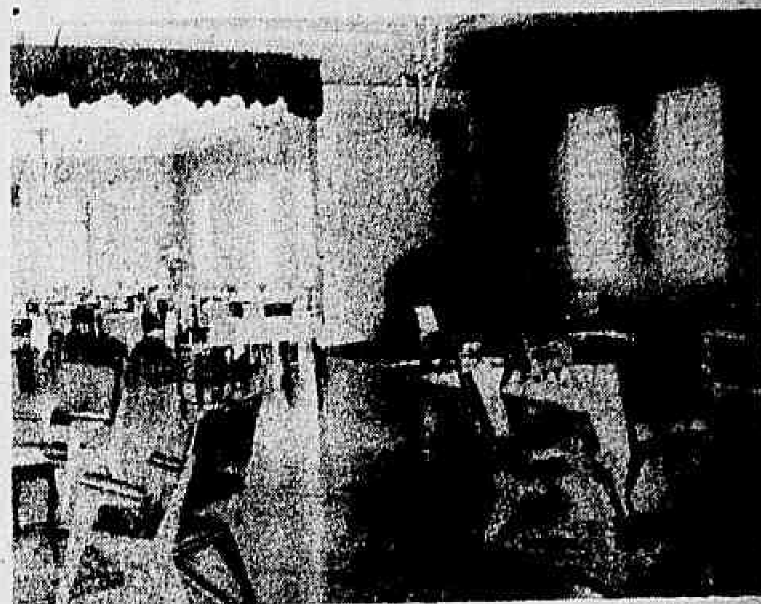
● MANEIRA DE FAZER

1. Misture a manteiga com o mel e bata. Acrescente o ôvo e a casca de laranja ralada. Continue a bater mais um pouco.
2. Peneire juntos a farinha, o fermento em pó, o bicarbonato e o sal, e adicione à massa, alternadamente com o suco de laranja. Finalmente, ponha a farinha integral.
3. Unte uma fôrma de pão, ponha a massa. Asse em forno moderado, durante pouco mais de 1 hora.

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



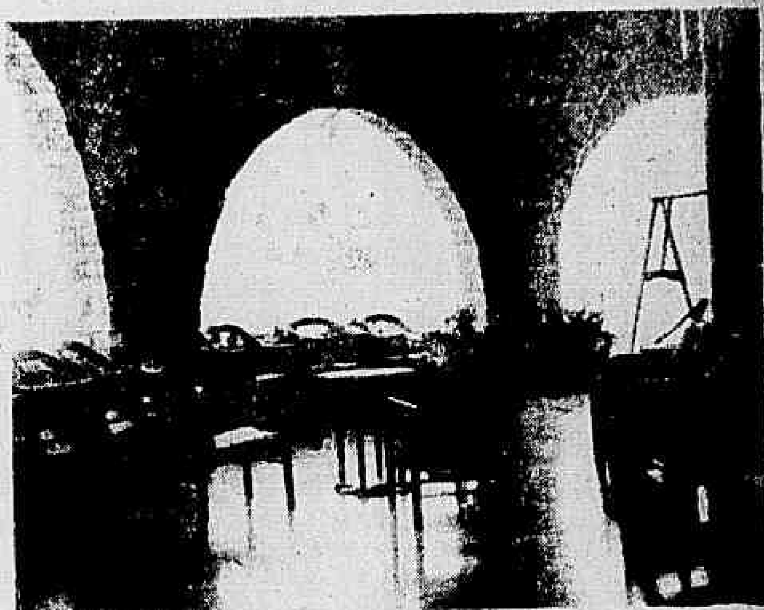
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

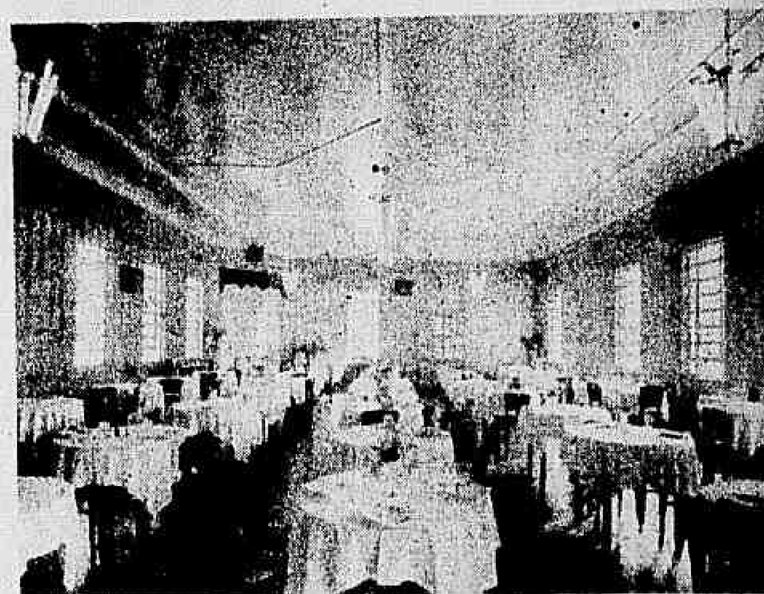
Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone n° 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



Vista geral do Grande Hotel Prata.



MANGABEIRA CONTA AS ÚLTIMAS notícias políticas a Carlos Lacerda, ainda no aeroporto. Um sussurro no meio do tumúlto.

BRASILEIROS: CHEGUEI!

O REGRESSO DE CARLOS LACERDA ★ UM PRÊMIO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE ★ CONGRESSO DE IMPRENSA NO MÉXICO E... MAIS LENHA NA FOGUEIRA

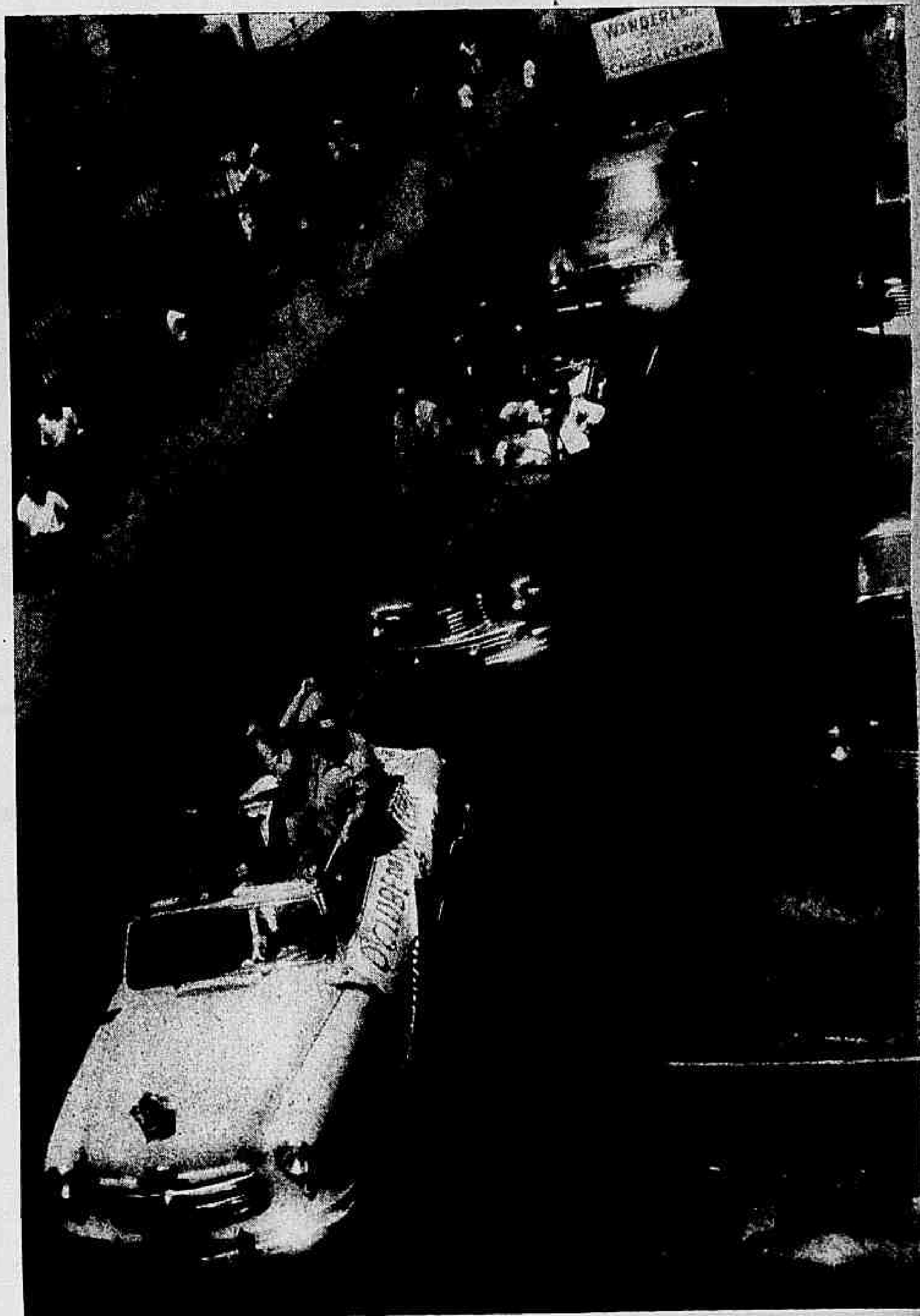
DEPOIS de uma ausência de várias semanas, de retôrno dos Estados Unidos e México, regressou ao Rio o jornalista Carlos Lacerda, diretor da Tribuna da Imprensa. O polemista patrício fôra ao primeiro daqueles países a fim de receber o prêmio Marie Morrs Cabot, com que lhe agraciou a Universidade de Columbia em face do caráter eminentemente democrático e independente que imprimiu ao seu jornal, e ao segundo como participante de um congresso de imprensa que teve por sede a Cidade do México. O jornalista Carlos Lacerda, como se sabe, foi quem iniciou o «affaire» que mobilizou o Congresso e fêz constituir a famosa Comissão Parlamentar de Inquérito, a mesma que investiga a emprêsa «Última Hora» e outros jornais. Com a ida de Lacerda ao estrangeiro, fatos outros passaram a ocupar as primeiras páginas dos jornais, inclusive a recente medida cambial do ministro da Fazenda, o que veio causar um certo arrefecimento ao destaque até então dispensado às atividades da comissão parlamentar e ao caso em si. Acredita-se que, com o retôrno de Lacerda, novas achas de lenha serão deitadas à quase extinta fogueira do caso. As declarações feitas pelo impetuoso e trepidante periodista autorizam os prognósticos neste sentido. Os que estão na mira de Lacerda vinham gozando as delícias de umas férias que agora, de certo, vão ser interrompidas. Êle promete, entre outras coisas, viagens e conferências nos Estados.



O DEMOLIDOR SAÚDA os numerosos amigos e admiradores que compareceram ao seu desembarque. Amigos, cheguei!



A FAMÍLIA COMPARECEU. Na foto aparecem a sra. Letícia e a menina Maria Cristina (de bôlsa) espôsa e filha de Lacerda.



UM LEÃO ESTÁ NAS RUAS. Foi um verdadeiro «carnaval» a chegada do polemista. Na foto, alguns dos 50 carros que desfilaram.

LIDERGRAMA

LIDERGRAMA Nº 77

A	Abatimento →	61	44	22	80	111	■	■
B	As que não vêm →	38	110	12	75	63	■	■
C	Ovário de peixe →	1	10	108	■	■	■	■
D	Derradeira →	66	9	72	86	30	96	■
E	Possuirás →	17	81	36	91	104	■	■
F	Adversária; não amiga →	2	32	55	14	106	65	71
G	Recusar; não conceder →	3	37	115	62	18	■	■
H	Existe →	28	67	■	■	■	■	■
I	Em que lugar →	46	83	4	103	■	■	■
J	Aguarde; tenha esperança →	54	94	34	78	21	101	■
K	Inéptas; que não são válidas →	100	73	85	48	27	■	■
L	Caminhos estreitos; veredas →	7	52	79	25	64	105	■
M	Irra! Fora! Ápage! →	24	47	114	31	■	■	■
N	Dá inspiração →	5	87	117	92	45	99	59
O	Magoas; feres →	6	42	19	70	107	50	33
P	(de Queiroz), escritor português →	39	23	88	■	■	■	■
Q	Principal produto brasileiro →	102	40	53	69	■	■	■
R	Capas usadas nas confrárias →	113	97	20	68	■	■	■
S	Observe; repare →	41	98	56	15	■	■	■
T	Inchar →	29	112	35	49	■	■	■
U	Centro de comércio →	77	93	60	51	11	89	119
V	Egrégio; ilustre →	43	16	95	76	82	118	26
W	Prematuramente →	84	8	109	57	■	■	■
X	Faço uma operação qualquer →	90	58	13	74	116	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo a primeira coluna do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	■	■	■	■	C 1	■	F 2	G 3	I 4	N 5	O 6	■
L 7	W 8	D 9	C 10	U 11	B 12	X 13	F 14	■	S 15	V 16	E 17	G 18
O 19	■	R 20	■	J 21	A 22	P 23	M 24	■	L 25	V 26	K 27	■
H 28	T 29	D 30	M 31	F 32	O 33	■	J 34	T 35	E 36	G 37	B 38	P 39
■	Q 40	S 41	O 42	V 43	A 44	N 45	I 46	,	M 47	K 48	T 49	O 50
U 51	L 52	■	Q 53	J 54	F 55	S 56	W 57	■	X 58	N 59	U 60	A 61
■	G 62	B 63	■	L 64	F 65	D 66	H 67	R 68	;	Q 69	■	O 70
F 71	D 72	K 73	X 74	B 75	V 76	U 77	J 78	L 79	A 80	E 81	■	V 82
I 83	W 84	K 85	D 86	N 87	P 88	U 89	X 90	■	E 91	■	N 92	U 93
J 94	V 95	D 96	■	R 97	S 98	N 99	■	K 100	J 101	Q 102	I 103	E 104
L 105	F 106	O 107	C 108	W 109	B 110	■	A 111	■	T 112	R 113	M 114	■
G 115	X 116	N 117	V 118	U 119	■	■	■	■	■	■	■	■

Otaner-Rio

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 76 — HERCULANO. LENDAS E NARRATIVAS. "Como a filosofia é triste e árida! A árvore da ciência, transplantada do Eden, trouxe consigo a dor, a condenação e a morte; mas a sua pior peçonha guardou-se para o presente: foi o cepticismo."

O MENU DOS DEUSES DE BALI

(Conclusão da página 10)

ser expulsos da aldeia, por meio da mágica e do encantamento do sacerdote.

Os deuses de Bali são, ainda, premiados com uma viagem às praias, para o banho anual e um pouco de ar do mar. Isso se dá, geralmente, no início do ano novo, ocasião em que tanto os deuses como os homens devem ser purificados para o começo da nova estação. Embora a vida diária dos habitantes de Bali seja condicionada, em cada um de seus atos, por alguma forma de superstição religiosa, muito poucos além dos sacerdotes são obrigados a dedicar suas vidas à religião. Isso, talvez, explique a grande admiração que votam aos «pedandas de Brâmane», cuja vida, supõe-se, deve ser o máximo de perfeição aqui na terra. Não sòmente devem obedecer a uma série de pequenas regras e proibições, como devem também dedicar todo seu tempo à meditação e ao aperfeiçoamento da alma.

Êles representam a lei, tanto espiritual como temporal, na mentalidade dos camponeses simples. Pertence-lhe ainda o poder de lidar com os perigosos rituais mágicos da religião, que poderiam ser muito nocivos a qualquer outro ser humano menos santificado. Para os habitantes de Bali, a palavra «deuses» não significa apenas as grandes divindades dos Hindus ou ainda a crença nativa que adora o espírito de tôdas as coisas, como montanhas, árvores, rios, etc. Quando êsses deuses não são suficientes, êles têm ainda os deuses familiares, representados pelos espíritos de todos os antepassados da família, desde o início dos tempos. Com todo êsse tumulto de deuses, espíritos e divindades, Bali conseguiu desenvolver uma religião que se adapta, perfeitamente, a seu modo de vida e reconcilia tôdas as coisas sem qualquer conflito de nenhuma das partes.



Por ocasião do festival, as oferendas são levadas ao templo pelas mulheres. A decoração é feita com fôlhas de palmeiras cortadas. O hábito de carregar tudo na cabeça desenvolve a graça e a posição correta que vemos nessas mulheres.

FORA DO PRELO

● AS ORQUÍDEAS E SUA CULTURA — Impròpriamente chamadas «parasitas», as orquídeas (pingo de ouro, catléias, chuva de ouro, lélias...) figuram nos sonhos de muita moça, de muita senhora casada e de quase todos os artistas. Por que? Simplesmente porque elas são, em verdade, os quadros vivos da botânica — legítimas obras de arte. Pela delicadeza. Pela maciez. Pelas formas. Pelas côres. Rara a pessoa de bom-gôsto que não aspire a ter, nas próprias mãos, uma orquídea — uma só, que afinal bastará para encantar os olhos e para a alegria do coração. Estranho contraste da natureza: a orquídea, que vem de ambientes rasteiros, incultos, anônimos, é símbolo de fidalguia espiritual. E quase nos esquecíamos de felicitar João S. Decker, pelo seu formoso livro «As orquídeas e sua cultura», volume 15 da Biblioteca Agronômica Melhoramentos. Magnífico papel, texto que deslumbrará o orquidófilo, 80 ilustrações — das quais 8 coloridas.

● PAI E FILHO — Desenhadas por E. O. Plauen, 50 aventuras e travessuras muito engraçadas — histórias sem palavras — formam o livro «Pai e Filho», que as Edições Melhoramentos apresentam à meninada. Não apenas à meninada, porque os adultos igualmente se rirão com o bom humor de «pai e filho».

● PEQUENA HISTÓRIA DO PARANÁ — Os assuntos cívicos, os temas de nossa História, os vultos que têm nobilitado o país, constituem, freqüentemente, motivo de livros que, escritos por bons autores, as Edições Melhoramentos procuram publicar em volumes elegantes, simpáticos, apresentáveis. Agora, mais um trabalho do gênero: «Pequena história do Paraná», de Cecília Maria Westphalen, com ilustrações de Osvaldo Storni. Páginas singelas e instrutivas, que todos os escolares devem ler. «Pequena História do Paraná» foi aprovada pela Comissão designada pelo Secretário de Educação e Cultura da terra dos pinheiros, comissão essa formada de professôres de reconhecida competência.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

Livros, pessoas, etc...

COMEMORA-SE a 23 de outubro o centenário do nascimento do historiador Capistrano de Abreu, «mestre dos mestres». Nada se disse (quando escrevemos êste registro) a respeito do que se fará oficialmente para essa comemoração. Valha-nos a publicação do livro sôbre Capistrano, de autoria do escritor cearense Pedro Gomes de Matos.


Darcy Penteado

ALBERTO CAVALCANTI, em seu livro «Filme e Realidade», declarou que entre as obras que deseja filmar se encontra o «Esperidião», do deputado Benedito Valadares...

POR FALAR em cinema: Aníbal Machado vai ter em filme o seu conto «O Telegrama de Artaxerxes»...

...e SILVANA PAMPANINI, a atriz italiana que devia passar pelo Rio, deu um grande blefe na rapaziada que se interessava mais pela plástica da «estrêla» do que pela figura de De Sica, um dos mestres do cinema moderno...

O FILME «Páginas da Vida» (O. Henry Full House), embora cortado, apresentou ao público um grande escritor que êle desconhecia, e sua obra, real serviço à literatura americana e ao nosso povo: os contos de O. Henry.

O POETA Van Jafa mereceu um «Café da Manhã», de Diná Silveira de Queiroz, na Nacional, por sua confissão de cabotinismo. É pena, porque os dois livros de poemas de Jafa mereciam muito mais. Enfim, sempre valeu, que é que se vai fazer?

UM ORADOR, presente a uma das últimas audições de «Honra ao Mérito», bem feito programa de Paulo Roberto, na Nacional, foi às do cabo, declarando que Paulo é o «genial autor»...

MARIO DONATO, Maria Dolores, Reynaldo Beirão e Darcy Penteado estiveram no Rio, passeando, vendo os amigos, achando ruim como o que o cafèzinho carioca. Gostamos dêles e também não gostamos do cafèzinho de São Paulo.

BRASIL: no lindo recital de Lígia Nunes, o parlamentar Osvaldo Orico tomou a palavra e... atacou Berta Singermann... Pasmo no auditório... uê, por quê?

MELLO NÓBREGA anunciou-nos há tempos a publicação de seu estudo sôbre o «Sonêto de Arvers», obra enriquecida com interessante iconografia: que é dêle, Mello Nóbrega?

CHAVE DE OURO: vai ser reeditado o romance «Fronteira», de Cornélio Pena, bom livro, mesmo, para ser reeditado. (SANCHO)

UM LIVRO:

O ROMANCISTA E O VENTRÍLOQUO

● Eugênio Gomes acaba de aparecer na série dos Cadernos de Cultura com esta coletânea de estudos que muito vem somar à crítica e à arte do romance. Se outros motivos de simpatia não tivesse êste «caderno», no nosso caso, aí estava êsse belo artigo sôbre Thomas Wolfe que os críticos brasileiros e outras pessoas distintas não haviam ainda descoberto. Wolfe não é escritor fácil, nem nome de «best-seller». Eugênio Gomes, aliás, fixa um dos motivos de nossa diferença por êsse escritor que talvez seja o que melhor representa a literatura americana contemporânea: «sua obra é injustamente subestimada como ficção, graças à exuberância do elemento autobiográfico». E o próprio ensaísta constata que passa despercebido o fato de estar ela, essa obra, embebida até às raízes de um sentimento trágico da vida, assinalado pela confluência crucial de taras, complexos e contradições que fazem dela um testemunho eloqüente da angústia do homem moderno e, mais particularmente, do homem norte-americano.

● Bastava-nos êsse ensaio para nos tornar estimado «O Romancista e o Ventríloquo». Mas, todos os outros capítulos da obra são excelentes de finura, de clareza, de inteligência, a respeito das obras e dos autores tratados. Destaque-se, por exemplo, o que dá título à obra, onde se indaga até que ponto a memória pode auxiliar o romancista. O «ventriloquismo», em aprêço, é descoberta do crítico Greig, no seu estudo sôbre Thackeray, em que provou os prejuízos causados pela memória, numa segunda voz que perturbava o romancista. A análise do fenômeno, conduzida por Eugênio Gomes, é das mais curiosas e completas, vindo elucidar muitos pontos da ficção romanesca e estabelecer o divisor de águas entre o antigo e o moderno romance.

O livro se inicia com um artigo sôbre «Tom Jones», obra que só ùltimamente está sendo vulgarizada entre nós, com sua primeira tradução, e que muitos ainda não leram. Estamos certos de que esta página de Eugênio Gomes vai ajudar o encontro de Fielding, pelo leitor brasileiro, surprêso de conhecer o pai do romance inglês. Henry James, Dickens, Jane Austen, muitas outras figuras literárias inglêsas e americanas da maior importância, ressurgem nesta obra sob uma luz nova, praticadas por um crítico brasileiro cuja acuidade se iguala à lucidez e ao encanto indispensáveis em trabalhos como êste.

UM AUTOR

JOHN DEWEY

o mais eminente filósofo da América, nasceu em Burlington, Estado de Vermont, Estados Unidos, aos vinte anos terminou o curso universitário; aos vinte e cinco anos obteve o título de doutor em filosofia pela Universidade Johns Hopkins; aos 28 começou a ensinar filosofia em Minnesota. A seguir, passou a lecionar em vários centros universitários americanos. Em 1904 foi chamado a dirigir a Escola de Educação da Universidade de Chicago, onde criou e passou a difundir o famoso método de ensino experimental que revolucionaria a educação prática em todo o mundo. Data de então a sua celebridade. Uma de suas muitas obras e, talvez, a mais importante, é «Liberdade e Cultura», que acaba de sair numa bela edição de «Revista Branca» traduzida e prefaciada por Eustáquio Duarte. Nesse livro, o eminente filósofo põe em discussão com clareza excepcional o grande problema da liberdade e da cultura, analisando-o sob tremendas críticas aos regimens totalitários e com restrições e sábios conselhos aos regimes democráticos. A magnífica tradução do historiador Eustáquio Duarte sintetiza de modo conciso a bela obra de Dewey, que faleceu aos 92 anos de idade, em 1952, deixando em todo o mundo raízes e discípulos de suas idéias.



À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

Iracema é aluna da Faculdade de Filosofia e estuda ciências sociais. Moça inteligente, é uma espécie de ratinho de biblioteca, devorando trabalhos de escritores antigos e modernos, em busca da intrincada solução das questões sociais. Ela nos faz uma série de perguntas que passamos a responder:

— O que é a sociedade?

— A sociedade é um terreno movediço sôbre o qual os homens se têm esforçado por viver, com os seus problemas, paixões e rivalidades individuais; uns procurando vencer e, a maioria, procurando derrotar os companheiros.

— O doutor acredita em destino?

— É o curso da vida com os seus acidentes. Os homens poderão melhorar o seu destino. Os insetos, não.

— O doutor acredita na eternidade?

— Todos acreditamos, desta ou daquela forma. O instinto é uma revelação que há entre Deus e o sentimento de nossa imortalidade.

— O que quer dizer «inibição inconsciente?»

— E um impedimento ou obstáculo de origem psíquica, que escapa ao EU consciente, de funções psíquicas da psicossomática. Ela tende a proteger o indivíduo de situações perigosas; portanto a preservá-lo do mêdo. A situação que cria o mêdo pode ser mesmo irreal ou não mais atual, caso em que a inibição inconsciente não serve a um escopo racional.

— Que relação existe entre a dor física e a dor moral?

— Elas têm, entre si, numerosos pontos de contacto e apresentam analogias tais que essas duas categorias não passam de dois ramos dum mesmo tronco, duas espécies dum mesmo gênero.

— Que é nascisismo?

— É o amor pela própria pessoa, em antítese com o amor pelo objeto. É uma manifestação de narcisismo secundário. Introvertida, você sofrerá cedo as conseqüências dessa leviandade. Um verdadeiro amor é um amor de verdade.

— O que é sublimação?

— É o processo psíquico pelo qual os objetivos, as metas e o campo de ação do instinto sexual e do agressivo são mudados e substituídos por outros de valor social e ético mais elevado, nos quais sacia o instinto dessexualizado, tornado inócuo.

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Em que parte da América fica a cidade de Georgetown:**

— No Panamá? — Na Guiana Inglêsa? — No Chile?

2 **Em que cidade da Itália reinou como ditador o famoso Dionísio:**

— Em Roma? — Em Palermo? — Em Siracusa?

3 **Quem disse isto: «Os maus exemplos recaem naqueles que os dão»:**

— Sêneca? — Marquês de Maricá? — Smiles?

4 **Que quer dizer «Afonso»:**

— Sem fala? —Coxo? — Luz?

5 **Em que parte do mundo se erguia a famosa «Tôrre de Babel»:**

— Na Babilônia? — Em Tebas? — Em Roma?

6 **O chamado ôvo da Páscoa, teve por origem:**

— Uma fé religiosa? — Uma brincadeira de Jorge III? — Uma guerra entre povos do Oriente?

7 **Em qual dêstes países se pune a tentativa de suicídio com prisão «por covardia moral»:**

— Na Palestina? — Na França? — Na Holanda?

8 **Em qual dêstes países um grande físico se demitiu da Comissão Atômica, pelo fato de não concordar com a construção da bomba de hidrogênio:**

— Nos Estados Unidos? — Na Inglaterra? — Na Rússia?

9 **Quantos quilômetros tem o Brasil, de litoral:**

— Dez mil? — Onze mil? — Cêrca de seis mil?

10 **Quem fundou a cidade de Olinda, em Pernambuco:**

— Matias de Albuquerque? — Maurício de Nassau? — Duarte Coelho?

11 **Qual a cidade fundada por Tomé de Sousa, no Brasil:**

— O Rio de Janeiro? — Salvador? S. Vicente?

12 **Quantos séculos faz, para o ano, da fundação de S. Paulo:**

— Quatro e meio? — Quatro? — Três?

(Respostas na página 50)

ROMANCE COM CAROLE LOMBARD

(Cont. da pág. 33)

porque perdera a maioria dos dentes e não estava em condições de comprar uma dentadura.

Quando êle já ia saindo, Gable entregou uma nota de cem dólares a um dos homens, dizendo:

— Compre uma dentadura para Jack.

O «Rei do Cinema» precisou de um largo período de tempo para recuperar-se do choque. Ficou recluso por vários meses e quando finalmente emergiu do seu retiro, parecia evidente aos amigos que, ao sair Carole Lombard de cena, daquele modo súbito e trágico, o «show» perdera todo o interêsse para Gable, apesar de ter que continuar sòzinho, até o fim.

Foram em número elevado os romances na vida de Gable. Alguns dêles não passaram de pretextos para quebrar a monotonia diária e outros se constituíram em verdadeiros casos, todos porém sem grande repercussão, como já ficou dito no início desta série de artigos.

Socialmente, êsses romances abalaram os alicerces de Park Avenue e de Hollywood. Emocionalmente, êles foram frágeis, selvagens, estranhos, doces, reservados e viáveis.

Alguns dêles, o ator talvez não mais recorde; e outros, talvez não consiga esquecer.

Entre os primeiros, há o caso que teve com Della Carroll, uma «platinum blonde», dançarina contorsionista de New York. Após cruzar o Atlântico no mesmo navio que Gable, Della exibiu fotografias em que os dois apareciam juntos e anunciou que Clark pretendia desposá-la.

Mas de Hollywood, Gable apresentou uma nota discordante à melodia da jovem, cheia de ternura em tôrno daquele romance marítimo.

— Não consigo lembrar-me de ninguém com êsse nome — êle informou, em tom polido mas decisivo.

Esta notícia chegou ao conhecimento da jovem quando ela se encontrava em Westchester destrinchando o seu peru, no jantar do dia de ação de graças.

— Oh, estou admirada que êle tenha dito isso. Naturalmente, sabia o meu nome. Pois se fomos apresentados a bordo! A princípio, Clark me chamava por Della e, depois, passou a tratar-me pelo apelido de «Irlandesa».

Após alguns segundos de reflexão, ela completou:

— Talvez êle não quisesse publicidade em tôrno do assunto. Não o culpo por isso. — E acrescentou filosòficamente: Por um momento, não pude deixar de ficar sentida mas, agora, não tenho o menor ressentimento. Se algum dia encontrá-lo em Hollywood, dir-lhe-ei isto.

ENTRE VARIOS OUTROS...

Em muitas oportunidades, durante o caminho que trilhou em busca da fama, Gable foi «acusado» de estar cortejando Mary Taylor, uma jovem modêlo, representante da alta sociedade de Park Avenue. Outras mulheres que tiveram seu nome ligado ao do famoso «astro» foram: Elizabeth Allan, «estrêla» do cinema britânico; Paulette Goddard, mais recentemente, Joan Harrison, uma atraente loura que ocupava cargo de importância num dos estúdios da capital do cinema.

Em dezembro de 1949, Clark Gable surpreendeu os amigos, desposando a ex-Lady Sylvia Ashley, que já fôra manicura em Londres e casara com Lord Ashley, Douglas Fairbanks Júnior e com Lord Edward Stanley de Alderley.

Êsse matrimônio durou apenas 18 meses. O Juiz de instância superior foi quem baixou o pano sôbre essa peça, concedendo o divórcio pedido por Sylvia Gable.

Durante a batalha travada pelos advogados de ambos, a qual não transpirou extra-muros, ficou estabelecido que Sylvia receberia seis mil dólares em dinheiro, 10% do que o ator ganhasse no primeiro ano em seguida ao divórcio, e 7% dos seus salários nos 4 anos subseqüentes, desde que ela permanecesse solteira.

Apenas duas vêzes, nos vinte anos em que trabalha no cinema, o nome de Gable foi citado de modo desfavorável, nas côrtes de justiça. A primeira delas se deu em 1937, quando êle se constituiu na vítima inocente de um plano de extorsão. Violet Wells Norton, uma inglêsa, jurou no tribunal, que Clark Gable era o pai de sua filha de 14 anos, Gwendolyn.

A sra. Wells afirmou que Gable a cortejara em Billercay, Essex, na Inglaterra, no ano de 1922, com o nome de Frank Billings.

O ALÍBI DE GABLE

Mas Fran Doerfler, a jovem que o recusara desposar naquela época desafortunada do ator, testemunhou afirmando que êle se encontrava no Oregon, trabalhando àrduamente, naquele ano.

A sra. Norton, considerada culpada de fraude, teve ainda estas últimas palavras, ao se retirar do tribunal:

— Apesar de tudo, ainda acho que Gable é o homem que me iludiu.

Em 1951, o milionário Adolph Spreckels, durante a ação de divórcio que movia contra sua espôsa, a atriz Kay Williams, afirmou que ela admitira ter praticado certas intimidades com Clark Gable.

Disse o milionário:

— Eu lhe dei uns bofetões (após uma festa em São Francisco) porque me sentia particularmente ultrajado em vista de Kay me haver relatado as intimidades que teve com o sr. Gable.

NA PRÓXIMA SEMANA

A CARREIRA BRILHANTE DE CLARK GABLE NA FÔRÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS

CIRCO DE COELHINHOS

(Cont. da pág. 19)

Silvino via que a chaga estava aberta, sangrando, e remexia-a mais, deliciando-se com a minha agonia:

— Tá bom, vou até lá embaixo ver se êles estão direitinho — e saía devagar, empurrando as mãos nos bolsos, um esgar de vingança satisfeita no canto da bôca.

Meu desespêro chegava ao auge. Um pouco mais e estourava. A caneta na mão nervosa fazia uma letra mil vêzes pior do que verdadeiramente era; pulava palavras na cópia do «Coração», trinta e nove menos quinze davam doze no problema das laranjas.

★

Maio plácido, ameno, Maio das sinetas tocando para a bênção, pelo tombar das tardes, na capela do Asilo, Maio trouxe, na casa de titia, além da muda dos canários, algumas tangerinas temporãs e um infausto acontecimento: a morte de Silvino, atropelado pelo caminhão do gêlo, quando fôra à praça botar uma carta no Correio.

Não morreu logo. Veio berrando lancinantemente nos braços de transeuntes solícitos, o caixeiro da venda à frente, abrindo o caminho, gesticulando, explicando o acidente.

À noite delirou e o delírio fê-lo autor confesso duma infinidade de malandragens miúdas, tijolos de goiaba furtados da despensa, carretéis de linha que voavam da cêsta de costura, colherinhas de prata enterradas no terreiro. Mais ainda, fêz aclarar o grande mistério das rosas. É que, durante meses, diàriamente aparecia juncado de pétalas o chão do roseiral, sem que nenhum vento noturno tivesse soprado, destruidor. Como o roseiral era fechado por altos

(Cont. na pág. 50)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.......................

ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

ARABELE a última sereia



Arabelle lhe vibra violento golpe com o cabo do revólver, e o criado cai, sem sentidos, sem mesmo ter tido tempo de ver quem o golpeou.



Sem perda de tempo, ela salta por sôbre o corpo e, sem procurar ver quem era sua vítima, sobe de quatro em quatro...



Ao chegar a certo degrau, sentiu que o mesmo cedia ligeiramente. Arabelle perde, em conseqüência, o equilíbrio e, instintivamente, sè apóia à parede.



Simultâneamente, a porta se abriu. Rápida, ela aproveita a «chance» que se apresenta e, saindo torna a fechá-la. E' preciso fugir de qualquer maneira — pensa a linda sereia.



Corre, antes que o ferido venha a recobrar os sentidos e chame por socorro. Ela volta pelo mesmo caminho que percorrera, e procura ver se Joe notou a sua ausência; em lugar nenhum encontra viva alma.



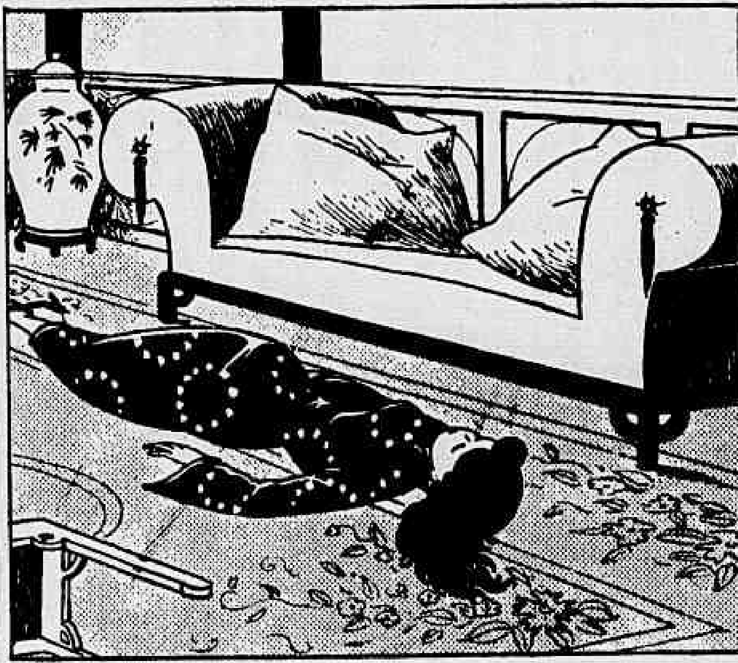
O dia começa a romper, e a luz da alvorada atravessa as cortinas do salão onde ela deixara Joe Piper e Tching-Tchoung completamente embriagados pelos vapores de álcool e de ópio.



Ainda bastante atordoada pelos acontecimentos, e à meia-luz da madrugada, Arabelle sai, quase a tatear até ao divã, onde estava, embriagado, Joe Piper. E mal contém um grito de horror.



«O Terrífico»» está morto, com um punhal cravado no peito, do lado esquerdo. Aproxima-se dêle. O sangue ainda corre do ferimento recente. Arabelle pensa estar como num pesadelo.



Arabelle vai até ao divã onde devia estar deitado Tching-Tchoung, mas êste desaparecera! Ela sente a cabeça lhe andar à roda, empalidece e cai, enquanto se ouvem passos no salão.



Ao retornar a si, ela torna a olhar para o divã, onde estava, há pouco tempo, Joe Piper; mas, também, o seu corpo desaparecera! Não nota o menor sinal de luta, tudo está na mais completa ordem...



Arabelle procura recordar de tudo o que se passara antes de seu desfalecimento.



Tem a cabeça em perturbação. Está confusa. Ràpidamente, se desfaz de seu quimono.



Antes, retira a caixinha que podia servir de prova contra Joe Piper e seus cúmplices.



Depois de muito trabalho, de andar muito à procura, Arabelle chega, finalmente, à porta do hall.



E consegue fugir daquela casa cheia de mistérios e onde passou alguns momentos de horror.



Mas Arabelle, depois de passar por tanta emoção, se sente desfalecer e cai, enquanto uma luz brilha perto dela.

História de YANA LAUREZ

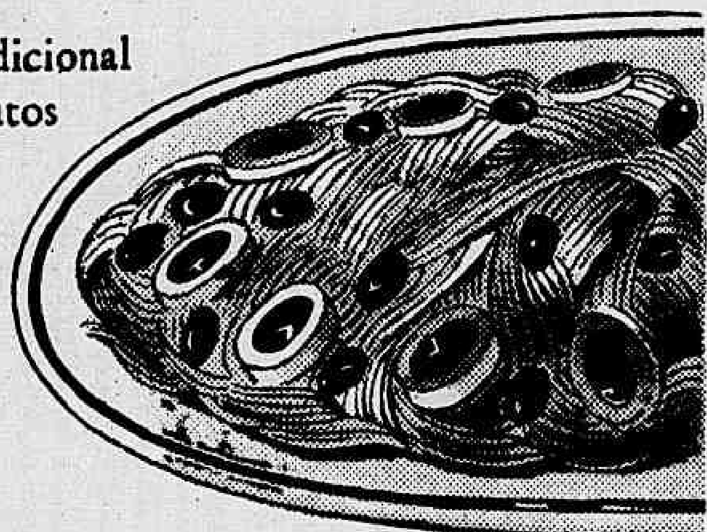
Desenhos de JEAN HACHE

-Macarrão qualquer um faz...



...mas você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.

Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos





AYMORÉ

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

VEJA e...

Adquira

VIDA DO CRACK JÁ PUBLICOU

ALBUM RUBRO NEGRO Cr$ 50,00

VIDA do CRACK Cr$ 5,00

ALBUM DO CRACK Cr$ 40,00

ADEMIR
BIGUÁ
ZIZINHO
CASTILHO
SANTOS
PINGA

À venda em tôdas as bancas de Jornais do Rio e dos Estados
REMETEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Pedidos à Editôra Brasilidade Ltda. — Rua da Quitanda, 59 - 2º and. — Caixa Postal 2 733 RIO

Proximamente:
Esquerdinha e Jorginho

A MARECHALA JUNOT

(Cont. da pág. 35)

As espáduas, os seios, os braços de Laura, sangravam. Não ainda satisfeito, Junot atirou-se sôbre a espôsa, e quis sufocá-la, apertando-lhe o pescoço.

Sob a pressão como um sôpro de voz, Laura nomeou, um a um, os nomes dos filhos. Os dedos de Junot se abriram, pouco a pouco, como se êle saísse de um pesadelo pavoroso. Laura viu o marido jogar-se sôbre uma poltrona, murmurando:

— Nunca poderei matá-la.

Passaram-se alguns minutos. Junot percebeu que tinha as mãos tintas de sangue. Levantou-se, foi lavá-las, procurou, também, apagar da túnica todo traço de sangue. Depois, com passo lento, encostou-se à parede, e puxou várias vêzes o cordão da campainha.

Um camareiro bateu à porta, êle próprio abriu-a sem o deixar entrar e ordenou:

— Quando ela chegar, deixai-a entrar até aqui. Ficai aí fora, à espera de minhas ordens.

Voltou-se, e, sem lançar um só olhar à espôsa, que gemia e respirava com dificuldade, sentou-se numa poltrona e esperou em silêncio.

Não se passaram muitos minutos e a princesa de Metternich apareceu na soleira da porta; Junot levantou-se de chôfre.

(Continua no próximo número)

CIRCO DE COELHINHOS

(Cont. da pág. 48)

muros, a repetição quotidiana do fato preocupava bastante tia Bizuca, que já aceitava a suposição de d. Marocas Silveira, espírita, que fôsse obra de algum espírito gaiato e mistificador. E era êle, Silvino, o vândalo das flores, que possuído de não sei que estranha volúpia, ia, na calada das madrugadas, pois acordava com os galos, ocultamente desfolhá-las, sem que ninguém o apanhasse.

Tia chegou a rir com a inesperada descoberta.

— Ah, gibi sonso, então era você, hein, seu pândego? . . . Deixe ficar bom que vai ver só . . . ameaçou-o.

Ela ignorava a gravidade do acidente. Soube-a no outro dia, pela manhã, quando o raio X confirmou o diagnóstico do sêco dr. Gouveia, que abanava a cabeça:

— Nada, minha senhora, nada é possível fazer, além do que está feito. Só um milagre — fratura da bacia, interessando sèriamente a espinha . . . — só um milagre! — repetia com um nítido acento materialista.

— Mas, doutor . . .

Êle atalhou, piedoso:

— Vou lhe dar morfina para que sofra menos.

Titia, então, dedicou-se-lhe tôda. Incansável, extremosa, dum lado para o outro, vê isto, vê aquilo, o dia inteiro, velou-o quatro noites, sem pregar ôlho.

Na quinta noite, seriam onze horas, a lâmpada envôlta com um papel pardo, porque êle não suportava a luz, Silvino despertou da pesada letargia que lhe provocara a última injeção:

— Madrinha, sussurrou.

— Que é? Estou aqui — e titia, rápida, saiu da sombra, donde, encolhida num banquinho, ficara insone, vigiando-o.

— Sei. Me dá a sua mão.

Deu-lhe e êle levou-a, dificilmente, aos lábios. Lágrimas escorriam-lhe dos olhos que foram tão redondos e espertos e se mostravam naquele instante, tão esbugalhados e baços.

— Bênção.

Titia adivinhou qualquer coisa:

— Que tolice, meu filho, dorme.

Filho? Silvino fêz um esfôrço, procurou a bôca que se confessava maternal e repetiu:

— Bênção. Estou cansado de sofrer, madrinha.

Apertou-lhe a mão com mais fôrça, apertou-lhe, largou-a bruscamente. A cabeça tombara para o lado da parede.

— Francisco! Alexandrina! Meu Deus! Uma vela!

Todos correram. Titia já se encontrava ajoelhada. Caímos de joelhos, também rezando. A vela começou a arder, branca, muito branca, trêmula e brilhante, na mão crioula do pequenino morto. Titia soluçava alto.

Tia Bizuca, olheiras roxas, marcadas, mais magra, mais acabada, no largo vestido prêto, nada poupou para o entêrro. «Pobre Silvino!» — chorava pelos cantos, entre os braços consolativos das vizinhas. A casa se encheu, que o traquinas, muito alegre, muito serviçal, era estimado nas redondezas.

Acompanhei-o até ao Inhaúma, no primeiro táxi após o coche, levando no rosto o prazer da novidade, através das ruas que os homens descobriam. Lá o deixei para sempre, na tarde tépida, opalina, sorridente, lá o deixei coberto com rosas, com tôdas as rosas que o roseiral precioso de titia ofereceu naquele dia, rosas brancas irmãs das que êle, por tanto tempo, tão pròdigamente despetalara.

Na casa deserta das suas gargalhadas, rascantes, comprimidas — hi, hi, hi, — me senti único no amor dos meus coelhos. Pouco, porém, durou a alegria da exclusividade. A falta de concorrência me tirou, talvez, o apaixonado estímulo, talvez o futebol a que, então, me entreguei com ardor, não posso dizer, certo foram ficando abandonados os alvos objetos da minha primeira paixão. Aliás já não se mostravam possuidores da famosa brancura dos passados dias de rivalidade. Sujos, maltratados, vagavam esquecidos pelo quintal, pela horta onde quisessem, livres, se emporcalhando na lama, no pó, no depósito de carvão, pegado ao galinheiro.

Deixei de vê-los, nem mais ia ao quintal. O Manuel quando me encontrava na cozinha, não mudava a chapa:

— Seu Francisco está ficando um moço. Não quer saber mais de coelhos — e piscando o ôlho com sobrancelhas carregadas.

— É, é — respondia confuso e, me esquivando pelo corredor, passei a fugir dêles às léguas. Morreram, um dia, cegos; os olhos como contas vistosas perderam a côr, se cobriam de um véu opaco. Morreram, um dia cheios de calombos na barriga, que amedrontavam titia: «Será bubônica, Virgem Santíssima?!» Não, era velhice, explicou Manuel que, ao que parece, tudo sabia a respeito de semelhantes animais. Morreram. Titia, penalizada, esperou que também me entristecesse. Como, porém, não sentisse tristeza alguma, procurei esconder-lhe êste indício de perigosa insensibilidade:

— Foi melhor assim, minha tia. Coitados, estavam sofrendo tanto.

Titia se afastou:

— Tem razão, meu filho. Foi melhor assim.

O íntimo o que eu sentia era uma completa libertação. A bola era minha idéia fixa. Jogava de «back», jogava mal, jovaga como criança, mas jogava.

(TRÊS CAMINHOS)

PUXE PELO CÉREBRO

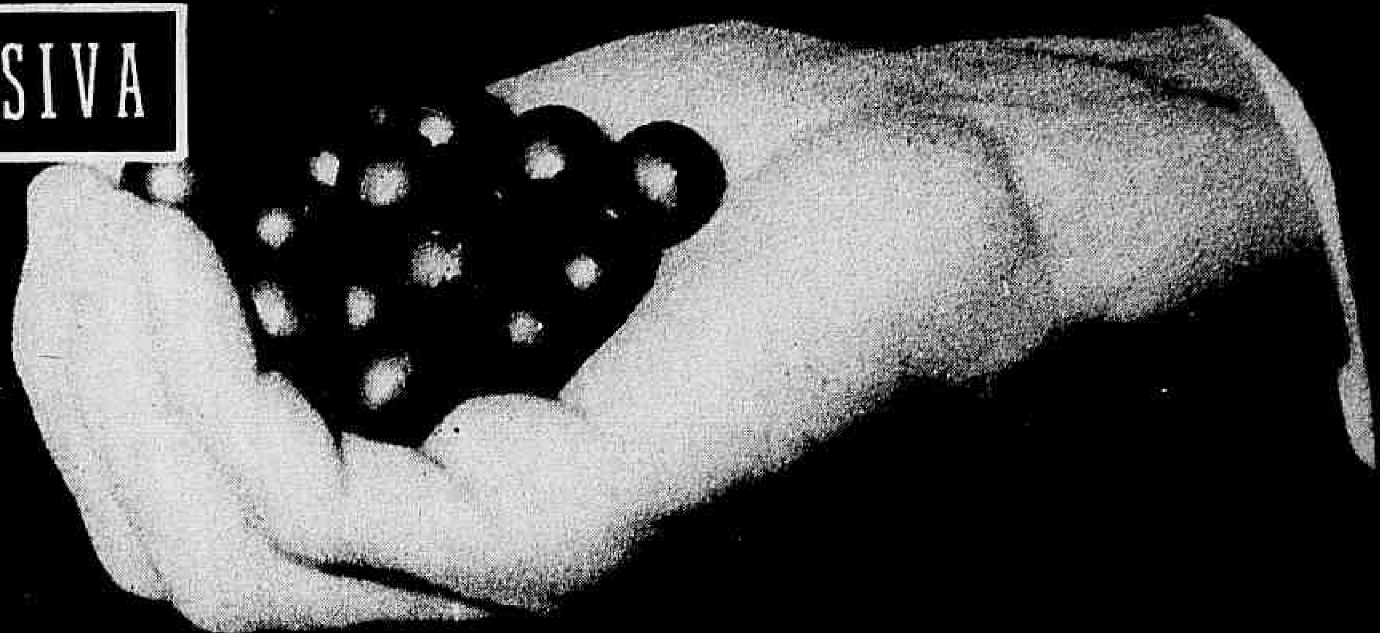
Respostas da página 48

1 — Na Guiana Inglêsa (sua capital)
2 — Siracusa (na Sicília)
3 — Sêneca
4 — Luz (no hebraico)
5 — Na Babilônia
6 — Uma fé religiosa (o cristianismo)
7 — Na Palestina
8 — Nos Estados Unidos (o dr. Oppenheiner)
9 — Cêrca de seis mil
10 — Duarte Coelho
11 — Salvador
12 — Quatro.

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — **Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.**

COM PROPAGANDA SUBVERSIVA



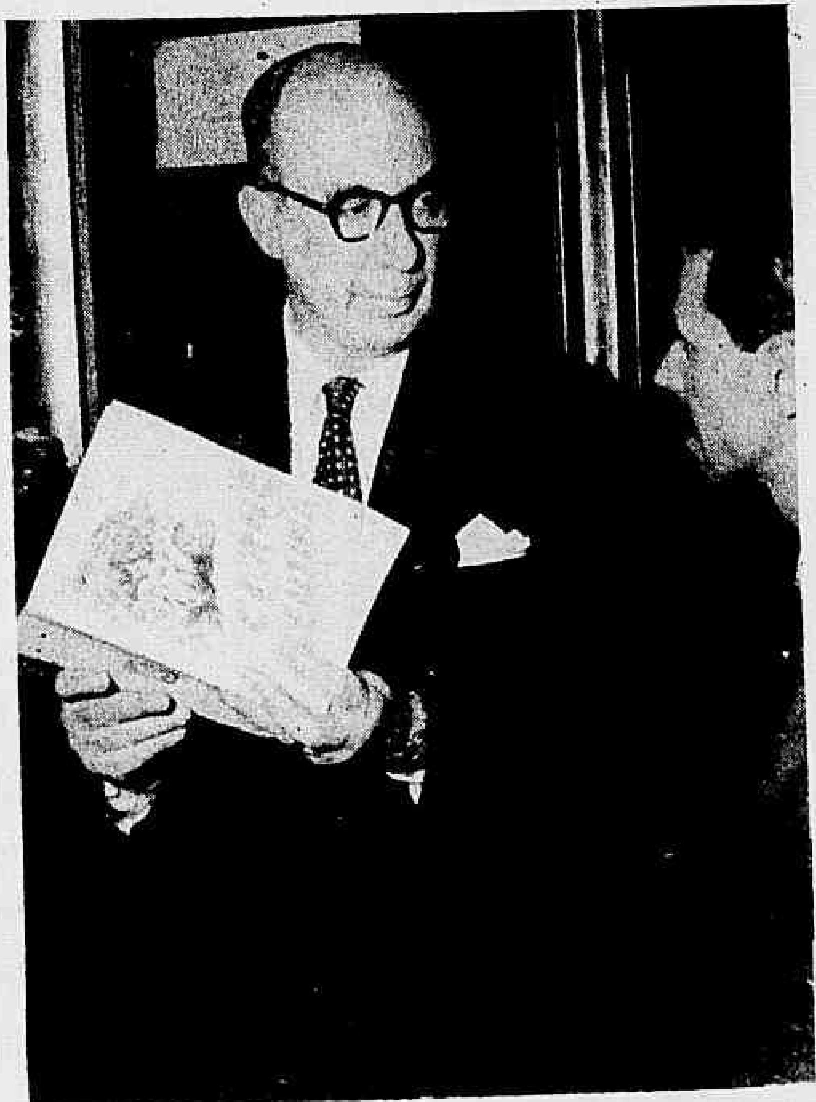
TUDO NOS UNE, NADA NOS SEPARA». Eis a legenda com que o grande Saenz Peña brindou a amizade existente entre a Argentina e o Brasil. Os anos passaram e também os governantes da brava nação irmã. A memória de Saenz Peña e a sua divisa foram relegadas a um plano secundário para dar lugar a um novo ídolo recentemente descoberto: o ditador Rosas. Quem foi Rosas na história argentina senão um inimigo do Brasil, um ditador cruel, senguinário e louco; sem nenhum feito militar ou mesmo civil capaz de justificar o «rosismo» agora em moda na Argentina? Acontece porém que, falar em Rosas é o mesmo que falar em revisionismo de fronteiras, é despertar velhas rixas e ciumadas que se acreditam mortas. Não negamos ao general Peron o direito de, dentro de suas fronteiras, cultuar a quem quer que seja. Mas, como dissemos, nos limites da terra ocasionalmente sob o seu domínio. Podem s. excia. e os ilustres membros do G.O.U. (grupo de oficiais unidos) inventar o diabo em benefício da demagogia imperante no Prata. O que lhes negamos, e com tôda a veemência, é que continuem invadindo o nosso território com boletins impressos pela SIPA (Serviço Internacional de Publicações Argentinas) e distribuídos pelos consulados portenhos nas cidades da fronteira, como o demonstrou o senador Hamilton Nogueira, da tribuna do Senado, onde exibiu várias dúzias de livros e boletins impressos na Argentina, em nosso idioma, contendo notícias absolutamente falsas em relação ao Brasil.

★

A que se deve, ou melhor, a quem se deve o estado de coisas a que chegaram nossas relações com a Argentina? Que forte razão teria estimulado Peron a deitar seus escritos do lado de cá da fronteira, desta mesma fronteira onde seus «gendarmes», nos últimos cinco anos, assassinaram nada menos que 56 brasileiros? — todos tiroteados sob a acusação de contrabando... 56 brasileiros mortos, assassinados, tudo sem o menor, o mais singelo protesto.



ORA, BOLAS! As brancas, em número de 29, contra 18 pretas, asseguraram a vitória de Orlando Leite Ribeiro, no Senado.



O LIVRO QUE OFENDE O BRASIL é exibido pelo senador Hamilton Nogueira. «Jango é discípulo de Peron», disse o senador.

PERON INVADE O BRASIL!

INFILTRAÇÃO PERONISTA NO SUL ★ PROTESTO NO SENADO ★ OS ASSASSINATOS NA FRONTEIRA ★ LUZARDO NA PALAVRA DE HAMILTON NOGUEIRA E MÁRIO MARTINS ★ O. L. R., O EMBAIXADOR DO SILÊNCIO.

Texto de HÉLIO ABREU — Fotos de A. VIEIRA

COM PROPAGANDA SUBVERSIVA PERON INVADE O BRASIL!

Não responsabilizamos o povo da brava nação irmã pelos acontecimentos que obscurecem as tradições de uma grande república.

Sôbre o rumuroso caso dos boletins subversivos distribuídos fartamente pelos consulados argentinos das cidades fronteiriças, ouvimos do senador Hamilton Nogueira as seguintes declarações: «Não há nos livros ou boletins uma só referência ao que se chama, realmente, justiça social, aquela que procura realizar um entendimento perfeito entre o capital e o trabalho e entre o empregado e o empregador. Històricamente o justicialismo foi altamente influenciado pela legislação do Estado Novo e hoje, por efeito de retôrno, essa mesma doutrina, sob o pretexto de uma república de base sindicalista, é o LEIT MOTIV à propaganda do ministro João Goulart». Indagado sôbre a atuação do ex-embaixador Batista Luzardo em Buenos Aires, disse: «Infelizmente a atuação do sr. Batista Luzardo justificou o meu voto contrário a sua indicação para o pôsto. Eu teria grande satisfação em ver desmentidos os meus maus prognósticos. Luzardo foi um embaixador que mais serviu ao peronismo que ao Brasil» — concluiu s. excia. o senador Nogueira.

★

O líder da UDN na Câmara Municipal, vereador Mário Martins, foi outra pessoa por nós ouvida sôbre o assunto. Mário Martins, antes de se fazer representante do povo carioca, foi o responsável pelo Escritório Comercial do Brasil em Buenos Aires, de onde saiu «corrido» em virtude de sua indignação ante certos fatos ali desenrolados, todos relacionados com o «tratamento» que os brasileiros-democratas recebiam do «govêrno-forte» do sr. Juan Peron. Velho conhecedor da política de Luzardo na Argentina, o edil carioca assim se expressou sôbre Luzardo à frente dos nossos negócios no Prata: «Realmente, o sr. Batista Luzardo não foi sòmente acusado na Argentina de atuar como cúmplice de Peron nos problemas políticos daquela república... Foi acusado ainda de coisas mais vexatórias, e isso em plena Câmara dos Deputados, em Buenos Aires. Acusações essas que até hoje não foram desfeitas. Uma delas o apontava como contrabandista, em prejuízo da economia argentina, feita por um dos líderes do Partido Radical que estranhava estar o sr. Batista Luzardo, valendo-se de sua posição, contrabandeando na fronteira, com fins de lucros, produtos argentinos e brasileiros. Outra denúncia, também levantada naquela Casa, informava que se encontravam na fazenda do sr. Batista Luzardo, no Rio Grande do Sul, como seus administradores, funcionários do govêrno argentino, pagos pelos cofres da Argentina e em benefício da economia privada do sr. Batista Luzardo. São denúncias públicas, divulgadas no Diário Oficial publicado naquele país, às quais ainda não se dignou esclarecer aquêle que então representava nossa Pátria junto à República irmã». Como se recorda, a imprensa noticiou, com freqüência, o fato de nenhum político argentino ter buscado asilo em nossa embaixada, durante o «período Luzardo». Sôbre o assunto, assim se pronunciou o sr. Mário Martins: «Na questão de asilo aos perseguidos políticos era voz corrente na Argentina que, contrariando a tradição e o Direito Americano, o Brasil, pela primeira vez fechava as portas de sua Embaixada às vítimas do peronismo, deixando-as inteiramente entregues à sanha e à violência da Casa Rosada. Embora o sr. Luzardo desminta essa informação, a verdade é que nenhum refugiado conseguiu entrar em nossa Embaixada, enquanto que a do Uruguai e outras regurgitavam de perseguidos políticos. Quando deixei Buenos Aires — prossegue o vereador — sabia existir um brasileiro, de nome Carlos Vidigal, como agente subvencionado de Peron, recebendo diretamente da verba da Casa Rosada. É sabido que, com a volta do sr. Batista Luzardo à Embaixada, êsse indivíduo, que se encontrava na Argentina como refugiado da justiça comum brasileira, passou a residir na Embaixada do Brasil com funções que muitas vêzes envolvem as do próprio Embaixador e ultrapassam as dos funcionários de carreira. Cumpre ressaltar que o prestígio do sr. Batista Luzardo junto ao sr. Getúlio Vargas era tão grande que o próprio chanceler João Neves da Fontoura não possuía contrôle sôbre o nosso representante na Argentina. Para se ter uma idéia dessa situação, basta dizer que quando Luzardo vinha ao Rio de Janeiro, na qualidade de Embaixador, não ia sequer ao Itamarati, não procurando, portanto, o Ministro das Relações Exteriores. Considero uma mancha da diplomacia brasileira os períodos em que o Brasil teve como seu representante em Buenos Aires êsse homem que ficará na história da democracia argentina como um cúmplice daquele que sacrificou as liber-



ORLANDO LEITE RIBEIRO E LUÍS CARLOS PRESTES conversam na prisão, durante uma visita do diplomata ao chefe rubro.



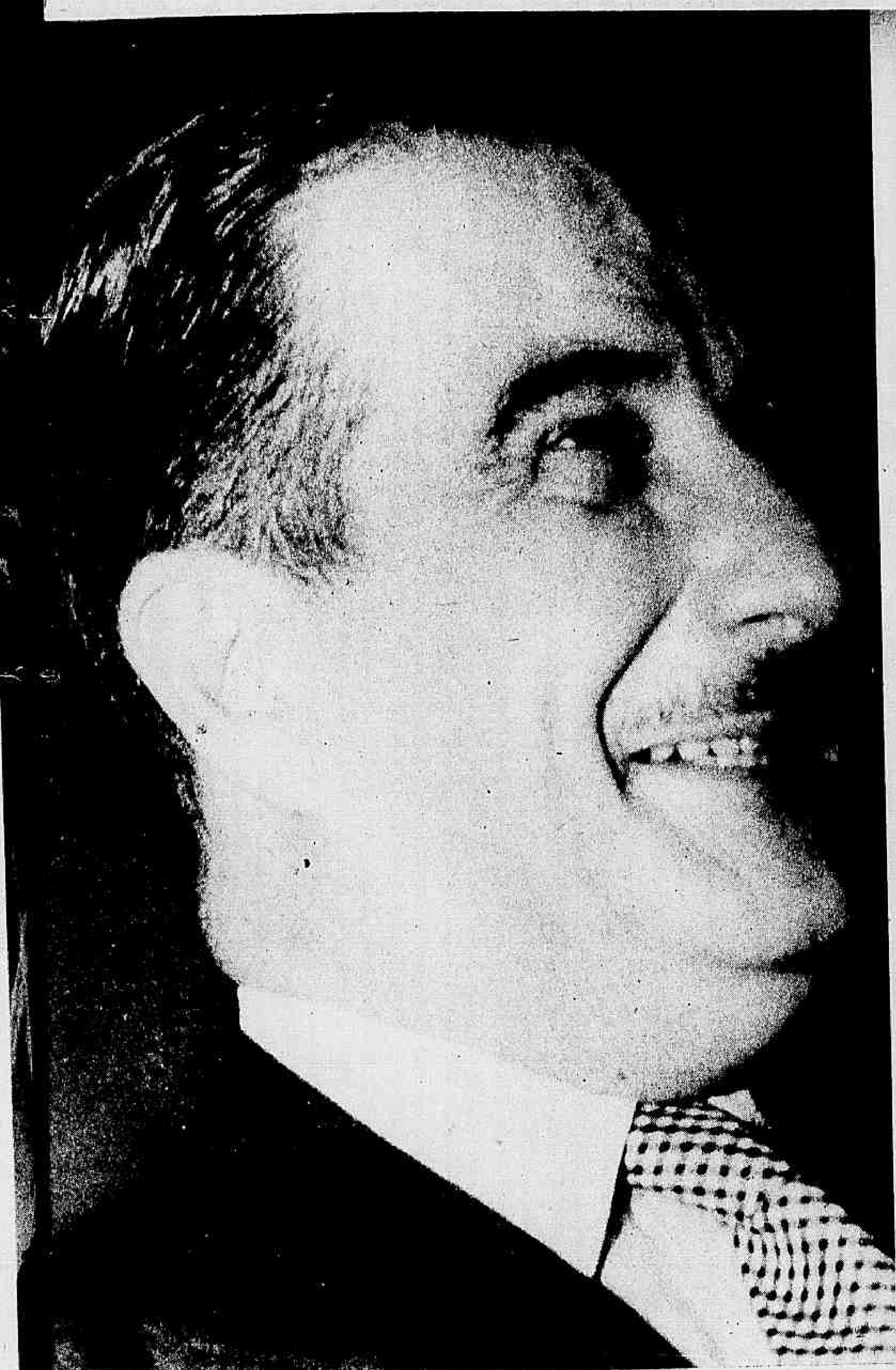
HERMANOS, HERMANOS... bueno, en la foto el señor Bautista Luzardo e su gran amigo e Dios: Juan Domingo Peron.



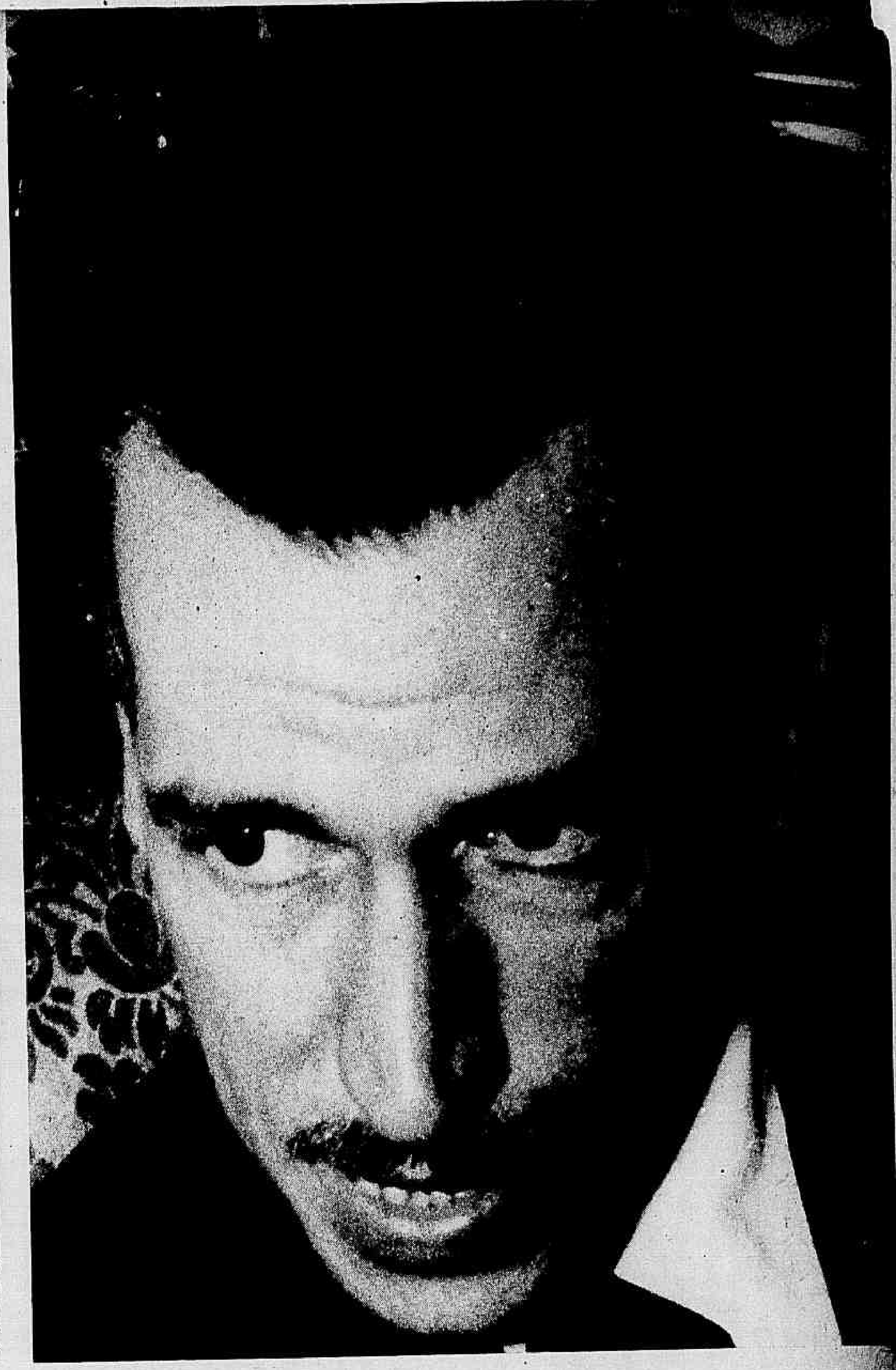
A CABEÇA DA VACA ilustra a capa do livro com que Peron procura demonstrar a superioridade da carne argentina.



LIVRO DE PERON EM PORTUGUÊS. Dêle consta: «Caminhamos para um Estado Sindicalista», afirmativa de Peron.



O SORRISO DO SENADOR Artur Bernardes Filho demonstra o seu contentamento pelo sucesso das bolinhas de sua invenção.



PERÍODO NEGRO DA DIPLOMACIA BRASILEIRA foi a permanência de Batista Luzardo à frente da Embaixada, disse Mário Martins.

dades de seu povo e sonhou com a hegemonia na América do Sul, inclusive com a anexação de três Estados brasileiros à República Argentina, conforme documentos que publiquei em meu trabalho, já do conhecimento geral», finalizou o sr. Mário Martins.

★

Temos um novo Embaixador para a Argentina. É o sr. Orlando Leite Ribeiro, aquêle mesmo que ficou famoso por suas relações de amizade com Luís Carlos Prestes. Não que isso deponha contra o novo Embaixador. Não constitui crime algum o fato de se ser amigo de A ou de B. Mas a realidade é que, justamente por suas ligações, nunca ocultadas, com o chefe vermelho, o nome do sr. Orlando Leite Ribeiro mereceu inúmeras restrições do Senado Federal, tendo, mesmo, o senador Bernardes Filho redigido um requerimento, chamando o diplomata, em sessão secreta, para que revelasse à Casa os seus conhecimentos sôbre a política brasileira no Prata. Ao que tudo indica, o Embaixador convenceu os Senadores, porque, por incrível que pareça, a tal sessão secreta ficou secreta mesmo. Tão secreta que o nome de Leite Ribeiro foi aprovado, de raspão é verdade, e nada mais transpirou sôbre o caso. Ao senador Bernardes Filho deve, também, o Senado a nova modalidade, agora observada, na aprovação dos nomes indicados pelo Presidente da República, que até então dava margem a votos em branco, ou melhor, a abstenções. Segundo o requerimento Bernardes, já aprovado e estreado com Leite Ribeiro, a contagem de votos é feita por meio de pequenas bolas, brancas e negras. Assim, os srs. senadores não mais poderão fugir à responsabilidade de sufragar ou vetar os nomes que a Presidência da República submete à Câmara Alta. De agora em diante, nada de «corpo fora»: ou aprovam ou vetam, eis o remédio.

Verdadeira batalha foi a que travamos com o novo representante brasileiro no Prata. O sr. Orlando Leite Ribeiro, que por ocasião da aprovação de seu nome pelo Senado nos havia prometido uma entrevista exclusiva, passou sistemàticamente a evitar o repórter. Depois de inúmeras tentativas conseguimos, telefônicamente, falar com o Embaixador que, agora, nos mandava aguardar fôsse o decreto de nomeação sancionado pelo Presidente da República, para depois, então, dar a entrevista. Que motivos, outros que não êsse da nomeação, poderiam ter levado o sr. Orlando Leite Ribeiro a tal atitude? O certo é que o Embaixador não falou. Não disse nada a ninguém, nem a revistas ou jornais e o próprio noticiário radiofônico comportou-se discretamente em relação a sua pessoa. O sr. Leite Ribeiro, tão parlador e acessível quando se trata de assuntos de suas relações pessoais (Luís Carlos Prestes) e tão afoito a ponto de, pùblicamente, se empenhar num corpo a corpo em defesa de sua honra, (caso do ex-chefe de Polícia Ciro Rezende) fugiu entretanto do repórter como o diabo da cruz . . . É o Embaixador do Silêncio. Não confundir com o clube Embaixada do Silêncio. É o ministro discreto, «ciente e cioso» de suas responsabilidades no novo pôsto. Mas, escolhido que foi para a difícil missão de fazer ressuscitar nos argentinos a certeza de que o Brasil é uma terra democrática, incapaz de negar acolhida a todo e qualquer refugiado político, seja êle de que partido ou nacionalidade fôr, desejamos boa sorte em seu trabalho e, sobretudo, que não se esqueça de lembrar ao sr. general Juan Domingo de Peron que no Brasil democrático de hoje, apesar dos anos, Saenz Peña é lembrado com grande carinho e que nós, que não jogamos boletins em seu país e que não tiroteamos seus patrícios, acreditamos ainda na divisa de que TUDO NOS UNE, NADA NOS SEPARA!, apesar dos inoportunos boletins e de suas idéias revisionistas de fronteiras, simplesmente porque isentamos o nobre povo argentino das responsabilidades que devem caber única e exclusivamente ao atual govêrno de Buenos Aires. Boa sorte, pois, ao sr. Orlando Leite Ribeiro, cuja atuação é objeto de grande expectativa e cuja primeiríssima tarefa junto ao sr. Peron será a de recitar-lhe o dito popular brasileiro: Cada macaco no seu galho . . .

ATENÇÃO! AGUARDEM!



Um manancial de informações, contendo entre outros mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONAUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO.

★

Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECANICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc. UM ROMANCE COMPLETO. UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR E OUTROS ASSUNTOS.

★

As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

Almanaque
EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA.

TERMINA A VIAGEM SEM FIM

O'BRIEN: Não sou o que dizem

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM MICHAEL O'BRIEN ★ DESMENTE AS ACUSAÇÕES ★ QUER VIVER EM PAZ ★ FALA O ADVOGADO WALTER DE AQUINO, EXCEPCIONALMENTE ★ PEQUENA HISTÓRIA DO "JUDEU ERRANTE"

Reportagem de A. ALBUQUERQUE

TERMINOU a viagem, que parecia não ter fim, do viajante do «Bretagne», Michael Patrick O'Brien, também cognominado como o novo judeu errante. Foi o advogado brasileiro Walter de Aquino o responsável pelo «habeas corpus» interposto em favor de O'Brien, junto ao titular da 15ª Vara Criminal, juiz João Claudino de Oliveira Cruz, por ordem de quem pôde, afinal, desembarcar o aventureiro apátrida. Mas será mesmo O'Brien um aventureiro? O «Times» afirma que sim, embora O'Brien o negue de forma mais categórica. Nota interessante: o dr. Walter de Aquino, do Departamento Jurídico do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, onde faz jus a um partido de quarenta e cinco contos mensais, o impetrante do «habeas corpus» que possibilitou o desembarque de O'Brien, não compareceu a bordo do «Bretagne» e, até o momento em que esta reportagem estava sendo escrita, ainda não tinha sequer se avistado com o seu «constituinte», a quem nunca jamais viu e, conforme declara adiante, a quem ajudou apenas levado pelo espírito de solidariedade humana. Mas, vamos a O'Brien. Logo após ter pisado em terra firme, foi o «eterno viajante» metido num carro da Embaixada Dominicana e, depois disto, desapareceu completamente. A imprensa protestou contra aquilo que poderia ser chamado de «monopólio de O'Brien», uma vez que o secretário da referida representação estrangeira, sr. José Villanueva Jr. havia dado sumiço ao homem e da maneira mais categórica. Quando nossa reportagem se colocou em campo em busca do mais famoso viajante de todos os tempos, não foi sem grande esfôrço que conseguiu localizar o secretário dominicano, bem como o seu «hóspede» O'Brien. Catamos o sr. Villanueva, das 18 as 24 horas do dia 21 do corrente e, sòmente às 7 da manhã de 22 nos foi possível encontrá-lo. Convencer o diplomata do nosso intento, e chegar à frente de O'Brien foi mais difícil do que convencer o sr. Janot Pacheco da ineficiência de seu processo para provocar chuvas... Enfim, eis Michael Patrick O'Brien. Fomos vê-lo na própria Embaixada Dominicana. É alto, deve estar pesando seus 75 quilos e apresenta a falta de três dentes inferiores. Tem tatuadas na mão direita duas águias e na esquerda uma só. Está pálido e seu olhar revela um cansaço que dura anos. Tem rugas no rosto. Os olhos são profundos e seu sorriso é amargo como são todos os sorrisos daqueles que já sofreram os desenganos da vida.

Afinal, quem é o senhor? De onde vem e o que fêz na vida capaz de justificar a perse-



O'BRIEN: NÃO SOU O QUE DIZEM



O ADVOGADO DO DESTINO, dr. Walter de Aquino, aparece nesta foto com o processo de O'Brien às mãos. Fêz o bem sem saber a quem.

guição que está sofrendo? — «Sou Michael Patrick O'Brien. Nasci na cidade de Tacoma, Estado de Washington, nos Estados Unidos. Embora digam que tenho 58 anos, tenho, em verdade, 51. Vim ao mundo no dia 15 de Junho de 1902, naquela cidade americana, ao que sei. Sou filho de pais estrangeiros e sempre me acreditei americano. Pelo menos meu coração sempre o foi. Nunca fui contrabandista. Nunca comerciei com mulheres ou tóxicos. Olhe meus braços, por favor. Veja se encontra nêles a menor picada de agulha, e o senhor sabe que, sem exceção, todos os que fazem o negócio de entorpecentes são viciados. Mas eu não sou nem nunca fui dado a entorpecentes. São falsas, absolutamente falsas, as acusações que me fazem. Tudo partiu de uma notícia publicada pelo «Times». Nunca pensei que uma simples nota de jornal pudesse desgraçar a vida de um homem mas...» — Insistimos, então, com mais outra pergunta: Mas, por que razão ficou o senhor, pelo espaço de um ano, prisioneiro a bordo da barcaça «Lee Hong», vagando entre Macau e Hong Kong? Com voz cansada, O'Brien responde: — «Tudo nasceu de uma falha em meus documentos, quando em Hong Kong pretendi desembarcar, de volta de Macau. As autoridades portuguêsas haviam visado um passaporte meu que, ignoro o motivo, não foi aceito pelos inglêses. Assim, também os portuguêses, depois da negativa britânica, passaram a fazer restrições ao mesmíssimo passaporte que antes haviam aceito e mesmo visado. Como o «Lee Hong» fôsse um barco pequeno, que só tocava nos portos de Macau e Hong Kong, que fazer então, senão ficar a bordo? Fiz nada menos que 296 viagens redondas num barco que jogava mais que uma casca de noz. Dizem que briguei com dois capitães de bordo. Mentira. O que aconteceu foi que, indignados com a minha presença, sempre a bordo, quiseram restringir minha alimentação, ou seja, tentaram negar-me a comida destinada aos passageiros para me dar aquela que era servida aos tripulantes chineses. Protestei, é verdade; e foi daí que o «Times» fêz a nota a que já me referi. Quando, por intermédio do Conselho Mundial das Igrejas, que tem por sede a cidade de New York, soube que as autoridades brasileiras de Hong Kong, por intermédio do cônsul geral, me haviam dado permissão para vir para o Brasil, o meu coração tremeu de emoção, pois, enfim, iam terminar os meus padecimentos. Experimente o senhor, que é livre, ficar viajando entre um pôsto e outro do mundo, sempre no mesmo barco e vendo as mesmas caras... para ver o que é o mar e a solidão» — disse-nos O'Brien.

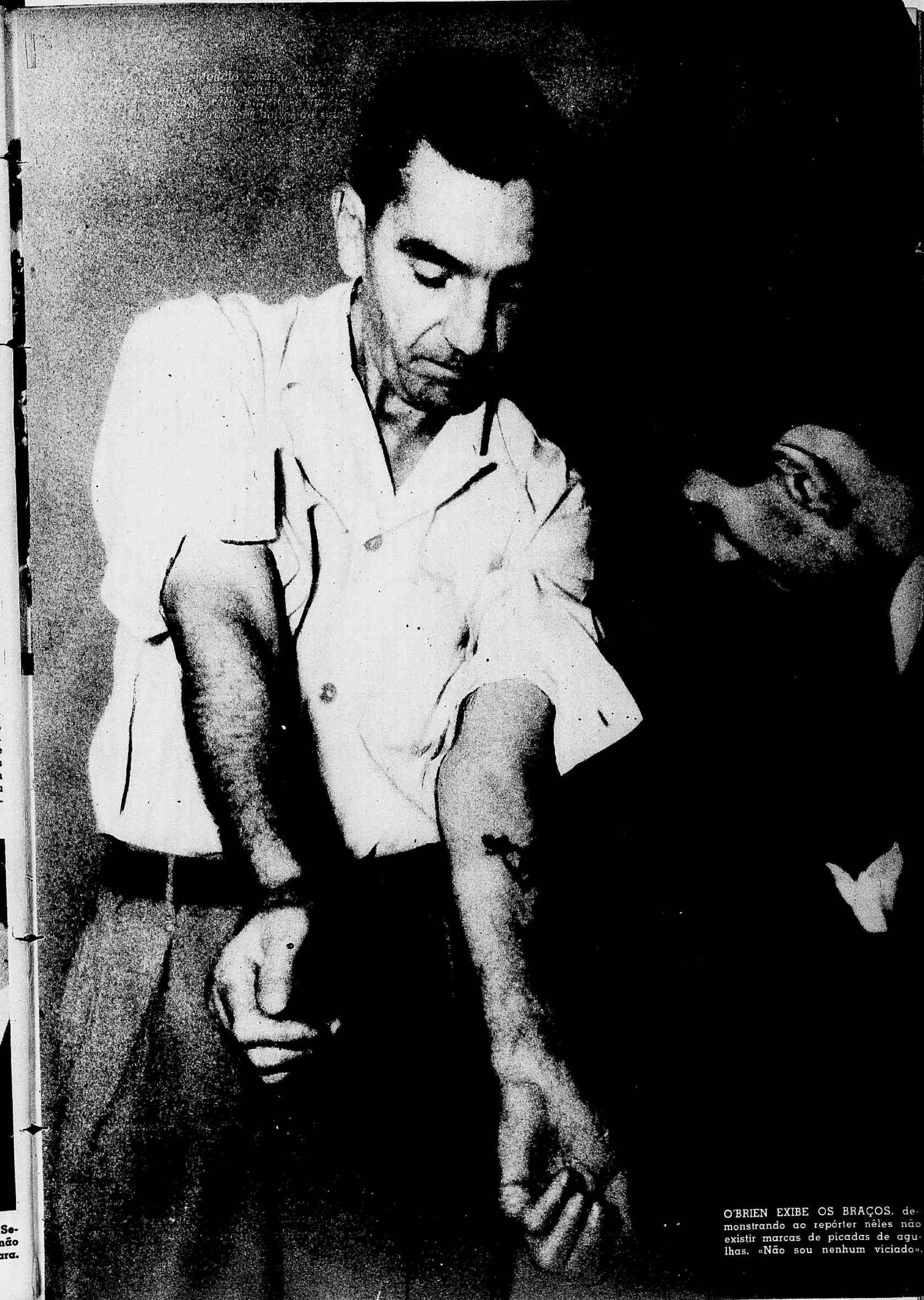
Como se sabe, foi O'Brien casado, nos Estados Unidos, com a sra. Helen O'Brien, com quem viveu também em Shangai e de cuja união nasceu uma menina. A sra. Helen vive hoje no Brasil, porém divorciada de O'Brien. Consta que é funcionária de uma emprêsa americana. Dela não tem a imprensa maiores informações, uma vez que, desligada do marido, acha que nada mais tem a ver com os seus negócios ou complicações.

Mais uma pergunta: E sua espôsa, o que sabe o senhor dela? — «Minha espôsa, não. Sou divorciado, não tenho mais nenhum vínculo com Helen. Êsse é um lado de minha história que peço permissão para silenciar. Li o que publicou a revista do senhor — continuou O'Brien — e posso assegurar que a maior parte da história não corresponde à verdade. Vivi, sim, em Blood Alley, conforme aludiu sua revista, porém lá vivem homens honestos e trabalhadores. Porém, sei que a única fonte de que os senhores dispunham eram as palavras com que o «Times» pintou o meu caso. Não sou um homem sem ofício. Sou engenheiro náutico, chofer, barbeiro e até carpinteiro. Sempre trabalhei para o meu sustento. Sou aquilo que nós na América chamamos de «Jack of all trades» ou seja, «um homem de todos os ofícios». Sabíamos que, segundo uma última versão dada ao «affaire», O'Brien fôra obrigado a deixar os Estados Unidos depois de ter cumprido 5 anos de uma pena de 20 a que fôra condenado por assalto a mão armada, tendo a sentença do Supremo Tribunal, quando após cinco anos de cativeiro de O'Brien, estabelecido ao conceder-lhe livramento condicional, que saísse do país com destino a China, onde deveria aguardar se estinguissem os restantes 15 anos de sua condenação. Se a notícia tiver veracidade, então O'Brien, quando do ocorrido no «Lee Hong», estava rigorosamente observando as determinações da justiça americana. Indagado sôbre a veracidade da versão, assim respondeu: — «Eu já sofri demais. Nenhuma justiça, de nenhum país, está interessada em minha pessoa. Peço que o senhor me desculpe, porém estou cansado e quero ficar só. Aliás atendi, excepcionalmente, a sua revista. Logo mais ainda tenho que dar uma entrevista coletiva a tôda a imprensa e preciso repousar». Nesta ocasião tentamos ainda uma última pergunta: A sua permanência no Brasil é definitiva ou vai mesmo aceitar o oferecimento da República Dominicana? O'Brien pisca os olhos, lança sua vista em direção do vigilante dr. Villanueva e diz: — «Bem, eu gostaria muito de ficar no Brasil. Grande terra, já por mim conhecida através de livros e da escotilha do «Bretagne», porém as atenções do dr. Villanueva e do govêrno Dominicano para comigo merecem uma retribuição. Também ao advogado que me libertou, a quem ainda não conheço, eu muito desejaria falar. Mas, parece que vou mesmo embora; porém não antes de apertar a mão dêsse advogado brasileiro». Foram as palavras finais de Michael Patrick O'Brien, o ex-judeu errante que agora tem duas pátrias — o Brasil e a R. Dominicana — para acolhê-lo, o que, para êle que antes não tinha nenhuma... é muita coisa.

Fomos completar nossa reportagem com o advogado Walter de Aquino. Jovem ainda, por fôrça queria evitar fôsse fotografado. Foi quase um segundo O'Brien... em matéria de negativas. Mas, certo da nossa firme disposição de conseguir o nosso intento, custasse o que custasse e de que não seria êle objeto de nenhum sensacionalismo barato, aquiesceu. — «O que tive por Michael Patrick O'Brien — disse-nos o dr. Aquino — foi apenas um gesto de solidariedade humana. Desde há muito sua história me fascinou e, depois de ler tudo o quanto se publicou a favor e contra sua pessoa resolvi intervir; o que fiz através do pedido de «habeas corpus» que todos conhecem. O que mais contribuiu para que eu tomasse a atitude que tomei, foi o fato de acusarem O'Brien por ter residido no «Blood Alley» — beco do sangue — de Shangai, fato que era apresentado como se isto constituísse crime. Eu pergunto se o capelão da prisão de Sing Sing também é criminoso, pelo simples fato de residir no presídio.» O dr. Walter de Aquino rebusca à mesa, puxa o processo de O'Brien e continua: — «Sou um homem que não quer publicidade. Peço a todos que me interpretem bem. Agi apenas em nome da solidariedade humana. Que diabo, então nós não temos uma carta que assegura os direitos do homem? O'Brien sofreu demasiadamente e, caso tivesse algum crime, êste já estaria pago, e muito bem, pelos anos que passou encarcerado em porões de mais de um navio. Eu não fui ao desembarque de O'Brien a quem, como se sabe, não conheço e de quem não tive sequer procuração para defender. Vou vê-lo, é verdade, pois desejo cumprimentar o homem que experimentou tantos sofrimentos. O caso de O'Brien — prossegue o dr. Aquino — despertou tanta piedade no nosso povo que tenho recebido inúmeras cartas, uma das quais, que ainda não abri, contendo dinheiro, como se pode perceber. Porém vou entregá-lo a O'Brien. Peço que nada mandem para mim, pois o que fiz e as pequenas despesas que tive nada representam em face da liberdade dêste homem que sofreu em pleno século vinte os castigos que se aplicavam no tempo dos navios negreiros».



O APÁTRIDA E O SEU NOVO PROTETOR. Em companhia do sr. José Villanuena Junior, 1º Secretário da Embaixada da República Dominicana, posa Michael Patrick O'Brien. O diplomata não se limitou apenas a conceder «hospedagem» a O'Brien. O escondeu como se fôra uma jóia rara.



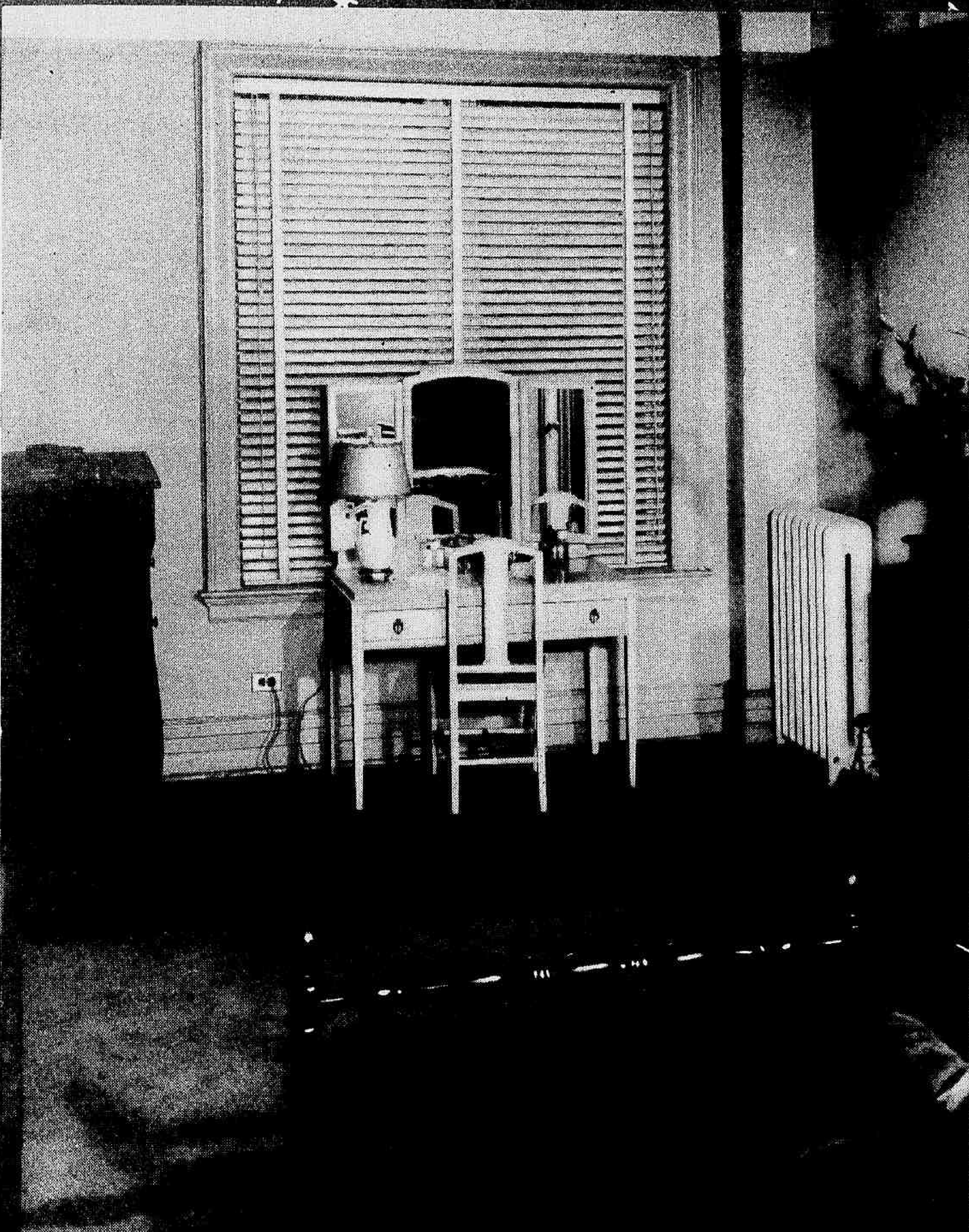
O'BRIEN EXIBE OS BRAÇOS, demonstrando ao repórter nêles não existir marcas de picadas de agulhas. «Não sou nenhum viciado».

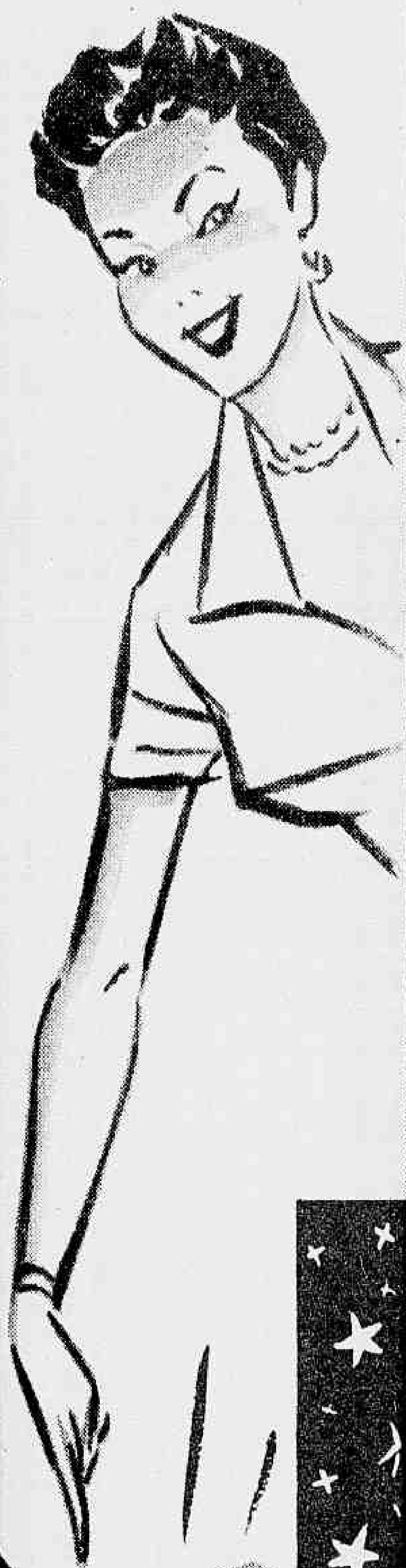
Se-
não
ara.

ÚLTIMO FLASH



ÉSTE é o deputado Euzébio Rocha (P.T.B., São Paulo), que durante a fase mais intensa do inquérito que apurou as relações de "Última Hora" com o Banco do Brasil, pronunciou na Câmara dos Deputados um discurso acusando o sr. Assis Chateaubriand, à frente dos "Diários Associados", de ter recebido favores oficiais e de manter, em aberto, dívidas vultosas contraídas no Banco do Brasil, atendeu à solicitação da Comissão Parlamentar de Inquérito e, a 19 dêste mês, depôs perante aquela Comissão, ratificando as acusações feitas da Tribuna da Câmara e entregando ao Presidente Castilho Cabral vários documentos a que aludiu. O depoimento do deputado Euzébio Rocha, (que é o denunciante e a primeira testemunha dêste novo inquérito, já estando arrolados para depor os srs. L. F. Bocaiuva Cunha e Rafael Corrêa de Oliveira), transcorreu em ambiente pouco concorrido, mas lá estava, atento e, por vêzes, trocando confidências com o deputado Armando Falcão, o jornalista Carlos Lacerda, denunciante e 1ª testemunha do inquérito "Última Hora"-"Érica".







Óleo de peroba, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos moveis velhos.



ATENÇÃO! AGUARDEM!



Um manancial de informações, contendo entre outros mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONAUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO.

★

Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc. UM ROMANCE COMPLETO. UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR E OUTROS ASSUNTOS.

★

As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

Almanaque

EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA.